

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

SIMONE MAXIMO PELIS

SILÊNCIO NA AFASIA

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

SIMONE MAXIMO PELIS

SILÊNCIO NA AFASIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Desenvolvimento da Língua(gem) Típica e Atípica

Orientadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

P436s	<p>Pelis, Simone Maximo. Silêncio na afasia. / Simone Maximo Pelis; orientadora: Nirvana Ferraz Santos Sampaio. – Vitória da Conquista, 2024. 107f.</p> <p>Tese (doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024. Inclui referência F. 96 – 101.</p> <p>1. Afasia. 2. Neurolinguística. 3. Silêncio. I. Sampaio, Nirvana Ferraz Santos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III</p> <p style="text-align: right;">CDD: 410</p>
-------	--

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção* — CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Silence in Aphasia

Palavras-chave em inglês: Aphasia; Neurolinguistics; Silence.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Nirvana Santos Ferraz Sampaio (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB); Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (UESB); Prof. Dr. Marcus Vinícius Borges Oliveira (UFBA) e Profa. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo (UNICAP) – Membros Titulares

Data da defesa: 08/05/2024

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6926-240X>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8472584800081241>

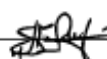
SIMONE MAXIMO PELIS**SILÊNCIO NA AFASIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Data da aprovação: 09 de maio de 2024.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Ass.: 


Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires
Instituição: UESB - Membro Titular

Ass.: 


Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: 

Profa. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
Instituição: UNICAP – Membro Titular

Ass.: 

Prof. Dr. Marcus Vinicius Borges Oliveira
Instituição: UFBA – Membro Titular

Ass.:  **MARCUS VINICIUS BORGES OLIVEIRA**

Documento assinado digitalmente
Data: 15/05/2024 11:06:55-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Elaborar uma tese não é possível sem a colaboração de instituições e de pessoas que direta ou indiretamente dão suporte para o pesquisador seguir o árduo percurso de uma pesquisa, em especial, em meio à Pandemia. Por isto, essa seção é especificamente sobre gratidão.

Inicialmente agradeço à Deus pela preservação da minha vida e a de meus familiares e amigos, especialmente por nos permitir atravessar pelo vale da sombra da morte. Vale que nos aterrorizou a todos, gritou sobre nós, todos os dias durante o biênio 2020 a 2022.

Agradeço à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) por possibilitarem a realização desta tese, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por fomentar, apoiar e financiar, as pesquisas e atividades do PPGLin da UESB.

Agradecimento especial às Profa. Dra. Conceição, Profa. Dra. Vera, a Vanêide e a Luciana, que se fizeram audíveis quando, o silêncio, repleto de reticências e interrogações, nos empunhou o caos.

Neste momento, agradeço aos professores Adilson Ventura da Silva (UESB), Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB); Marcus Vinícius Borges Oliveira da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), por aceitarem compor a banca de qualificação desse trabalho, contribuindo com valiosas sugestões e contribuições. Agradeço, por estarem na defesa deste trabalho e agregarem reflexões essenciais para o constructo dessa reflexão, que espero não terminar aqui, fluindo em artigos e outros trabalhos.

Em especial, gratidão à Prof. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, que em meio ao caos imposto pelo momento pandêmico, foi bem mais que o professor que orienta. Foi a pessoa que acolheu nossas aflições pessoais e acadêmicas, que segurou a nossa mão, esteve junto, chorou junto, e foi suporte. Aos meus colegas do Grupo de Pesquisa em Neurolinguística (GPEN) que foram os elos que fez do ECOA a âncora para ressignificação para cada participante, afásico e não afásico. Em especial, Debora Evelyn, Gabriela Cangassu, Iva Cota, Tamiles, Elizangela Cardoso, Brenna Caires, entre tantos outros elos de força, de amizade, e de compartilhamento.

Falar em elos, gratidão à forte corrente formada por amigos e familiares: as amigas Marcela Bial, Neide Lucia, Marlene Gamarra, Ana Marta, minha mãe que à distância me

protegeu com suas orações, meu irmão Marco, minha cunhada Nancy, meus sobrinhos Thiago, Rafael e Daniel, meus filhos, Nan e João, que foram meu suporte, meu porto seguro.

Gratidão a J e a MJ e suas respectivas famílias pela confiança, e por contribuírem para essa pesquisa.

E a todas as pessoas, mesmo sem a figuração de seus nomes, que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho dedico meu sentimento de reconhecimento e gratidão.

O ato de falar é o de separar, distinguir, e paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evitá-lo. Este gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de sedentarização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e sujeito se movem largamente. Em suma: quando o homem individualizou (instituiu) o silêncio como algo significativamente discernível, ele estabeleceu o espaço da linguagem (Orlandi, 2007 [1992], p. 27).

RESUMO

Identificar o silêncio na linguagem da pessoa com afasia é o primeiro objetivo que move a escrita desta tese. Mais especificamente, é objetivo deste trabalho descrever o silêncio, e, se possível, tipificá-lo como parte de um sistema alternativo de significação. Acredita-se que o silêncio é uma janela para promover à pessoa com afasia, um caminho novo para reorganização da linguagem. Por considerar a reapropriação da história do sujeito, e a retomada dessa construção, a Neurolinguística Discursiva suporta teórica e metodologicamente esta tese. A linguagem não é a história do homem, mas ela constrói essa história (Franchi; Fiorin; Ilari, 2011, p. 11). O silêncio é linguagem, mesmo na afasia. Carrega sentidos, fundamenta ditos e não ditos. Para validar a hipótese que o silêncio é parte de um processo alternativo de significação, apresentam-se dados e análises extraídos de registros de acompanhamento longitudinal de dois sujeitos afásicos. Dessa forma, como conclusão da pesquisa, acredita-se contribuir para um novo olhar sobre o sujeito com afasia, que, apesar da alteração de linguagem, ainda é sujeito. Assim, o afásico na linguagem se constitui, e por ela é constituído, seja na manifestação verbal ou não verbal.

PALAVRAS-CHAVE

Afasia; Neurolinguística; Silêncio.

ABSTRACT

Identifying silence in the language of people with aphasia is the first objective that drives the writing of this thesis. More specifically, the aim of this work is to describe silence, and if possible, typify it as part of an alternative system of meaning. It is believed that silence is a window to promote a new path for language reorganization for people with aphasia. By considering the reappropriation of the subject's history, and the resumption of this construction, Discursive Neurolinguistics supports this research theoretically and methodologically. Language is not the history of man, but it constructs this history (Franchi; Fiorin; Ilari, 2011, p. 11). Silence is language, even in aphasia. It carries meanings, substantiates said and unsaid. To validate the hypothesis that silence is part of an alternative process of meaning, data and analyzes extracted from longitudinal follow-up records of two aphasic subjects are presented. Thus, as a conclusion of this research, we contribute to a new look at the subject with aphasia, who, despite the language disorder, is still a subject. Thus, the aphasic person is constituted in language, and is constituted by it, whether in verbal or non-verbal manifestation.

KEYWORDS

Aphasia; Neurolinguistics; Silence.

RESUMEN

Identificar el silencio en el lenguaje de las personas con afasia es el primer objetivo que impulse la redacción de esta tesis. Más específicamente, el objetivo de este trabajo es describir el silencio y, si es posible, tipificarlo como parte de un proceso alternativo de significado. Se cree que el silencio es una Ventana para promover un nuevo camino de reorganización del lenguaje para las personas con afasia. Al considerar la reapropiación de la historia del sujeto y la reanudación de esta construcción, la Neurolingüística Discursiva sustenta teórica y metodológicamente esta tesis. El language no es la historia del hombre, pero construye esta historia (Franchi; Fiorin; Ilari, 2011, p. 11). El silencio es language, incluso en la afasia. Lleva significados, fundamenta lo dicho y lo no dicho. Para validar la hipótesis de que el silencio es parte de un Sistema alternativo de significado se presentan datos y análisis extraídos de registros de seguimiento longitudinal dos sujetos afásicos. Así, como conclusión de la investigación, se cree contribuir a una nueva mirada sobre el sujeto con afasia, quien, a pesar del cambio de language, sigue siendo un sujeto. Así, la persona afásica se constituye en el language y se constituye por él, ya sea en manifestación verbal e no verbal.

PALABRAS CLAVE

Afasia; Neurolingüística; Silencio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – AVC em números, 2023.....	18
Figura 2 – O Hemisfério.....	25
Figura 3 – O cérebro.....	26
Figura 4 – Anatomia do cérebro.....	27
Figura 5 – O Mapa de Gleisser.....	29
Figura 6 – Representação do Silêncio.....	47
Figura 7 – A Gangorra.....	49
Figura 8 – Atividades interativas para afásicos.....	59
Figura 9 – Atividade no Ecoa.....	67
Figura 10 – Pare (parede).....	78
Figura 11 – Os Primeiros Registros.....	80
Figura 12 – Tentativa de Escrita do Nome.....	80
Figura 13 – A Escrita do Nome.....	81
Figura 14 – Dia do Circo.....	86
Figura 15 – Quebrando o Gelo.....	88
Figura 16 – Sem Contexto.....	89
Figura 17 – Montando Nomes.....	89
Figura 18 – Cards Coloridos.....	90
Figura 19 – A Música como Torque.....	91
Figura 20 – Insatisfação.....	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação de Luria	22
Quadro 2 – Tipos de Silenciamento	43
Quadro 3 – Identificação dos Participantes.....	73
Quadro 4 – Naquele São João	74
Quadro 5 – Início da fala.....	83
Quadro 6 – Meu lugar	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVC	Acidente Vascular Cerebral
AVCi	Acidente Vascular Cerebral Isquêmico
AVE	Acidente Vascular Encefálico
BDN	Banco de Dados em Neurolinguística
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCA	Centro de Convivência de Afásicos
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DATASUS	Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde
DCET	Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas
ECOA	Espaço de Convivência entre Afásicos e Não-afásicos
EPIs	Equipamentos de Proteção Individual
GPEN	Grupo de Pesquisa em Neurolinguística
HSA	Hemorragia Subaracnóide
IEL	Instituto de Ensino da Linguagem
LAPEN	Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística
MUC	Memória, Unificação e Controle
ND	Neurolinguística Discursiva
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPGLin	Programa de Pós-Graduação em Linguística
RNMF	Ressonância Nuclear Magnética Funcional
Sarah	Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação Associação das Pioneiras Sociais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 AFASIA, ALTERAÇÃO DE LINGUAGEM	18
3 O CEREBRO DINÂMICO, COMPLEXO E FLEXÍVEL: DO ORGÂNICO À CONCEPÇÃO DE LURIA	25
3.1 Características e Funções.....	26
3.2 O mapa Funcional de BRODMANN	27
3.3 A Complexidade do Cérebro	30
4 A LINGUAGEM: CONSTITUI O EU, REFLETE O MUNDO	35
4.1 Linguagem e memória.....	37
4.2 Linguagem (verbal e não verbal) e Afetividade.....	41
4.3 Linguagem, silenciamento e silêncio	42
4.3.1 <i>A complexidade do Silêncio</i>	45
4.3.2 <i>Linguagem, sentido e ressignificação</i>	51
4.3.2.1 Silêncio, Música e Ressignificação	52
4.3.3 <i>Linguagem em movimento</i>	53
4.3.4 <i>O tu, o outro, o interlocutor agindo como moinho de vento</i>	54
5 INTERRUPÇÃO DA LINGUAGEM: SILENCIAMENTO FISIOLÓGICO, CRÍTICA A AVALIAÇÃO E REABILITAÇÃO DESCONTEXTUALIZADAS	56
5.1 Acidente Vascular Encefálico (AVE).....	56
5.1.1 <i>AVE Isquêmico</i>	56
5.1.2 <i>AVE Hemorrágico</i>	57
5.2 Avaliação e “reabilitação” nas afasias	58
6 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	60
6.1 Sujeito de Linguagem.....	62
6.1.1 <i>Apresentando SUJEITO 1 - MJ</i>	63
6.1.2 <i>Apresentando SUJEITO 2 - J</i>	64
6.2 Sobre a emergência de dados da amostra	65
6.3 Sobre as questões éticas.....	65
6.4 Sobre a condução das atividades sistematizadas nas situações enunciativo-discursivas	66
6.5 A Neurolinguística e o Espaço de Convivência entre Afásicos e Não Afásicos (ECO)	67

6.6 Acompanhamento Híbrido durante a Pandemia.....	70
6.7 Ressignificando o Caminho	71
6.8 Sobre a identificação dos sujeitos.....	73
7 DADOS E ANÁLISES	74
7.1 São João	74
7.2 Primeiros Rabiscos	76
7.3 Emoção e Vínculo	77
7.4 Parede	78
7.5 Escrita do Nome.....	79
7.6 Início do uso da fala.....	82
7.7 Contando histórias, evocando memórias, revelando o eu	84
7.8 Desafio vencido: o dia do circo	85
7.9 Quebrando o gelo.....	87
7.10 Inerte na Gangorra.....	89
7.11 O Torque – retorno ao movimento	90
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE	102
APÊNDICE A – TCLE	102
ANEXO.....	106
ANEXO A – Normas de Transcrição Utilizadas nesta Tese	106

1 INTRODUÇÃO

No fazer em Psicologia, a escuta clínica se realiza na atenção à palavra dita, no discurso dito, não dito e a dizer. O não dizer exige minuciosa atenção a outras formas de comunicação, assim, o sentido que emerge na ausência das palavras é essencial na investigação em um processo terapêutico. A pausa duradora, denominada silêncio, sempre deteve minha atenção. Da atuação como psicóloga, com experiência em Gerontologia, emergiu o interesse em pesquisar o silêncio. Elaborei a pesquisa preliminar que fundamentou a dissertação intitulada “Silêncio: a expressão em uma instituição de longa permanência para idosos”, para responder às seguintes questões: se a linguagem da pessoa idosa é afligida pela institucionalização, se transcorre a ressignificação da linguagem verbal pela não verbal, e se o silêncio, enquanto linguagem, é um dos segmentos possíveis de um sistema alternativo de significação para pessoas idosas. As respostas apreendidas revelaram que “nas instituições de longa permanência, é possível verificar o efeito do silenciamento, o silêncio, no indivíduo em diversas instâncias” (Maximo Pelis, 2020, p. 126). Por se caracterizar como um ambiente disciplinar, o ambiente institucional, em decorrência da coletividade e da padronização, subtrai a individualidade e descaracteriza a identidade do sujeito. É no silêncio, ímpar de história e sentido, que o indivíduo retoma o transbordo de sua singularidade. Isto é ressignificação.

Outra importante conclusão alcançada na dissertação de mestrado foi que:

Todas as possibilidades sobre silêncio não se encerram neste trabalho, em que se apresenta de múltiplas formas e possibilidades. Aqui, tratamos do silêncio na linguagem do idoso institucionalizado, mas o silêncio está em toda parte, constituindo, fundamentando, censurando, na linguagem típica e atípica (Maximo Pelis, 2020, p. 126).

Isso significa que a observação e a análise do silêncio na língua(gem) do longo possibilitou a verificação do silêncio na linguagem, que pode ser comparado ao silêncio acústico por similaridade, e aferido por duração. Assim sendo, o silêncio tem valor na linguagem; pode ser que se aparente em forma de *nada*, contudo ele não é nada. Ele abrange sentidos e possibilidades: o enunciar, o dizer, o interdito, o censurado, fundamenta enunciados, e tudo o que está por vir.

Na mencionada dissertação, destaca-se a relevância da análise cuidadosa do silêncio na linguagem da pessoa longeva institucionalizada. Não se trata apenas de uma observação despropositada, mas sim de uma investigação minuciosa do silêncio como elemento

integrante de um sistema de significados e construtor de sentidos para o indivíduo. Como já dito, o silêncio tem valor na linguagem, e ainda que ele se apresente na forma de *nada*, ele não é nada. Ele é a possibilidade do enunciar, do dizer (Sampaio; Maximo Pelis; Oliveira, 2020). A importância do silêncio, dos sentidos que o preenche e infla, está na condição estruturante do indivíduo enquanto sujeito de sua própria história: o silêncio permite ao indivíduo transbordar sua singularidade, por ser constituído de forma ímpar de sentido e de história (Sampaio; Maximo Pelis; Oliveira, 2020). Ora, o silêncio abordado foi aquele instituído gradativamente a partir de processos de silenciamentos vivenciados por pessoas longevas. No entanto, silêncio e silenciamento estão na linguagem de toda e qualquer pessoa, o que será abordado mais profundamente adiante.

Orlandi (2009 [1999], p. 82), ao denominar política do silêncio, a relação do dito e do não-dito com o poder-dizer, ancora a compreensão do dinamismo dos processos de silenciamento. O processo de silenciamento se dá de diversas formas. Na pesquisa, cujo objeto de estudo foi a linguagem do longo institucionalizado, nos debruçamos sobre o viés social e histórico, dos discursos impeditivos, que, através do não-dito, impõe sua censura frente a fragmentada identidade do indivíduo longo, que, por sua vez, paralisa e, em resposta ao novo, constitui no silêncio, na conformidade, o seu dito indignado (Maximo Pelis, 2020, p. 43).

Contudo, para além do viés sócio-histórico, há outras formas de silenciamento, e, entre os processos de silenciamentos sublinhados, um requer atenção: o fisiológico, que não abrange somente pessoas longevas. Independente de idade, e a qualquer tempo, o silêncio é instituído de forma traumática e fisiológica, como por exemplo: em sujeitos que se tornam afásicos em consequência de acidente vascular cerebral, tumor cerebral ou traumatismo craniano, e que, inevitavelmente, terá outras formas de silenciamentos manifestados, e associados. Durante a pesquisa de mestrado, a rotina como pesquisadora no Espaço de Convivência entre Afásicos e Não-afásicos (ECO), fomentou o convívio com pessoas com afasia. E provocou novas questões: como se manifesta o silêncio estruturante de sentido na linguagem do afásico? É o silêncio mecanismo de resignificação na Afasia? É possível identificar o silêncio na afasia, e diferenciá-lo quando manifesto?

Para responder a essas questões, foi proposta a hipótese que o silêncio identificado na linguagem da pessoa com afasia, tem a mesma função e a mesma importância reconhecidas na linguagem do idoso institucionalizado: o silêncio é estruturante de sentido, faz parte dos processos de significação podendo ser caracterizado como processo alternativo de significação. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa que deu origem a esta tese foi

investigar e identificar o papel do silêncio na linguagem da pessoa com afasia, e o objetivo específico foi descrever a manifestação do silêncio na linguagem da pessoa com afasia, verificando-o enquanto parte de sistema alternativo de significação para a pessoa com afasia, e avaliar a relação discurso – enunciado de afásicos / não-afásicos.

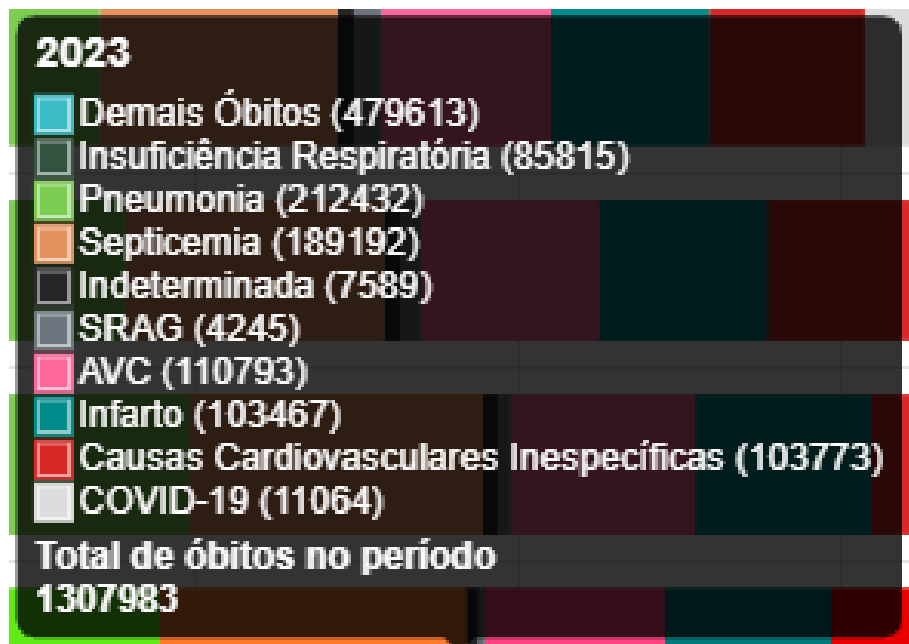
A proposta desta tese é desvelada em oito seções. A introdução como primeira seção. Na segunda seção, apresenta-se a afasia, alteração de linguagem, sua principal causa e outras características. Na terceira seção, será abordado o cérebro desde sua organicidade e anatomia até a concepção mais plural, que, de acordo com Luria, é considerado em seu dinamismo, flexibilidade e complexidade como propriedade singular desse órgão vital, em meio aos processos históricos e culturais extra corticais. Em seguida, apresenta-se a concepção de linguagem que fundamentou a pesquisa: como atividade constitutiva do sujeito, implicada com e pela experiência individual de forma processual e contínua, na organização empírica da afetividade e da memória. Enquanto linguagem, o silêncio é depositário de sentidos, fundação de dizeres, vetor de ressignificação, e resistência em processos de silenciamento, mesmo quando fisiológico. Como exemplo de silenciamento fisiológico, a afasia será exposta na quinta seção deste trabalho, desde a sua caracterização e diferentes classificações, e como exemplo de silenciamento social, será apresentada a relação dos familiares para com a pessoa afásica, bem como a inaptidão ao trabalho causada pelas sequelas do Acidente Vascular Cerebral (AVC). Sobre o caminho para a ressignificação da pessoa com afasia, a sexta seção tratará de analisar o entendimento clássico de reabilitação e o caminho proposto pela neurolinguística discursiva em meio aos processos alternativos de significação. Aspectos metodológicos da construção dessa pesquisa serão apresentados na sétima seção e os dados e análises antecederão a conclusão, oitava seção, deste texto.

2 AFASIA, ALTERAÇÃO DE LINGUAGEM

Nesta seção, primeiramente, será apresentada a afasia e sua principal causa, o acidente vascular cerebral. Por meios de dados estatísticos, será justificada a razão e a importância deste estudo. Em seguida, será apresentada a epistemologia da afasia, de Gall a Lúria, a evolução dos conceitos das teorias localizacionistas, e ao conceito de Lúria, que considera a linguagem resultado de um sistema funcional, que envolve diversas áreas do cérebro, e qualquer alteração neste resultado implica na certeza de algum evento neurológico afetando parte desse sistema.

De acordo com o Portal de Transparência do Centro de Registro Civil do sítio Gov.com, o número de óbito registrado por Acidente Vascular Cerebral no Brasil, em 2023, foi superior a óbitos por infarto, causas cardiovasculares inespecíficas e insuficiência respiratória. É preocupante, o número de ocorrência, sobretudo porque nem todo AVC é fatal, e, quando não, 75% das ocorrências resultam em sequelas significativas e incapacitantes.

Figura 1 – AVC em números, 2023



Fonte: Portal de Transparência do Centro de Registro Civil.¹

Não há dados estatísticos sobre a incidência da afasia no Brasil. Porém é fato que a afasia decorre de diversas doenças neurológicas, e a principal delas é o acidente vascular

¹ PORTAL DE TRANSPARÊNCIA DO CENTRO DE REGISTRO CIVIL. **AVC em números: 2023.** Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral>. Acesso em: 19 de janeiro de 2024.

cerebral. O Ministério da Saúde divulgou, em 2019, que, no período de 2010 a 2016, o AVC foi a segunda maior causa de óbitos de mulheres em todas as regiões, e entre os homens nas regiões Sul e Sudeste, com idade entre 30 e 69 anos (Brasil, 2019). Em 2023, segundo o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no Brasil ocorreram 187.326 internações hospitalares por AVC². Como dito, os dados referentes ao acidente vascular cerebral no Brasil preocupam pelo óbito e pelas sequelas incapacitantes, entre as quais a afasia, o que dá a este trabalho relevância.

A principal causa de incapacidade³ no mundo, o AVC, ocorre quando há interrupção do fluxo sanguíneo devido a um coágulo ou há sangramento causado por rompimento de um vaso. Os sintomas decorrentes desse evento, dependerá da área do cérebro atingida: pode ser fraqueza ou dificuldade de mover um membro ou um lado da face ou parte do corpo, perda de sensibilidade, redução da acuidade visual. Entre as sequelas apresentadas pelo Acidente Vascular Encefálico, há aquela que ocorre quando o hemisfério dominante, o hemisfério da Linguagem, é afetado, o que causa prejuízo ou transtorno da linguagem, a afasia.

Neste ponto, vale revisitar algumas teorias sobre linguagem, inicialmente acreditava-se na linguagem como dom divino, durante o Iluminismo, criam na psiquê como consciência e na linguagem como atributo humano. Há teorias localizacionistas que direcionaram e, em vias gerais, ainda direcionam estudos sobre funções mentais superiores como a linguagem, a memória e a atenção, entre outras. Na Teoria dos Ventrículos, ao longo da Idade Média, somente algumas faculdades mentais, como memória, razão ou senso comum, estaria circunscrita a certas regiões do cérebro, a linguagem, dessa forma, não teria uma realidade nosológica (Morato: 2001, p. 149). A Tese de Franz Joseph Gall, médico alemão, deu origem a Frenologia, com seu auge entre 1810 e 1840, cuja prática media a caixa craniana e relacionava essas medidas ao caráter da pessoa. Ainda no século XIX, a partir dos estudos baseados na alteração da linguagem, Paul Broca, médico anatomista francês, detinha entendimento de afasia como realização motora.

Paul Broca, em 1861, em um encontro da Sociedade de Antropologia, do qual era secretário, apresentou o estudo sobre o cérebro de Leborgne, um homem, que foi seu paciente,

² Dados disponíveis em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/niuf.def>

³ Esta incapacidade retira do mercado de trabalho milhares de pessoas, ocasionando um impacto social bastante significativo, pois aproximadamente 75% das vítimas não fatais do AVC jamais retornam às suas atividades profissionais. Nesse universo, 30 a 40% ficam dependentes do familiar ou cuidador, normalmente acamados e 34% tem demência em um ano, com dificuldade de memória, esquecimentos ou dificuldade de raciocínio. A Organização Mundial do AVC divulga dados alarmantes: a cada 6 segundos, independentemente da idade ou sexo, alguém em algum lugar do mundo morre de AVC. No mundo, dados estatísticos de 2018, demonstram 14,5 milhões casos de AVCs e 5,5 milhões de mortes (Martins, 2020, p. 1).

e, durante os últimos anos que antecederam seu falecimento, apresentou afasia. Nesse estudo, Broca apontou para uma extensa lesão no lobo frontal esquerdo. Concluindo que:

a lesão da terceira circunvolução frontal esquerda (ou da primeira, se começarmos a contar a partir da fissura de Sylvius) tem como consequência a perda total ou a limitação em alto grau da linguagem articulada – sendo que a inteligência e as outras funções da linguagem se mantêm intactas (Freud (2014 [1891], p. 19).

Para ele, apenas a linguagem articulada estaria localizada no hemisfério esquerdo. Treze anos mais tarde, Carl Wernicke, psiquiatra alemão, demonstrou que uma lesão unilateral anterior é suficiente para perturbar a expressão oral, uma lesão do mesmo lado, situada posteriormente no hemisfério, causa frequentes problemas de compreensão da linguagem falada (Lebrun, 1983, p. 130).

Em artigo publicado treze anos após a descoberta de Broca, Wernicke descreveu a perda da compreensão da linguagem, com capacidade da linguagem articulada preservada, e associou tal perturbação de linguagem, à lesão, por ele encontrada, na primeira circunvolução temporal esquerda. Broca, por sua vez, acreditava na equipotencialidade inicial dos hemisférios, no entanto, o desenvolvimento da fala, terá desenvolvimento no hemisfério mais desenvolvido.

Broca e Wernicke apresentaram teorias e descobertas localizacionistas relacionadas à linguagem. Alexander Romanovich Luria, médico e psicólogo russo, baseando-se no pensamento de Hughlings Jackson, sobre o fato de que a organização cerebral dos processos mentais superiores deve ser abordada no ponto de vista da sua construção e não da sua localização, considera que localizar uma lesão não equivale a localizar a função de determinada área no que se refere aos processos como: memória, linguagem, atenção construtos sócio-históricos; diferentemente de funções elementares – tais como sensação cutânea, visão, audição, movimento – que são representadas em áreas definidas do cérebro (Luria, 1981, p. 10).

Roman Jakobson, linguista russo, no século XX, apresenta os primeiros estudos sobre afasia a partir da linguística. Para ele há duas afasias: de emissão e de recepção. A afasia é uma perturbação da linguagem que afeta diversas instâncias da vida do ser humano, uma vez que perturba o processo comunicativo. Esse processo é um sistema constituído de elementos como código, mensagem e contexto, em que o remetente ocupa uma posição inicial no processo de comunicação, e o destinatário ocupa posição terminal em uma relação comunicativa por um canal físico ou de conexão psicológica que capacite a ambos se

conectarem e permanecerem nesta conexão (Jakobson, 1969, p.123), e a linguagem verbal tem funções como a função emotiva, a fática, a conativa, a poética, a referencial e a metaliguação. Para Jakobson a linguagem não é meramente motora, ela exerce muitas funções na comunicação do indivíduo. Jakobson agregou à linguística ao estudo da afasia e abriu portas para novas possibilidades, como a neurolinguística.

De acordo com a abordagem enunciativo-discursiva da Neurolinguística, a afasia é caracterizada por “alterações do processo linguístico de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos os aspectos gramaticais) produzidas por lesão cortical adquirida, podendo ou não se associar a alterações de outros processos cognitivos” (Coudry, 1996a, p. 5).

Retomando Alexander Romanovich Luria, precursor da Neuropsicologia, e relevante para a neurolinguística enunciativo-discursiva, ratifica-se que ele, em um único campo teórico, associou conhecimentos provenientes da neurologia, da psicologia e da linguística. Com seu professor/orientador L. Vigotski apreendeu a importância psicológica da linguagem, no que concerne às conexões pensamento e linguagem, e consciência e linguagem, nas etapas do desenvolvimento humano. À luz das teorias de Vygotsky, Luria devotou-se aos estudos das funções psicológicas superiores, desde sua origem à sua complexa estrutura hierarquicamente organizada. Sendo assim, o papel desse pensamento no estudo da afasia é também importante porque tem como foco o indivíduo que apresenta dificuldades em adquirir ou utilizar adequadamente um código verbal (Lebrun, 1983, p. 4), a partir da desorganização dos mecanismos neurológicos que ocasionam tais dificuldades.

Para Luria, os sistemas funcionais da linguagem, surgem a partir da cooperação de diversas áreas do cérebro. Qualquer anomalia ou lesão, em alguma dessas áreas, irá comprometer a funcionalidade na medida em que um sistema depende da habilidade controlada pela área. A partir da sintomatologia que Luria classifica as afasias, e não a partir da localização.

Pontua-se a visão de Luria que difere da visão de afasiologistas que enfatizam a específica localização da lesão e sua co-relação com os deficits originários (Kagan; Sailing, 1997, p. 29). Para o Neuropsicólogo, muitas e diferentes áreas do cérebro cooperam para formar os sistemas funcionais da linguagem receptiva e expressiva (Kagan; Sailing, 1997, p. 39), logo, a classificação de problemas afásicos (expressivos ou receptivos) apenas sinaliza que há um claro problema naquele sistema funcional.

Quadro 1 – Classificação de Luria

TIPO	PROBLEMAS PRIMÁRIOS	ÁREA CORTICAL	UNIDADE	ZONA
Dinâmica	Impulso da Fala	Lóbulos frontais	III	Terciária
Motora eferente	Movimentos sequenciais elaborados	Pré-central	III	Secundária
Motora aferente	Aferenciação cinestésica motora	Pós-central	II	Secundária
Sensorial	Audição fonêmica	Superior, lóbulo temporal posterior	II	Secundária
Acusticomnástica	Memória audioverbal	Lóbulo temporal médio	II	Secundária
Semântica	Síntese simultânea afetando operações quasispaciais	Zona parietal pósteroinferior e Parietal-temporo-occipital	II	Terciário

Fonte: Afasiologia de Luria (Kagan; Sailing, 1997, p. 40).

Entre as diversas descrições, da ideia simplista que caracteriza a Afasia a partir de números de palavras utilizadas pelo locutor, a complexos sistemas de identificação e descrição das afasias, resultando em tipificação desse tipo de alteração da linguagem, Luria reconhece a importância da aplicação de princípios linguísticos ao estudo da Afasia (Kagan; Sailing, 1997, p. 35) influenciado por Jakobson. Ambos reconhecem a afasia como perturbação da linguagem e descrevem e classificam tais perturbações a partir do aspecto prejudicado nos diferentes aspectos da afasia. Isso quer dizer que é necessário compreender que aspecto da comunicação foi interrompido, doravante sua natureza e organização (Jakobson, 1969, p. 23). Para isso, é importante citarmos dois diferentes modos de apresentação do signo linguístico: a) combinação que conceitua a qualidade de todo signo ser composto de outros signos e também ser parte de outros signos; b) seleção que conceitua a qualidade de um signo ser substituído por outro equivalente em algum aspecto e não em outro. Dessa forma, a linguagem é baseada nesses modos de relação, em uma forma de contiguidade, garantindo no ato de fala a transmissão assegurada de uma mensagem. Sem a contiguidade validada pela equivalência a mensagem não chega ao receptor, não o afeta (Jakobson, 1969, p. 28).

Como dito, a ideia de Luria sobre a classificação das afasias difere das visões localizacionistas. Enquanto Jakobson atribuía a Luria o reconhecimento da importante aplicabilidade de princípios linguísticos aos estudos afasiológicos, era ele, a principal inspiração para o aprofundamento de Luria na perspectiva da relação cérebro e linguagem.

Para Alexander Luria, como aqui exposto, o cérebro é um sistema funcional dinâmico, cuja organização parte de três unidades sob bases estrutural-funcionais (Kagan; Sailing, 1997, p. 21). Cada unidade é parte integrante da organização funcional do cérebro, que se apresenta

da seguinte forma e de forma hierárquica: Unidade 1, a mais primitiva das três, regula a estimulação cerebral, ou o estado da consciência (vigília e sono); Unidade II é responsável por captar, processar e registrar informações ambientais (Kagan; Sailing, 1997, p. 20), e a Unidade III é responsável pelo controle e avaliação (programação, regulação e verificação das atividades). A cognição se realiza a partir da colaboração entre as três unidades em cadeia.

Para o neuropsicólogo, a classificação das afasias é baseada nos papéis das unidades corticais e zonas no sistema funcional da fala e da linguagem (Kagan; Sailing, 1997, p. 37). Por não estarem circunscritas em uma única área no cérebro, as funções superiores demandam áreas corticais diversas e próximas a determinadas regiões, para o pleno desempenho do sistema, quando há comprometimento por dano cerebral. Luria identificou e classificou seis diferentes tipos de afasia relacionados à problemas primários e as áreas de dano corticais, como apresentado no quadro 1, acima.

A afasia Dinâmica, resultante de lesões na parte anterior do lóbulo frontal esquerdo até a área pré-motora, com possível envolvimento de lesões fronto-temporais (Kagan; Sailing, 1997, p. 41), cuja característica é a escassez de output espontâneo.

A Afasia Motora Eferente proveniente do comprometimento da região pré-motora, tem como principal manifestação movimentos sequenciais elaborados, como ocorre por exemplo no estilo telegráfico de fala, ou no agramatismo.

A Afasia Motora Aferente é baseada em cinestesia de fala prejudicada por lesão na porção inferior do giro-pós-central esquerdo (Kagan; Sailing, 1997, p. 43). As pessoas acometidas por essa afasia apresentam dificuldade de articular sons isolados e dificuldade em distinguir sons, cuja articulação se assemelham.

A Afasia Sensorial é derivada de lesão nas zonas secundárias do córtex auditivo, e da região posterior do lóbulo temporal (área de Wernicke). Por afetar a capacidade auditiva fonêmica, o indivíduo irá apresentar um estranhamento de sentidos de palavras. Parafasias e circunlocução são características dessa afasia.

A Afasia Acusticomnética foi relacionada por Luria à porção média do lóbulo temporal, e apresenta como manifestação linguística dificuldade na memória áudio verbal fazendo com que o sujeito tenha dificuldade em reter o que ouviu (Duque; Guirello-Pires, 2019, p. 43).

A Afasia Semântica resulta de lesão de área parietal e zonas sobrepostas, isso quer dizer que há integração dos lobos parietal, temporal e occipital, como resultado há a

manifestação de perturbação de síntese simultânea promovida pela integração dessas regiões dificultando a apreciação de estruturas lógico gramaticais.

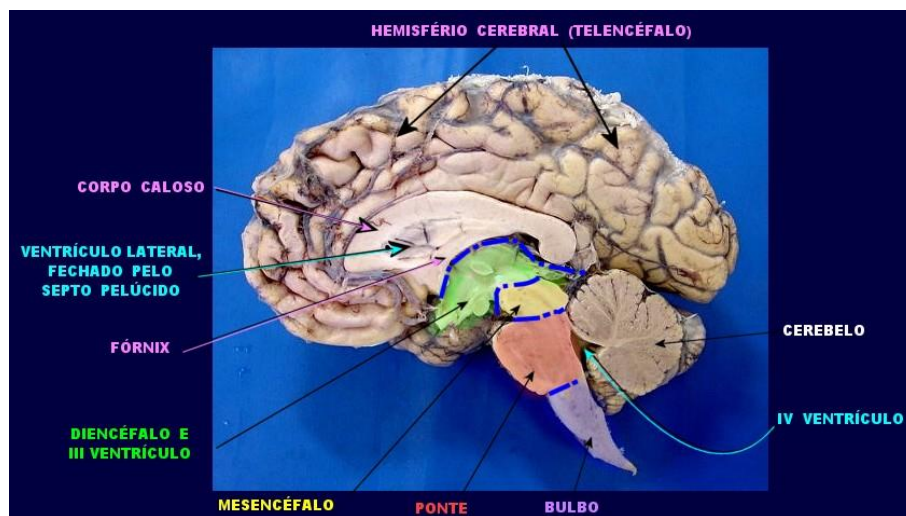
Luria publicou, em 1970, importante artigo que apresentou o cérebro como um sistema de alta plasticidade e funcionamento integrado, mudando a compreensão sobre a afasia. Será apresentado, a seguir, em 3.3, essa concepção luriana sobre o cérebro orquestrado, que fundamenta a visão crítica a respeito de teorias localizacionistas.

3 O CEREBRO DINÂMICO, COMPLEXO E FLEXÍVEL: DO ORGÂNICO À CONCEPÇÃO DE LURIA

Nesta seção será apresentado o órgão que está no cerne de todas as discussões sobre a afasia. O cérebro, que inicialmente foi considerado a partir de sua anatomia de forma seca, rasa e rígida, até ser contemplado de forma interdisciplinar, considerando seu funcionamento, por analogia, como o de uma orquestra, pressupondo a complexidade, a integralidade e a plasticidade cerebral. Mudança primordial para o estudo das afasias.

Pesando em torno de um quilo e duzentos gramas, o cérebro é um órgão que compõe o Sistema Nervoso Central (encéfalo e medula). Parte integrante e mais desenvolvida do encéfalo, o cérebro é formado por duas grandes áreas denominadas telencéfalo e diencefalo. O diencefalo é a área composta pelo tálamo, hipotálamo, epitálamo e subtálamo, enquanto que o telencéfalo compreende os dois hemisférios cerebrais e a lâmina terminal situada anterior ao III Ventrículo (Engel, 2010).

Figura 2 – O Hemisfério



Fonte: Atlas de Neuroanatomia para Patologistas⁴

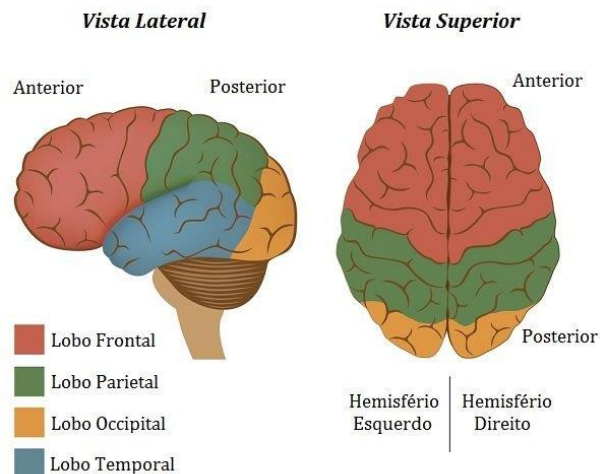
Anatomicamente o telencéfalo é dividido em dois hemisférios, esquerdo e direito, sulcos e giros que possibilitam nomear suas áreas que se subdividem em lobos: frontal, parietal, temporal e occipital. Entre os sulcos, são considerados mais importantes o Sulco de Sylvius e o de Rolando, respectivamente lateral e central.

⁴ ATLAS de Neuroanatomia para Patologistas: cérebro adulto normal – cortes sagitais, linha média. Disponível em: <https://anatpat.unicamp.br/bineucerebrosagital1.html>. Acesso em: 13 de março de 2021.

3.1 Características e Funções

Para entender a linguagem e a crítica que se faz ao se tentar localizar funções mentais superiores, como linguagem, memória, atenção, é necessário inteirar-se sobre a localização e a função de cada lobo. É no lobo frontal, entre o sulco central e pré-central, que se encontra o giro pré-central, em que se localiza a principal área motora do cérebro. Outro giro importante é o frontal inferior (hemisfério esquerdo) conhecido como o Giro de Broca, uma das áreas de linguagem do cérebro, na maioria das pessoas. Por sua vez, a área da audição, localizada no Giro Temporal Transverso Anterior encontra-se no Lobo Temporal. No lobo parietal entre seus sulcos (pós-central e intraparietal) e giros (pós central, supramarginal e angular) encontra-se a área responsável pelas sensações do corpo humano (dor, temperatura, tato e pressão) (Engel, 2010). Por sua vez o lobo occipital é o principal centro de processamento visual, isso quer dizer que, apesar de ocupar área menor e de apresentar menor desenvolvimento em relação aos demais lobos, apresentar sulcos e giros irregulares (curto e longo), é tão importante quanto os demais. É no lobo occipital que está o córtex visual de associação, quer dizer que é o local onde é processada a interpretação das imagens visuais.

Figura 3 – O cérebro



Fonte: Magalhaes⁵

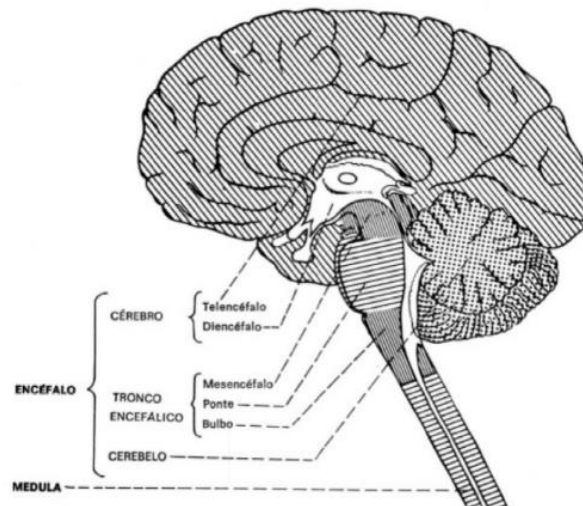
Além do cérebro, o encéfalo é constituído de tronco encefálico e cerebelo. Olhando para o encéfalo em um corte sagital (vertical), percebe-se que o corpo caloso separa o

⁵ MAGALHÃES, L. Cérebro. **Toda Matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cerebro/>. Acesso em: 07 de junho de 2022.

telencéfalo das demais partes. Logo abaixo do corpo caloso encaixa-se o diencéfalo, e o tronco encefálico que é formado por três estruturas: o mesencéfalo, a ponte e o bulbo. E completando o corpo encefálico, repousado na fossa cerebelar do osso occipital, encontra-se o cerebelo, ligado à medula, ao bulbo, à ponte e ao mesencéfalo por pedúnculos, fazendo a conexão entre o córtex cerebral e o tronco encefálico, sozinho detém mais da metade dos neurônios.

Entre as funções dos lobos, estão as funções consideradas superiores: pensamento, emoção, sensação, percepção, memória, atenção, orientação e linguagem.

Figura 4 – Anatomia do cérebro



Fonte: Machado e Haertel (2014)⁶.

A envolver os hemisférios há a camada cinzenta denominada córtex cerebral: a camada mais fina de substância cinzenta que reveste o centro medular do cérebro. Sob elas estão as vias subcorticais.

3.2 O mapa Funcional de BRODMANN

Inspirado nos trabalhos de Wernick e Broca, o médico alemão, Korbinian Broadmann, em 1909, ao publicar em sua monografia o mapa funcional cerebral, possibilitou a compreensão funcional do cérebro.

⁶ MACHADO, A.; HAERTEL, L. M. **Neuroanatomia funcional**. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2014. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/resumo-sobre-anatomia-do-cerebro>. Acesso em: 18 de junho de 2021.

Através das observações que Brodmann *et al.* encontraram na substância cinzenta cerebral, levando em consideração a apresentação do número de camadas celulares, morfologia celular, distribuição de conexões dendríticas e tipos neurais, procedeu-se a sua divisão em números, utilizada ainda hoje, na neurociência moderna (Damiani; Nascimento; Pereira, 2016, p. 2).

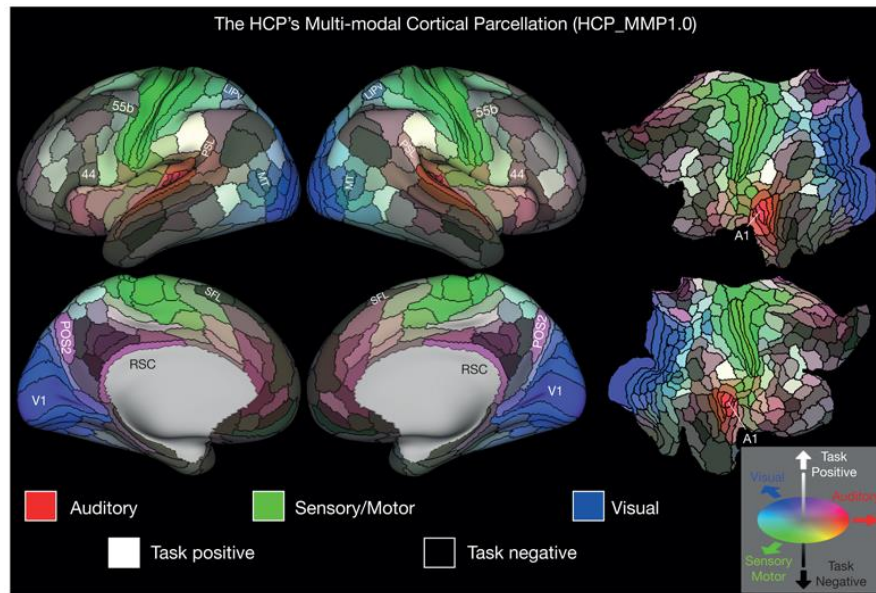
Utilizando modelos animais, Brodmann realizou a homologia numérica que correspondem às áreas corticais. Importante citar que ele encontrou 43 áreas funcionais no cérebro humano e 52 áreas funcionais em primatas, mas cinco anos mais tarde ele publicou seu complexo e extenso trabalho, que permitiu o avanço da neurociência. Na década de 80, com a o avanço dos exames de imagem, entre eles a Ressonância Nuclear Magnética Funcional (RNMF), que possibilitou a observância de um cérebro vivo em atividade neurofuncional, o mapa de Brodmann foi recriado de forma tridimensional. Logo, até as áreas não consideradas pelo neurocientista puderam ser mapeadas.

A área motora da fala, classificada por Brodmann, como AB44 (também chamada de área de Broca), está situada bem próxima ao giro pré-central, sendo responsável assim pelo ato motor da fala (voluntário). Entre as áreas funcionais identificadas no mapa citoarquitetônico de Brodmann, as áreas sensitivas primárias (3, 1, 2) recebem informações nociceptivas, térmicas e as áreas secundárias do córtex temporal que correspondem às áreas 21 (parte) e 22, são especialmente adaptadas para a análise e a síntese dos sons da fala (Luria, 1981, p. 111).

Cada área separada por lobo (frontal, parietal, occipital, temporal e límbico) é correlacionada com suas respectivas funções. Esse foi o legado de Brodmann para a neurociência. Como dito, o advento da evolução dos exames de imagens e a possibilidade de observar o cérebro em plena atividade, permitiu o esmiuçar do estudo de Brodmann. Porém, somente em 2016, Glasser *et al* publicaram trabalho que desvela 180 áreas em 22 regiões funcionais⁷ (Damiani; Nascimento; Pereira, 2016, p. 10).

⁷ Novo mapa funcional cortical cerebral com 180 áreas presentes em cada hemisfério e algumas características funcionais regionais. Os números representam as 22 grandes regiões separadas por Glasser *et al.* (2016): (1) córtex visual primário (V1); (2) córtex visual (V2/V3); (3) visual dorsal; (4) visual ventral; (5) complexo MT; (6) córtex sensitivo-motor; (7) giro do cíngulo e lóbulo paracentral sensitivo-motor; (8) córtex pré-motor; (9) córtex opercular posterior; (10) córtex auditivo primário; (11) córtex auditivo secundário; (12) córtex opercular frontal e insular; (13) córtex temporal medial; (14) córtex temporal lateral; (15) área sensitiva: junção parieto-occipitotemporal; (16) parietal superior; (17) parietal inferior; (18) cíngulo posterior; (19) cíngulo anterior e pré-frontal medial; (20) frontal orbitopolar; (21) frontal inferior; (22) pré-frontal dorsolateral.

Figura 5 – O Mapa de Gleisser



Fonte: Nature, 2016.

Brodmann, ao contribuir com a elaboração de um mapa citoarquitetônico, reforçou a visão localizacionista preservadas na categórica divisão de áreas correlacionadas às funções. Alexander Luria, neuropsicólogo, aprofundou os estudos preconizados por Brodmann, e dedicou-se a estudar o sistema nervoso central a partir de pacientes lesionados. Apesar de reconhecer que os estudos acurados de processos mentais como a fala, pensamento, memória e percepção, foram fundamentais para apurar informações, pistas e esclarecimentos a respeito da natureza de leis que governam tais processos (Luria, 1981, p. 14), para ele havia uma pergunta ainda sem resposta: em que mecanismos se apoiavam esses processos? Luria (1981, p. 15) entendeu o cérebro como um complexo sistema funcional, para além dos sistemas individuais identificados à época. Após o marco da descoberta de Broca que derrubou “as fantasias” que sustentavam o conceito da Frenologia de Gall, importante via de estudos foi aberta e prosseguida por Wernicke: a via localizacionista. Contudo, durante anos, essa via orientou a busca de lesões locais do córtex cerebral na construção de mapas localizacionais. No entanto, o neurologista Hughlings Jackson, em oposição à via localizacionista, apresentou a hipótese de abordar a organização dos processos mentais a partir do nível de construção desses processos (Luria, 1981 p. 31), hipótese desenvolvida apenas meio século depois por Monakow, Head e Goldstein e Luria. Dessa forma, apoiado na hipótese de Jackson, como já explorado neste texto, Luria identificou que as funções superiores estão organizadas em sistemas funcionais complexos, e o cérebro organizado em 3 unidades funcionais, sublinhando a complexa atuação orquestrada entre essas unidades e a condição especial do

cérebro de encontrar outros caminhos para resolução de determinada função quando ocorre algum impedimento para a execução desta.

3.3 A Complexidade do Cérebro

Pensar no cérebro de forma linear significa pauperizar toda a imensurável capacidade cerebral, significa desdenhar do intrincado viés de funcionamento do órgão que controla todos os demais e todas as funções cognitivas. Luria não se conteve às teorias difundidas até então. Ele se debruçou sobre o estudo das funções cognitivas superiores e o desenvolvimento do indivíduo, preconizando a neuropsicologia, que fundamenta o funcionamento psicológico, com o suporte biológico. Para isso ele se aprofundou no estudo do cérebro humano e suas funções.

Ao aprofundar um pouco mais no que foi apresentado na seção 2 deste texto, ratificamos que Luria afirma que são três as unidades funcionais do cérebro. A unidade funcional mais primitiva, (Unidade 1) é composta estruturalmente no tronco cerebral e nas superfícies medias dos hemisférios (do cérebro). As unidades 2 e 3 estão localizadas nas superfícies laterais dos hemisférios.

A Unidade 1, localizada principalmente no tronco cerebral, no diencéfalo e nas regiões mediais do córtex (occipital, temporal e parietal) (Luria, 1981, p. 70), é responsável pelo estado de vigília e do tônus cortical, isso quer dizer que todos os demais processos cerebrais dependem da atividade dessa unidade, que recebe estímulos, ou impulsos dos órgãos sensoriais, e vai responder em conformidade com a intensidade dos estímulos recebidos.

É na Segunda Unidade, composta por porções terciárias das região pré-frontais do córtex que advém a síntese e a organização dos estímulos sensoriais recebidos e na Terceira Unidade, cujas estruturas se localizam na parte anterior dos hemisférios, anterior ao giro pré-central, ocorre a integração de todas as informações formando a síntese intermodal, que o neuropsicólogo conceitua como em tipos de informação qualitativamente diferentes que são simultaneamente integrados (Kagan; Sailing, 1997, p. 25).

Cada unidade é formada por conjunto de áreas e suas respectivas funções, em contínuo entrelace e colaboração. As unidades, segundo Luria, são subdivididas em zonas corticais hierárquicas. Por ter maior interesse na função cortical, Luria enfatiza as zonas das Unidades II e III, como apresentado a seguir.

As unidades II e III são apresentadas a partir das três zonas que as compõem: primária, secundária e terciária.

A zona primária é responsável por receber e enviar impulsos (para a área periférica), é a mais elementar das três, e segundo Luria, há três sentidos representados no Córtex da Unidade II (visão, audição e cinestesia tátil), cada um em sua própria zona primária.

A zona secundária é responsável por processar, sintetizar as informações recebidas e preparação de planos de ação.

A Zona terciária é alimentada pelos córtices da zona secundária, e hierarquicamente representa o nível de maior complexidade e processamentos desta unidade, que é lida com a entrada de informações, fluindo naturalmente da periferia para o córtex terciário.

A unidade III também possui as zonas primária, secundária e terciária, no entanto o fluxo está voltado para saída e fluxo de informações.

A zona terciária é o mais complexo mecanismo regulador cerebral. Ela possui conexões aferentes com a maior parte do cérebro e é responsável por reunir informações essenciais para ação, deste o planejamento até a verificação de sua aplicabilidade.

A zona secundária planeja ações a partir das informações recebidas da zona terciária e a zona primária é responsável pela resposta fisiológica das ações planejadas.

As unidades funcionais e o desenvolvimento têm relação com a maturidade de cada área do telencéfalo, bem como a complexidade do processo estabelecido entre as áreas. Como exemplo, a linguagem primitiva do homem ao nascer, não o possibilita nomear as coisas, logo, sua memória segmentada se limita às sensações e respostas aos estímulos basais. Conforme a estrutura cerebral amadurece, e a linguagem é estabelecida, as representações simbólicas e abstratas ganham dimensão e o processo complexo chamado pensamento (ou comunicação interna) é consolidado, dando início à consciência do homem.

Entre tantas funções e áreas, neste trabalho a linguagem é sublinhada, e para tanto, retomamos, via alusão histórica, à teoria de Franz Joseph Gall (1758-1828) que trata sobre a dominância cerebral para a linguagem. Por esta teoria, o neuro-anatomista alemão Gall, afirmava que não há equidade entre os dois hemisférios cerebrais para as aptidões verbais do ser humano. Enquanto seus contemporâneos defendiam a atuação global do cérebro em cada atividade cognitiva do homem, o neuro-anatomista aprofundava-se nas pesquisas das localizações cerebrais, afirmando ser possível localizar as faculdades mentais e morais, como a memória e a linguagem. Ele acreditava que ao mapear as localizações cerebrais (cranioscopia), seria possível definir defeitos, qualidades e aptidões de uma pessoa. Essa cartografia cortical foi denominada frenologia.

Para fundamentar seus estudos e apoiar seus postulados, Gall apresentou o relato de dois homens que tiveram os lobos frontais lesionados e em decorrência apresentaram

dismnésia verbal (dificuldade em evocar palavras), acreditando comprovar que a memória verbal e o sentido da linguagem estão localizados na parte anterior dos dois lobos frontais. Posteriormente, Bouillaud, a partir das observações clínicas de problemas de linguagem em consequência à lesão cerebral anterior e lesão cerebral posterior sem problemas de linguagem, confirmou que se há uma disfunção em decorrência de uma área lesionada, então é nesta área que está a sede da função em questão. Contudo Hughlings Jackson observou que: “É diferente localizar a lesão responsável pela perturbação da fala e localizar a fala em si mesma e não é evidente a correlação da localização do sintoma com a localização da função” (Lebrun, 1983, p. 11).

Isso significa dizer que no caso de uma área destruída decorrer na perturbação de determina função, tal área é importante para execução desta função, no entanto, dizer que tal região sedia tal função configura um erro conceitual flui.

Anos se passaram e muitas discussões, pesquisas e artigos foram publicados sobre o assunto, até que, Broca (1891) apresentou o caso Leborgne, como posto na seção 2 deste texto, que, durante os últimos quinze anos de vida, manifestou distúrbio de linguagem (afasia). Quando realizada, a sua autópsia revelou uma extensa lesão no lobo frontal esquerdo, especificamente no terço superior do giro frontal inferior esquerdo, postulado por Broca como “o centro para as imagens motoras das palavras” que tem como consequência um tipo característico de perda da fala expressiva (Luria, 1981, p. 27). A partir dos postulados de Wernicke e Broca concluiu-se que há a predominância do hemisfério esquerdo (para os destros) para as funções superiores da fala, sendo que uma lesão no terço posterior do giro temporal superior esquerdo tem como consequência a perda da capacidade de compreensão da fala audível, logo reconhecido por Wernicke como “o centro para as imagens sensoriais das palavras” (Luria, 1981, p. 29).

Ancorados em descobertas localizacionistas, pesquisadores mergulharam nas ciências neurológicas em busca de encontrar outras áreas e a respectiva vinculação com as áreas do córtex. Nesse extenso e complexo caminho, foram realizados mapeamento do cérebro, e redefinição de conceitos essenciais, como por exemplo: os conceitos de função, localização e sintoma.

Para além da função elementar de um determinado tecido, considera-se uma “tarefa constante, desempenhada por diversos mecanismos, cujo processo resulta em resultado invariável como um sistema funcional (Luria, 1981, p. 35). Esta é a teoria desenvolvida por Anokhin Pyotr Kuzmich, que define uma pessoa como um sistema auto-regulador que está em unidade com o mundo exterior. Com este aporte, foram desenvolvidas outras teorias e

conceitos, entre elas a Neuropsicologia de Luria. Assim, Luria foi provocado a pensar sobre as funções psicológicas, ancorado no conceito de sistema funcional de Anokhin, que considera que os processos bioquímicos, físicos e mecânicos permitem ao organismo, a partir de uma ação conjunta, a execução de tarefas, e a relação destas tarefas com o sistema nervoso central, sob a ótica de uma psicologia sócio-histórica.

Luria desenvolveu estudos importantes e essenciais sobre a linguagem alterada por lesões cerebrais. Sobre as funções psicológicas superiores (memória, pensamento, afetividade, etc.), o neuropsicólogo considera que tratam de condições inerentes e singulares ao ser humano, enquanto que os processos básicos (ações reflexas, associações simples) são comuns a todos os animais e ao homem. Tais funções especiais do ser humano se desenvolveram a partir da própria evolução biológica, e ao longo da história social e cultural do homem.

Amarra-se aqui a ideia de que o cérebro, por ser um sistema aberto, permitiu ao homem grandes adaptações ao longo da história, e a condição de plasticidade, capacidade de desenvolvimento para adaptação ao meio. Reforça-se que Luria apresentou um estudo das funções psicológicas em que afirma que sua interação é naturalmente modificada pela ação do homem, e influencia em seu desenvolvimento do indivíduo, a partir de uma visão globalizante, de um cérebro orquestrado. Em que, em síntese, a unidade I é reguladora dos estados de consciência e vigilância, a Unidade II é responsável pelas informações vestibulares, visuais, auditivas e sensoriais de forma geral, e as Unidades II e III, que são compostas por zonas primárias, secundárias e terciárias, que combinam de forma harmonizada, as funções de recepção das informações sensoriais, sintetização dessas informações e a integralização de todas essas informações.

As funções mentais como sistema complexo, evocam recursos diferentes para execução de tarefas, exemplo processo respiratório / pulmão, ou por exemplo os mecanismos variáveis para realização de uma determinada tarefa (ex: um cálculo – contar nos dedos, calculadora, memória) diferentes caminhos para alcançar um destino. Instrumentos e símbolos sociais (por exemplo a comunicação quem não lê ou escreve, tem os recursos para, mas não foram desenvolvidos. Pela sociedade que vive. Estrutura básica, que desenvolve a partir do contexto social e histórico de cada indivíduo. “O homem se diferencia do animal na medida em que se encontra em condições de pensar e organizar sua conduta dentro dos limites das ‘formas simbólicas’ e não somente nos limites da experiência imediata” (Luria, 1986, p. 15).

Luria, em sua obra “Pensamento e Linguagem”, cita a concepção de J. Eccle que parte da ideia de que a realidade não é a mesma que é percebida sensorialmente pelo ser humano, mas a realidade é fundamentada no interior do homem, em suas experiências e, portanto,

inacessível a outro indivíduo (Luria, 1986, p. 17). Destarte a origem da percepção, conhecimento e avaliação do homem, encontra-se nos detectores, forma como ele definiu os aparelhos nervosos. Dessa forma, o organismo recebe as informações e as mantém através do ângulo de suas tarefas e necessidades. Para além, o homem se diferencia de seres irracionais por estar vinculado às formas de vida social e, por adquirir existência histórica e social, a partir do surgimento do sistema de códigos (linguagem). Segundo Luria (1986, p. 25), a linguagem humana é entendida como “um complexo sistema de códigos que designam objetos, características, ações e relações; códigos que possuem a função de codificar e transmitir a informação, introduzi-la em determinados sistemas.

Couldry (1996, p. 55) vai além e apresenta a concepção de linguagem como um trabalho que “dá forma” (Franchi, 2002) ao conteúdo variável de experiências, de construção e retificação das vivências, e simultaneamente constituinte do sistema simbólico que opera e constitui a realidade, como será apresentado a seguir.

4 A LINGUAGEM: CONSTITUI O EU, REFLETE O MUNDO

Quando se fala de afasia, fala-se de alteração de linguagem. Alteração na atividade constitutiva do indivíduo, o que pode mudar a consciência que a pessoa tem de si e mudar sua relação com o mundo. Portanto, neste ponto retornamos à linguagem, para compreender a relação do indivíduo de ser pela, e na linguagem, compreender o processo de silenciamento, e como o silêncio se torna um caminho alternativo de significação para a pessoa, quando a orquestra desafina.

Compreender a linguagem não é tarefa fácil. Para tanto, o “Pai da Linguística”, Saussure, definiu a linguagem como multiforme e heteróclita, poeticamente ele a define como um cavaleiro de diferentes domínios (físico, fisiológico e psíquico), pertencente aos domínios individual e social, e a língua é “uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (Saussure, 2012 [1916], p. 41). Para o teórico, ao uso individual da linguagem, nominou “‘parole’, e ao produto do que o indivíduo registra de forma passiva” (Saussure, 2012 [1916], p. 45), ele denominou “langue”.

Saussure (2012 [1916], p. 43) elucida que é no cérebro que se inicia o circuito da fala, “onde os fatos de consciência, a que chamaremos de conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los”, sendo assim, o estabelecimento da associação psíquica entre conceito e imagem acústica, significado e significante, respectivamente, elo estabelecido arbitrariamente. Nas relações de comparação e oposição, cada signo tem valor atribuído. Aqui, Saussure usa da metáfora do jogo de xadrez e exemplifica que o valor de cada peça não é atribuído por conta do material que é feito, mas, sim, pela relação que tem com outra peça do tabuleiro. Caso uma peça seja perdida, o cavalo, por exemplo, pode-se elencar qualquer outro objeto que o substitua, atribuindo-lhe o valor do mesmo. Algo semelhante acontece com a moeda. O valor que vale não é por sua substância, mas sim o que lhe é socialmente atribuído por convenção. Logo, a língua é forma, e não substância (Saussure, 2012 [1916], p. 160).

A linguagem do homem é radicalmente diferenciada da linguagem animal por ser constituída por um complexo sistema de códigos objetivos que designam coisas concretas e suas relações (Luria, 1986, p. 26), e leva a formação da consciência categorial. No pensamento do neuropsicólogo Luria, esse sistema, formado no curso da história social da humanidade, tem como elemento fundamental a palavra: que nomeia, que descreve, que denota, que constitui e se substitui em um campo semântico, sendo ela mesma instrumento do pensamento e meio de comunicação. É no enlace das palavras, na interação entre sujeitos que

os significados emergem, e é ela, a palavra, que permite ao homem sair dos limites da percepção imediata, e migrar do sensível para o racional (Luria, 1986, p. 42).

A interação entre os sujeitos, descrita por Luria, onde as palavras se enlaçam e entrelaçam, onde os significados e sentidos emergem, Franchi, Fiorin e Ilari (2011) denominam ação da linguagem. Para Franchi (2002), a função central da linguagem é comunicar, mas para além de comunicar e para além da forma linguística que se apresenta, considerando a cultura e a evolução do homem, a linguagem tem a função de criar sentidos. A linguagem é a atividade constitutiva do indivíduo. Franchi, Fiorin e Ilari (2011, p. 10) a descreve como um sistema aberto, pela qual a história do homem é elaborada, construída e organizada. Antes de ser comunicação, a linguagem é elaboração e construção do pensamento, portanto é prática social e é a sua ordem que determina a ordenação do mundo.

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias (Franchi, 2002, p. 65).

A linguagem é constitutiva e indeterminada. Isso quer dizer que a linguagem se constitui, constitui o sujeito e o mundo ao seu redor. No entanto, a indeterminação da linguagem perpassa pelos termos de uso dos sentidos dos enunciados, ora empregados. A subjetividade está no campo da experiência individual de forma processual e constante. E a linguagem representa mental e simbolicamente o universo do sujeito, isso “Significa, do ponto de vista linguístico, que sua natureza não é física, nem fisiológica, nem psíquica, mas semântica, o que quer dizer histórica, já que os sentidos não refletem o mundo (Franchi; Fiorin; Ilari, 2011, p. 15).

Nesse sentido, significa também que a linguagem não pode ser contida no significado das palavras. Designa que, embora, o léxico possa ser estruturado de forma diferente, a partir de sua origem, a ação constitutiva da linguagem, pode desconstruir tais paradigmas, desvelando sentidos que derivam das experiências históricas de cada comunidade. Significa que as associações semânticas, as sinonímias e antonímias revelam o caráter constitutivo da linguagem (Franchi; Fiorin; Ilari, 2011, p. 25-27). Para o teórico, é possível dizer mesmo sem falar nada, brincar de falar e falar da própria linguagem, sempre organizada em um universo discursivo, como um espaço de criação e de subversão de significações.

4.1 Linguagem e memória

Linguagem e memória, essa intercessão funcional complexa é intrinsecamente afetada na afasia. Destarte, essa seção é dedicada a agnição desses processos que se coadunam incessantemente.

A linguagem é um dos processos mentais provenientes de sistemas funcionais, como proposto por Luria (1986), assim como as sensações, percepção, linguagem, pensamento e memória. A linguagem e a memória são interligadas e ambas contribuem para a aquisição do conhecimento e a construção do pensamento. Todos contribuem para a organização do universo discursivo. O ser humano organiza seu mundo social pela linguagem. O que é “armazenado”, é por meio da linguagem, e pela memória se evoca, interpreta, seleciona, retém ou descarta. É pela linguagem que os significados são atribuídos às informações que serão retidas ou não, constituindo, consolidando o universo singular de cada indivíduo.

Capacidade de retenção e propriedade universal da matéria, assim os pesquisadores Richard Semon e Karl Hering conceituavam a memória, no final do Século XIX. Em contraponto Henri Bergson identificava dois tipos de memórias: a física (fenômeno natural) e a mental (manifestação do livre arbítrio). Mas, somente na segunda metade do século XX, que Hyden observou mudança, de maior duração, na estrutura do ácido ribonucleico, associado a retenção de traço de excitação anterior. Após muitas teorias que se sustentavam em estudos de retenção de traços em nível molecular, compreendeu-se a necessidade de observar a colaboração das zonas cerebrais na organização dos processos mnemônicos humanos, ou seja, a arquitetura cerebral dos processos de memória. Muitas teorias consideram a memória como processo, processo ativo e complexo. Tais teorias consideram que o indivíduo que anseia lembrar de algo, apresenta uma estratégia para a lembrança que envolve ações como distinguir, inibir, selecionar. Ações que compõe uma complexa e ativa, atividade de investigação, ancorada nas atividades de linguagem (Luria, 1981, p. 270).

Vigotsky e outros pesquisadores da época, afirmavam que o processo de memória está fundado em um sistema de auxílios intermediários (codificação). Luria (1981, p. 39) define memória como registro conservação e a reprodução de uma experiência interior, processo que envolve armazenamento, apagamento e vestígio (rastros que tornam possível o resgate do registro, mesmo após o esquecimento). Para o neuropsicólogo, as pesquisas, e teorias que se limitavam ao processo de retenção de dados em nível molecular, não contemplariam a real definição de memória. Para Luria, (1981, p. 247) “estudar a real arquitetura cerebral no

processo de memória” seria a melhor direção, uma vez que cada zona cerebral contribui de alguma forma para a organização dos processos mnêmicos do indivíduo.

Pela linguagem o universo do sujeito é constituído, o sujeito apreende suas experiências, e pela função cognitiva da memória, sua experiência é conservada permitindo a construção longitudinal e processual da consciência de sua história.

Pioneiro nos estudos de memória e linguagem, Herman Ebbinghaus, no século XIX, foi o sujeito de seu próprio experimento. Em artigo publicado em 1885, ele descreveu o estudo experimental de memória, no qual investigou a formação de novas conexões na memória utilizando rigorosos métodos de controle (número, tempo, testes e intervalos de retenção de material verbal (Mota, 2015, p. 206). Resultou em um corpus de 2300 sílabas possíveis em alemão, concluindo que a informação pode ser retida por diferentes espaços de tempo e que há relação entre a repetição e a duração da retenção. Quanto maior a repetição, maior o tempo de retenção da informação. Dessa forma a memória pode ser classificada pelo tempo: de curto, média e longo prazo. A memória de curto prazo é considerada memória de trabalho.

Para a psicologia clássica, a memória é como um processo de estampagem. Um processo de estampagem se dá da seguinte forma: uma força aplicada sobre uma estrutura básica, que ao fim gera formas. Para os estudiosos clássicos, a memória é gerada a partir de traços diretos aplicados sobre a consciência. Tal explicação não contempla a complexidade do processo mnêmico. Estudiosos contemporâneos à Lúria, como Norman, Shiffrin, Reitman, entre outros, compreenderam que o processo mnemônico compreende estágios diferentes, que resultam em diferentes volumes de traços e de tempo de armazenamento. Os sistemas de conexão nos quais os traços da informação recebidos pelo indivíduo são introduzidos e codificados, com respeito a diferentes sinais, formam matrizes multidimensionais (Lúria, 1981, p.249). A partir de tais matrizes que é elencado o sistema que será base para codificação. Isso quer dizer que, em um processo complexo e ativo, o indivíduo define estratégias para lembrar de algo.

Para Lúria, a memória é um fenômeno que consiste em registrar, conservar e reproduzir traços de experiências vivenciadas. Esses traços são vestígios, que, além da complexa atividade mnemônica e fisiológica acessadas para fixação, também requer tempo. O processo de formação e consolidação da memória ocorre em estágios: breve e longo, vinculados às instâncias bioquímicas cerebrais. Já os processos cognitivos e históricos determinarão o tipo de memória. Por exemplo, memória visual ou verbal. A memória pode ser mediada pela escrita que apresenta importante função social no registro e consolidação de traços.

Outro importante pesquisador da área da memória, Baddeley, ressalta que há evidência de estudos de neuroimagem, que demonstra que a localização do armazenador está na região temporal-parietal do hemisfério esquerdo, e a função de atualização está associada à área de Broca. Após Baddeley, outros modelos e conceitos de memória surgiram. Foi Ullman (2001, p. 37-69) quem apresentou o Modelo Declarativo/Procedural com o intuito de explicar a aquisição de língua materna embasado em teorias de sistemas duais, “as quais postulam que a linguagem consiste de duas capacidades distintas, o léxico mental e gramática mental, que por sua vez, têm a representação e o processamento também distintos” (Mota, 2015, p. 211).

Isso quer dizer que o Modelo Declarativo, a memória declarativa (memória explícita) é uma memória de longo prazo, aquela que após o indivíduo pensar de forma consciente e evocá-la, ela emerge. Essa memória se apresenta em dois subtipos: a episódica e a semântica, e sustenta a aquisição de conhecimento de mundo e suporte de vida.

No modelo declarativo de memória são muitos os correlatos neurais envolvidos nesse sistema: as regiões temporais e mediais, como o hipocampo, as áreas AB45 e AB47 (Brodmann) essenciais para a seleção e recuperação de conhecimento declarativo e o cerebelo importante na busca de conhecimento (Mota, 2015, p. 211).

No Modelo Procedural estão alicerçadas a aquisição e a monitoração das habilidades cognitivas e/ou motoras, novas ou habituais, como por exemplo tocar instrumento, caminhar, dirigir. Esse modelo, cujo conhecimento é de natureza implícita, tem seus correlatos neurais nas regiões dos lobos frontais, e regiões do hemisfério não predominante (esquerdo), cerebelo e ainda nos gânglios da base, cujas estruturas estão conectadas ao córtex frontal.

“No córtex frontal, duas áreas são relevantes: as áreas pré-motoras, sobretudo a área motora suplementar, e a região de Broca, especialmente as porções posteriores dessa região, que correspondem à área de Brodmann AB44” (Mota, 2015, p. 212).

Esse modelo clássico tem como principal proposta que as áreas envolvidas nos processos de produção e compreensão de linguagem são as áreas de Broca e a área de Wernicke.

Em outro modelo, proposto por Peter Haggort (2013), denominado Memória, Unificação e Controle (MUC) a proposição é que o processo de linguagem está alicerçado em um tripé de componentes funcionais. Após pontuar limitações no Modelo Clássico, como a impossibilidade em abordar a dinamicidade presente no processamento da linguagem, por ter sido elaborado considerando palavras soltas e baseado na conjectura da compreensão e a produção evocarem zonas corticais totalmente distintas (De Angeli; Bin; Rigatti, 2020, p. 2), Haggort apresenta um novo modelo, em que a Memória é responsável pela provisão

de conhecimento linguístico nas colunas neocorticais (neurônios) da memória, porém para a compreensão da linguagem, e não somente de uma palavra isolada, é necessária a interação dinâmica de outras áreas do cérebro. Ao processo de novas significações a partir de blocos de construção léxico, Haggort denomina Unificação. O linguista e neurocientista assinala que a unificação não ocorre apenas a nível de processamento sintático, mas, a nível semântico e lexical. E, ao relacionar a linguagem à ação conjunto e à interação social, Haggort conceitua o Controle.

No modelo MUC as regiões do córtex temporal e do giro angular no córtex parietal acumulam informações morfológicas, formas fonológicas de palavras e modelos sintáticos associados a substantivos, verbos e adjetivos, servindo às representações de conhecimento previamente estabelecidas na memória durante o processo de aquisição. Além de incluir a área de convergência semântica, em geral o conhecimento conceitual é amplamente distribuído.

As regiões frontais (área de Broca e córtex adjacente são cruciais para as operações de unificação. Essas operações geram estruturas maiores a partir dos blocos de construção que são recuperados da memória. Dentro do córtex frontal inferior esquerdo (Espaço de Unificação), observa-se gradiente de ativação espacial. A distribuição das ativações parece depender do tipo de informação que se unifica. A unificação semântica recruta BA47 e BA45; a unificação sintática tem seu foco em BA45 e BA44; processos fonológicos recrutam BA44 e partes ventrais de BA6. O controle precisa ser exercido, de modo que o idioma-alvo correto seja selecionado, a tomada da vez na conversa seja orquestrada, o registro correto seja selecionado, a atenção seja dada às informações mais relevantes na entrada e assim por diante. As regiões de controle envolvem o córtex pré-frontal dorsolateral, e a estrutura da linha média, incluindo o córtex cingulado anterior e as partes do córtex parietal que estão envolvidas na atenção (Haggort, 2013, p. 10).⁸

Segundo Haggort (2013), dados experimentais corroboram que Unificação e Controle são de domínio geral. O neurocientista relata que o componente Unificação tem indícios de

⁸ *Frontal regions (Broca's area and adjacent cortex; are crucial for unification operations. These operations generate larger structures from the building blocks that are retrieved from memory. Within left inferior frontal cortex (Unification Space), a spatial activation gradient is observed. The distribution of the activations seems to depend on the type of information that gets unified. Semantic unification recruits BA 47 and BA 45; syntactic unification has its focus in BA 45 and BA 44; phonological processes recruit BA 44 and ventral parts of BA 6. In addition, executive control needs to be exerted, such that the correct target language is selected, turn taking in conversation is orchestrated, the correct register is selected, attention is paid to the most relevant information in the input, and so forth. Control regions involve dorsolateral prefrontal cortex, and midline structure including the anterior cingulate cortex and the parts of parietal cortex that are involved in attention.*

relações estruturais com a música e aritmética e o Componente Controle é associado à capacidade memória de trabalho.

Para além, da visão neurofisiológica da memória, há a compreensão que a memória é um fenômeno social, por constituir-se atividade que ganha configurações singulares nas práticas dialógicas (Cota, 2022, p. 34). Luria (1981) relaciona o desenvolvimento histórico da memória humana com o desenvolvimento da cultura e contexto social do indivíduo. Sendo assim, há uma interface entre os processos mentais superiores e as experiências vividas e os estímulos externos (Cota, 2022, p. 33), o que possibilita adequação qualitativa, capacidade de abstração e distanciamento da percepção direta.

Ressalta-se que linguagem, memória, atenção coexistem em meio ao funcionamento orquestrado de várias áreas, que há uma íntima relação entre o ato motor da fala, a memória e a afetividade e, que essas expressões terão as respectivas manifestações comprometidas, quando a linguagem sofrer alteração.

4.2 Linguagem (verbal e não verbal) e Afetividade

Como visto, a linguagem é fundamental na construção das funções cognitivas superiores, por interatuar com esse processo, a memória tem participação ativa na construção do pensamento. A linguagem significa, dá forma, transmite sentido. Cada indivíduo tem acúmulos de vestígios de experiências vividas, trocas e interações, cujo significado vai depender do peso da emoção atribuída. As experiências são únicas, singulares, mesmo quando são compartilhadas. Em determinado momento, se duas pessoas ouvirem a mesma música, para uma pode evocar memórias e com elas, emoções, e para outra, pode não ter nenhum significado. Uma pessoa será afetada e outra não, o que pode tranquilamente ser notado pela expressão, pelo olhar, pelo gesto ou pela entonação da expressão verbal. E, está novamente a linguagem como mediadora da revelação e de expressão do ser. Isso quer dizer que quando a linguagem é afetada, a memória e as emoções também são.

Para Wallon a gênese da cognição está nas emoções, ligadas ao orgânico do ser. A passagem do “eu” orgânico para o “eu” psíquico se dá pela interação com o outro. Logo, a expressão emocional é fundamentalmente social, e mobiliza o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Um bebê, quando chora, provoca em sua mãe a atenção à sua insatisfação. Sua mãe irá interpretar o choro de acordo com seus valores culturais e relativos significados. A interação entre os dois atribui progresso às funções cognitivas do bebê. Contudo, Wallon

afirma que as funções motoras são inseparáveis desse processo, e são a garantia de expressão de afetividade (por meio de gestos, expressões faciais, etc.).

O ato motor no ser humano garante desde o início a função de expressão da afetividade (por meio dos gestos, expressões faciais e agitação corporal). Essa atividade expressiva, possibilitada pela atividade motora, regula, modula e produz estados emocionais. [...] Quanto mais a criança consiga expressar-se por meio de palavras, menos serão necessárias as atividades motoras desordenadas (Grantiot-Alfandéry, 2010, p. 38).

A afetividade, expressão das emoções humanas, é materializada pela linguagem, seja ela verbal ou não verbal, sempre constitutiva do sujeito. Toda linguagem verbal faz uso da língua, seja pela oralidade ou pela escrita, enquanto a linguagem não verbal é ampla, e pode ser expressa por gestos, expressões, movimentos, música, entre outros. A linguagem, como já visto é inerente ao homem, e flui. A fluência aqui referida é a socialmente estabelecida (ideologia do falar bem⁹) a partir da expectativa sociocultural da comunidade falante, certo que a linguagem seja um produto histórico-social, que se transforma com as mudanças sociais e se constrói nas relações sociais que vivencia, pelas práticas sociais e de comunicação influenciando e sendo influenciada (Friedman, 1994, p. 18), em movimento contínuo de troca. Mas, também é a fluência da espontaneidade de expressão do indivíduo, a partir de seu contexto pessoal, de seus processos naturais. Essa fluência pode ser afetada a partir de processos de silenciamento, impedimentos.

Frente a qualquer impedimento da fluência da linguagem, processos de significação emergem para que o sujeito continue sendo constituído, revelado na e pela linguagem, no dinamismo natural da interação do indivíduo e seu meio.

4.3 Linguagem, silenciamento e silêncio

Eni Orlandi (2007 [1992]; 2009 [1999]) ao postular sobre a política do silêncio descreveu a relação do dito e do não-dito com o poder-dizer. Esse conceito fundamenta a dinâmica do silenciamento. Orlandi postula a política do silêncio pelo viés social, no entanto a política do silêncio pode ser observada em eventos cujo impedimento de ordem fisiológica irá afetar o social do indivíduo, inevitavelmente. A pessoa que é acometida pela afasia, que é

⁹ Friedman (1994, p. 134) apresenta o conceito de ideologia do bem falar como a normalidade de fluência baseada em valor e expectativa social: o normal é, em suma, um valor relativo, mutável e socialmente construído.

uma alteração de linguagem a partir de um evento fisiológico, abruptamente deixa de poder dizer com palavras, e deixa de conseguir expressar pela falta delas. Deixa de poder dizer com seu corpo, com suas formas rotineiras de expressão (fala, escrita, desenhos, gestos, expressões). A depender das sequelas, o indivíduo deixa de ter autoridade sobre a própria vida, a própria história e de seu ambiente social. Com os impedimentos que emergem, a pessoa com afasia é “censurada” fisio, social e emocionalmente, sofrendo assim o mesmo efeito da política do silêncio proposto por Orlandi, em que o discurso no entorno, e sobre o sujeito afásico, tende a apagar a sua história, a sua vontade, o seu desejo e muitas vezes a sua identidade.

Nas situações enunciativo-discursivas, os enunciados são formados a partir do que se pensa em dizer no interior de uma formação discursiva em que habita a formação ideológica. Isso quer dizer que toda formação discursiva carrega em sua natureza a essência histórica e social. Quando a pessoa se torna afásica, além do silenciamento fisiológico, o seu dizer (social e histórico) se torna fragilizado, a mercê do discurso social do cuidador, da família, da sociedade.

Toda vez que a política do silêncio pode ser observada em um ambiente discursivo quer dizer que uma forma de silenciamento está se manifestando. O silenciamento, tende a ocorrer de forma processual, contínua e tem como produto final o silêncio (Maximo Pelis, 2020, p. 46). O quadro a seguir, apresentado por Maximo Pelis (2020), explica algumas formas e tipologias do silenciamento:

Quadro 2 – Tipos de Silenciamento

TIPO	DESCRIMINAÇÃO	EXEMPLO
Silenciamento Fisiológico	Ocorre quando comprometimentos fisiológicos impedem o sujeito de expressar-se por meio da fala ou compromete essa forma de expressão.	presbifonia, desgaste das cordas vocais, avc
Silenciamento geoespacial	Ocorre quando fatos ou fatores sociais impedem a expressão coletiva de um grupo ou comunidade.	os povos originais perdendo seus territórios por invasão.
Silenciamento Social	Caracteriza-se pela opressão e omissão de direitos.	O idoso que é institucionalizado por seu processo natural de envelhecimento ou por adoecimento.
Silenciamento Geracional	Ocorre quando uma determinada geração se impõe a outra, desqualificando por enunciados, todo um discurso coletivo.	Pessoas de meia idade recusadas em vagas de emprego.

TIPO	DESCRIMINAÇÃO	EXEMPLO
Silenciamento laborativo	Este é sempre resultado de relações trabalhistas e de poder.	Trabalhador que se vê obrigado a levar trabalho para casa, tendo seu tempo sequestrado por uma relação de poder
Silenciamento parental	Associado à imposição de pais sobre os filhos de forma opressora.	Idosos que tem suas vidas controladas pelo querer dos filhos sem considerar sua autonomia
Silenciamento individual	Ocorre por atravessamentos externos ou bloqueios internos, mas como resultado da relação do eu com o eu, ou com o externo.	Por falta de crença em si, ou no futuro, ocorre o embotamento do indivíduo.
Silenciamento Institucional	Provocado pelo caráter disciplinar de toda e qualquer instituição.	A destituição da singularidade individual em prol do coletivo.
Silenciamento Vertical	Ocorre quando o indivíduo expressa de forma longitudinal, entre signos, palavras ou enunciados.	Falar mais baixo.
Silenciamento Horizontal	Sua ocorrência afeta a distância entre uma e outra palavra, pode ser mensurado em tempo, em frações de segundos, ou minutos.	Falar com mais pausas.

Fonte: Maximo Pelis, 2020.

Como consequência da ação contínua de silenciar, o silêncio, o impedimento do dizer pode ser identificado pela ausência de linguagem verbal, em longas pausas, que diferem daquelas que intermeiam as palavras e seus dizeres, pode ser observado na apatia de gestos, enfim, o silêncio pode manifestar-se de diversas formas, e em cada forma um valor significativo lhe é atribuído, pois está impregnado de sentido.

Como dito, toda afasia é uma alteração de linguagem, um impedimento, uma forma de silenciamento. Cada silenciamento resulta de um singular processo de perdas ou mudanças. Para o afásico, ocorrem impedimentos e mudanças fisiológicas, cognitivas, sociais, culturais e, muitas vezes, da consciência de si (identidade).

As mudanças fisiológicas acarretam mudança na rotina do indivíduo. Além, do comprometimento de suas atividades sociais, a relação com a sociedade muda, por serem avaliados, considerados e julgados, a partir de suas limitações, e não de suas possibilidades. Com isso, são submetidos ao reducionismo físico, funcional e relacional. São silenciados fisicamente, quando limitados a um determinado lugar (a casa, o quarto), são silenciados de forma funcional, quando impedidos de exercerem suas funções (trabalho, estudo, gestão da própria vida) e relacional, quando o contato com as pessoas entra em declínio pelas condições

subjetivas. Além de se depararem com os impedimentos, o sujeito afásico tem seus impedimentos potencializados pelo discurso social, que reverbera entre seus cuidadores, que deixa de considerar seus desejos, vontades, sua história e afetos. Assim se instaura o silenciamento social, o impedimento do dizer.

A consciência de si e do mundo, para o sujeito, se dá pela linguagem. Quando ocorrem impedimentos, a complexidade cerebral permite, frente aos impedimentos que impedem a fluidez da linguagem verbal, que ocorra o rearranjo pela linguagem não-verbal. O silêncio é uma manifestação da linguagem (Orlandi, 1999 [2009], p. 83), e como linguagem e conduz sentidos (Orlandi, 1992 [2007] p. 68). Como parte do discurso, e por obter determinada relação entre sujeito e significante, o silêncio fornece as condições para o possível (Tfouni, 2013, p. 47). Sendo assim, na afasia, o silêncio, que é linguagem, traduz sentidos, fundamenta e possibilita o possível, e de forma possível para o desvelar do sujeito de e na linguagem.

4.3.1 A complexidade do Silêncio

Ao longo do tempo, o silêncio tem sido inspiração de investigações e análises. A filosofia Zen em alusão ao ocidental “o verbo se fez carne” considera que o silêncio é o próprio verbo, assim sendo, o silêncio é corpo, o silêncio é gesto (Heller, 2008, p. 43). Foi esse pensamento que inspirou o filósofo Martin Heidegger a teorizar sobre o “sem-forma”, após obter como resposta a pergunta direcionada a Shinichi Hisamatsu, pesquisador da filosofia Zen, em um colóquio sobre o pensar e a arte. Hisamatsu ao ser questionado sobre a arte, por Heidegger, respondeu que a “[...] a beleza na arte em Zen está em que o sem-forma vem ao encontro no imagético. Sem a presença da própria não forma, a obra de arte Zen é impossível”. Heidegger (2011 [1959], p. 137) compreendeu que apesar da indeterminação do sem-forma, ou do nada, quando em oposição ao ente, o nada deixa de ser indeterminado e se revela como pertencente ao ente. Por similitude, Heidegger (2011 [1959], p. 7) reconhece a função linguística do silêncio, ao constatar que a linguagem está em toda parte, em movimento ininterrupto. Pois, falamos mesmo quando não deixamos soar uma palavra. Significa dizer que mesmo na pausa, no silêncio, a linguagem está presente, logo o silêncio também é linguagem (Maximo Pelis, 2020, p. 51).

Outrossim, o músico Jonh Cage buscou inspiração na filosofia Zen para fundamentar suas reflexões acerca do silêncio. A curiosidade de Cage se tornou mais proeminente ao saber

da existência de uma câmara anecóica¹⁰ construída na Universidade de Harvard. Antes, Cage acreditava que o silêncio era a ausência ou o oposto de som. Posteriormente, CAGE concluiu que o som sempre existe, intencionalmente ou não. Para ele todo ruído era música, o que ele apresentou em sua performance da peça 4'33" (na apresentação Cage, em três atos, senta-se ao piano à mercê do ruído da plateia). O som e o silêncio estão em constante mutação e contínua interpenetração¹¹ (Heller, 2008, p. 14). Cage então define o silêncio como ruidoso ou harmonioso, e cita como exemplos de silêncio ruidoso, o silêncio urbano, que carrega a tensão da poluição sonora dos grandes centros, e de harmonioso, a quietude do campo. Em ambos, com atenção, é possível identificar outros sons.

A primeira câmara anecóica foi construída durante a segunda guerra mundial por Léo L. Beranek, Diretor do Laboratório de Acústica e Eletrônica de Harvard, com o intuito de reduzir os ruídos de veículos e soldados, que interferiam nas mensagens em código morse. Basicamente, as câmaras anecóicas simulam um espaço aberto com dimensões infinitas, fundamentado na Lei do Inverso do Quadrado ($1/n^2$) em que o “nível de som a partir de uma fonte esféricamente irradiado diminui 6db a cada dobro da distância da fonte” (Krempel, 2015, p. 5). Tal coeficiente de absorção por alcançar todos os ângulos de incidência, tornou possível, por meio de revestimento específico, absorver noventa e nove por cento dos arruídos ambientes, e suas frequências.

Cage desenvolveu uma compreensão dialética do silêncio, afirmando a inexistência deste como total ausência de ruído, pois acreditou que há sempre um som, seja este intencional ou não intencional. O som e o silêncio estão em constante mutação e contínua interpenetração¹² (Heller, 2008, p. 14).

¹⁰ Léo. L. Beranek, diretor técnico e professor responsável pelo laboratório de Acústica e Eletrônica de Harvard, foi provocado a reduzir o impacto dos ruídos na comunicação por código morse, pelo Comitê Nacional de Defesa dos Estados Unidos da América, e ficou responsável por tal projeto. O tema é apresentado na dissertação “Silêncio: a linguagem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos” (Maximo Pelis, 2020).

¹¹ Termo utilizado por Daisetz Suzuki, em curso administrado na Universidade de Colômbia, sobre a filosofia Zen. A interpenetração significa que em todo espaço cada coisa e cada ser humano pode ocupar o centro. Quando no centro ocupa um lugar de honra. Cada um desses mais honrados se move em todas as direções, penetrando e sendo penetrado, não importando o tempo e o espaço. Significa dizer que não há causa e efeito, mas uma imensurável possibilidade de causas e efeitos (Heller, 2008).

¹² Cage ouviu o termo em curso sobre o Zen ministrado por Daisetz Suzuki, na Universidade de Colômbia. Segundo Cage, Suzuki afirmava que a grande diferença entre o pensamento ocidental e o oriental que a visão de causa e efeito não é enfatizada como no ocidente. Antes o oriente enfatiza o aqui e agora. A interpenetração significa que em todo espaço cada coisa e cada ser humano pode ocupar o centro. Estando no centro ocupa um lugar de honra. Cada um desses mais honrados se move em todas as direções, penetrando e sendo penetrado, não importando o tempo e o espaço. Isso quer dizer que não há causa e efeito, mas uma imensurável possibilidade de causas e efeitos.

Ao saber da existência da câmara anecóica, o músico procurou a Universidade e se voluntariou à experiência de estar na câmara por algum tempo. Após essa experiência, Cage que, até então, pensava existir um silêncio de fato, reconheceu que por mais que se tente fazer silêncio não é possível. O que ele experienciou foi a ausência de ruídos externos, mas a estranha percepção de seus ruídos internos (batimento, fluxo sanguíneo e outros sons provenientes do interior de seu corpo). Cage relata que foi perturbador.

Então, ao final da década de 50, início da década de 60, Cage compreende o silêncio como fenômeno acústico. Por analogia, ele explica que o silêncio acústico inexistente ao ouvido, pois sempre há algo acusticamente inaudível onde pode parecer não haver nada. E suas analogias seguem, entre silêncio e vazio, a transparência e o branco. O silêncio permite o movimento e a indeterminação do som, e não obstante não possa ser ouvido em termos de altura ou harmonia, pode ser ouvido por sua duração (Heller, 2008, p. 17).

Constituído por infinitas possibilidades de sentidos, e mesmo sem uma representação signatária, o silêncio apresenta definição complexa: acusticamente ele é falta, essencialmente ele é soma. Apresentamos a seguinte representação gráfica, elaborada e apresentada na dissertação “Silêncio: a linguagem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos” (2020):

Figura 6 – Representação do Silêncio



Fonte: Maximo Pelis, 2020¹³

A partir da experiência de Beranek, que construiu uma câmara anecóica, durante a Segunda Guerra Mundial, para neutralizar as ondas acústicas de um ambiente, tentando entender as interferências que ocorriam na comunicação em código morse, na época; e as definições de silêncio elaboradas por John Cage, após experienciar o silêncio na câmara de

¹³ Representação elaborada e apresentada por Simone Maximo Pelis na dissertação de mestrado “Silêncio, a linguagem em Instituição de Longa Permanência para Idosos”, sob a orientação da Prof^a. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

Beranek (silêncio harmonioso, e silêncio ruidoso), Maximo e Sampaio (2020) elaboraram a representação acima que explica como o silêncio está impregnado de sentido. Considerando S (silêncio), ele é a totalização dos ruídos internos R (I) e dos ruídos externos R(E), em relação ao indivíduo. Seria a harmonia entre ambos. Quando um se sobressai ao outro, o silêncio deixa de ser harmônico e passa a ser perturbador.

Considerando a subjetividade e a linguagem, os ruídos internos são não somente os sons produzidos por nosso corpo orgânico, mas as nossas crenças, culturas, desejos, emoções e história. E os ruídos externos são, bem mais do que os sons perceptivos, são os sons, as vozes das condições sociais, históricas e culturais em que cada indivíduo está inserido. Logo, o silêncio está impregnado de sentido de toda ordem.

Vejamos a representação a seguir:

$$S = R(E) + R(I)$$

A fórmula¹⁴ expressa que o silêncio acústico é sempre diferente de zero e não é diferente com o silêncio na linguagem. Isso ocorre porque permanentemente há um dizer ou um não dito a dizer. O silêncio que envolve as palavras, ou fundamenta o lugar que a palavra ainda não está, o sentido está sempre presente, seja pela fala, seja pela ausência dela. O silêncio é a eminência do dizer, lugar onde o dizer é fundamentado.

“Quando o homem individualizou (instituiu) o silêncio como algo significativamente discernível, ele estabeleceu o espaço da linguagem” (Orlandi, 2009 [1999], p. 27). Esse espaço de linguagem é um ponto de equilíbrio em que novos movimentos, em qualquer direção pode ocorrer. Utilizando a analogia de uma gangorra, em que um extremo representa os ruídos (sons) internos, e no outro extremo estão representados os ruídos (sons) externos, o eixo de equilíbrio seria o espaço do silêncio. Espaço em que o equilíbrio ocorre, e por onde perpassa o excesso, ou a falta que irá provocar o desequilíbrio desse complexo mecanismo que está em contínuo movimento.

Quando o movimento é interrompido, e um dos extremos fica em suspenso, ocorre desequilíbrio na ação, causando prejuízo à essência do mecanismo e fragilidade ao extremo em suspensão. Em analogia, a descontinuidade do movimento seria o silenciamento, ou melhor dizendo o *dessilenciamento*, no sentido de interrupção do equilíbrio, de paralização do

¹⁴ Fórmula elaborada com a contribuição do Prof. Dr. José Carlos Martins Oliveira (Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas (DCET) da UESB) e apresentada por Simone Maximo Pelis na dissertação de mestrado “Silêncio, a linguagem em Instituição de Longa Permanência para Idosos”, sob a orientação da Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

movimento natural da linguagem, no encontro contínuo com o equilíbrio que fundamenta a próxima ação.

Figura 7 – A Gangorra



Fonte: Pubel, 2016¹⁵.

O silenciamento é definido, por Orlandi, como a política do silêncio, tratando de uma relação com o dito, o não-dito com o poder-dizer (Orlandi, 2009 [1999], p. 82), como um estado de suspensão, e constitutivo, quando se faz necessário a seleção do dizer. Em ambas as formas de manifestação, o silenciamento significa, para Orlandi, um impedimento. Nesse ponto, faz-se necessário entender de que silêncio, resultante do processo de silenciamento, está sendo falado: o silêncio, que é equilíbrio, é a soma dos ruídos internos com a soma dos ruídos externos, ou o silêncio ruidoso, aquele em que uma soma começa a se torna negativa à outra, ainda que em escalas decimais. O silêncio harmonioso é um mecanismo normal do mecanismo da linguagem, tal qual quando um eixo da gangorra desce para pegar impulso e posteriormente sobe, em movimento contínuo. O silêncio harmonioso é fundador, aquele que fundamenta o sentido, que está no entorno das palavras, e na ausência delas está impregnado de sentido. O silêncio antecede e instaura o que está a ser dito. No entanto pode haver a suspensão do ritmo contínuo, e por se perdurar o silêncio pode se tornar ruidoso, dispersando o sentido, e impedindo o desfecho da ação.

No silêncio harmonioso, o sentido está posto, organizado, fundamentando o que está a ser dito. No silêncio ruidoso há uma desorganização caótica, necessitando de intervenção para o retorno ao eixo.

¹⁵ PUBEL, M. Dois na gangorra. **Portal Comporte-se Psicologia & AC**. Publicado em 10 ago. 2016, às 17h57 pm. Disponível em: <https://comportese.com/2016/08/10/doisnagangorra/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Orlandi definiu o silêncio como a eminência do dizer, o lugar em que a linguagem é fundamentada. Para a linguista o não poder dizer é silêncio local, é onde o sentido movimenta o dizer, é o silêncio constitutivo; e cada divisão de sentido pode constituir uma interdição, formatando assim uma política, uma gerência específica para o silêncio, e um novo efeito de sentido.

“Pois bem: a censura, o ato de censurar, é uma manifestação cultural da necessidade estrutural de uma interdição na linguagem. Pensamos que o silêncio é necessário, mas o que determina o silenciamento e o dizer é o interdito” (Tfouni, 2008, p. 364).

Considerando o efeito de sentido, é necessário falar de rearranjos, de processos alternativos de significação: “rearranjos para falar por diferentes trajetos que, de maneira geral, se apresentam como uma relação não oficial, [...], mas, produto de um trabalho linguístico-cognitivo que circula por diferentes sistemas verbais e não verbais” (Coudry, 2008, p. 13).

O trajeto para o rearranjo pertinente ao processo alternativo de significação, como proposto por Coudry (2008), que canaliza e expressa o sentido não é exclusivo das estruturas linguísticas, mas de reorganização de ordem não-verbal: pelo gestual, pelo olhar, pelo movimento corpóreo, pela expressão emocional, pela entonação da fala ou até pela ausência dela, onde o silêncio torna-se processo alternativo de significação.

Inspiradas em Orlandi (2007 [1992]), que considera o vazio, como causador de efeito no outro, por não ser vazio e nem sem sentido, Azevedo *et al.* (2019) e Costa (2019), em importante estudo, afirmam que a gagueira e afasia são compreendidas como fenômenos da ordem do discurso e tem relação direta com os interlocutores e com o contexto de produção. Em suas análises, o silenciamento e o silêncio estão presentes nos discursos das pessoas com essas alterações de linguagem como forma de enfrentamento ao esperado pelo meio social, ou seja, uma linguagem com fluência absoluta, sem deslizes, pausas ou hesitações.

A palavra afasia carrega um sentido que leva para a ideia do silêncio, de não conseguir falar, e as palavras silenciadas são aquelas que permanecem em suspense, mas não inexistentes (Costa, 2019, p. 114).

O silêncio que fundamenta os dizeres, ancora as palavras e sustém os sentidos é linguagem, e como linguagem revela o sujeito por entre os significantes e significados que lhes são atribuídos.

4.3.2 Linguagem, sentido e ressignificação

Saussure estipula um valor para cada signo (em sua totalidade), a partir de seu significante (aspecto material) e de seu significado (aspecto material). O valor linguístico, para o pai da Linguística, é estruturado a partir de relações sistemáticas que envolvem comparação e oposição. Esse valor é estabelecido por critério binário, opositivo e a partir da relação estabelecida com os demais elementos do mesmo sistema linguístico. Cage estipula um valor para o silêncio e diz que a forma de o mensurar é por sua duração. Mas a duração é uma forma de emoldurar parte do silêncio, uma vez que ele é a “tela branca da pintura”; o tabuleiro onde se dispõe a pintura das casas, no qual o xadrez se constituirá a partir das regras, valorando suas peças. Cage fala das inúmeras possibilidades a partir do silêncio e o define de duas formas: o silêncio ruidoso, aquele que é perturbador, e o silêncio harmonioso, o que possibilita quietude.

Heidegger, o filósofo, usou uma jarra como analogia do vazio (silêncio). Ele disse que a jarra, enquanto recipiente, tem lado e fundo, mas não é o lado e o fundo. E questiona se ela seria o vazio que a encerra, se ela está mesmo vazia. Ele explica que a jarra está cheia de ar e de tudo que compõe o ar. Se a jarra fosse vazada por vinho, o ar seria deslocado e substituído pelo líquido. Então encher a jarra de vinho seria trocar um conteúdo por outro (Lima, 2010, p. 98). Heidegger vai além quando diz que na água doada, perdura a fonte, seus sentidos e significados. Como parte integrante da linguagem, o silêncio intermeia, envolve, separa e une. Sem qualquer representatividade em signo, o silêncio tem valor para a linguagem e carece de representação o que foi proposto por Maximo Pelis e Sampaio, em 2020 com o seguinte:

Por possibilitar sentidos, compreende-se que o silêncio não é um espaço vazio, mas parte de um sistema de significação atuante, ora estruturando algo a dizer, ora figurando algo que ainda não foi dito. O silêncio consolida sentidos localizados no âmbito histórico do sujeito e tem valor agregado a partir da percepção e da relação que o sujeito tem com sua realidade e o mundo (Maximo Pelis; Sampaio, 2020, p. 1).

Dessa forma, o silêncio do indivíduo silenciado está repleto de sentido, e, quando apreendido e interpretado, permite ao indivíduo silenciado ressignificar o que não pode ser dito. Interpretar o silêncio reconhecendo seus sentidos é possível ao considerar o sujeito por um viés histórico, social, cultural e afetivo.

É atribuído ao silêncio caráter basilar e estruturante de sentidos. Fundador, local ou constitutivo, o silêncio possibilita a articulação do eu, dos afetos e dos desejos, ora

interditando, ora possibilitando, seja compondo o interno, ou o externo, influenciando o estado mental e emocional do indivíduo. Orlandi (2007 [1992], p. 156) apoia-se no conceito de fuga para definir diferentes movimentos de sentidos de um mesmo objeto simbólico como polissemia, o ponto de deriva que modifica o sentido de um enunciado. Assim, a linguista afirma que o silêncio pode ser visto como o não dizer e a partir daí é possível contemplar o “dito”. Coudry (1996, 2008, 2017) em seus estudos sobre a linguagem dos afásicos cunhou o conceito de processo alternativo de significação como: “rearranjos para falar por diferentes trajetos que, de maneira geral, se apresentam como uma relação não oficial, [...], mas, produto de um trabalho linguístico-cognitivo que circula por diferentes sistemas verbais e não verbais” (Coudry, 2008, p. 13).

Em havendo um “não dizer”, ou um “não poder dizer” o indivíduo cria outro caminho para dizer o não dito, seja por sistemas verbais ou não verbais, este caminho é denominado processo alternativo de significação. Assim, silêncio é linguagem, está sempre cheio de sentidos, e é um processo alternativo de significação, ora fundamentando, ora estruturando.

4.3.2.1 Silêncio, Música e Ressignificação

O Silêncio faz parte da música. Cada pausa, tem um valor e equivale a um tempo. Semibreve, mínima, semínima, colcheia e semicolcheia equivalem a tempo e para cada um, determinado valor é atribuído.

Até a “fermata” cujo tempo é indefinido ou as pausas “não escritas”, puramente interpretativas para frasear ou declamar (rubato), mas não correspondem a uma notação (Nasio, 2010, p. 254). Cada hesitação e cada pausa tem valor na música, assim como o silêncio tem valor na linguagem e significação particular. O silêncio significa e possibilita ressignificar. Neste movimento em busca de equilíbrio, de harmonia, a música tem a função de torque no processo de ressignificação. A música é o torque, o momento de força para a mudança de direção.

Matemático e físico da Grécia Antiga, Arquimedes identificou um “tipo de força que causa a rotação de um objeto em torno de um eixo”, uma grandeza vetorial conceituada de Torque, na Física¹⁶. Reconhecido como o momento de força, torque é a força de alavanca

¹⁶ O torque é um tipo de força que causa a rotação de um objeto em torno de um eixo. Por exemplo, ao abrir uma porta, você realiza uma força, cuja componente perpendicular à porta faz com que ela gire em torno da dobradiça. A equação que descreve este movimento é $T = r * F * \text{sen } \theta$, em que r é a distância que a força é aplicada do eixo de rotação, F é a força exercida e θ é o ângulo entre a força e o plano do objeto. A partir dessa fórmula, nota-se que, somente quando a força é aplicada

observada, por exemplo, em uma gangorra. Ao abrir uma porta a força aplicada a partir do distanciamento da dobradiça (eixo) para a maçaneta é o torque.

Em analogia, tomando a gangorra como exemplo, observa-se uma extremidade (A), um eixo e outra extremidade (B). Na extremidade (A) encontram-se todos os sons externos com seus sentidos e atravessamentos. Na extremidade (B), encontram-se todos os sons internos de um indivíduo: memórias, sentidos, subjetividades. O silêncio é representado pelo equilíbrio entre os eixos. O movimento é contínuo, ora o externo sobressai, ora o interno. A busca contínua do equilíbrio é o que permite o ciclo saudável da gangorra. O eixo central possibilita este ciclo, é o ponto de equilíbrio e compensação dos sentidos que move cada haste. Segundo Arquimedes “as magnitudes estão em equilíbrio a distâncias inversamente proporcionais a seus pesos.” O eixo fundamenta, compensa, resiste e possibilita cada movimento. O Eixo é o silêncio, aquele onde institui-se a linguagem.

O silêncio antecede a linguagem, porém é o momento de força que possibilita o movimento de alavanca, a mudança vetorial, o retorno ao equilíbrio. Aí está a música. O torque na resignificação do silêncio estruturante de sentido.

4.3.3 Linguagem em movimento

A linguagem se constitui no movimento entre o eu e o tu, entre o mundo e o outro, é o que afirma Cota (2012, p. 39) ao ponderar que a linguagem é dinâmica. Na ação ininterrupta, no dinamismo singular e próprio, a linguagem se materializa (em enunciados, gestos, etc.) por um mecanismo em que o outro se torna ativo nas atividades enunciativo-discursivas. Para além da função de comunicação, a linguagem é uma atividade de interação e socialização, e, de acordo com Sampaio (2015), a linguagem e a memória atuam como processos cognitivos e de conhecimento, mediando as relações entre o indivíduo e o mundo. É importante ressaltar que a linguagem não é uma ferramenta de interação, é sim uma atividade intrínseca ao ser humano e, portanto, humanizadora (Senhorini; Santana; Santos, 2016). E esta atividade é constitutiva do sujeito, e por seu dinamismo, sempre incompleta, sempre em ação, alinhando e realinhando o sujeito dentro do dinamismo de seu contexto. Quando a linguagem é afetada, como ocorre com as pessoas com afasia, a sua reestruturação é possível pela interação social.

perpendicularmente, se obtém o movimento de maior intensidade possível, visto que o seno de 90° equivale a 1; e quanto mais distante do eixo, maior a intensidade do torque. Cf. TORQUE. In: GLOSSÁRIO do Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física (AMLEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/amlef/glossario/torque/>. Acesso em: 27 set. 2020.

4.3.4 O tu, o outro, o interlocutor agindo como moinho de vento

Ao conceituar a linguagem como multiforme e heteróclita, Saussure (2012 [1916], p. 16-17) diz que ela é ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, e que pertence ao domínio do social (língua) e do individual (fala), isso quer dizer que conceber uma sem a outra não é factível. Saussure (2012 [1916], p. 131), em sua obra póstuma, *Curso de Linguística Geral*, esclarece a dicotomia¹⁷ entre língua e fala, e refere a língua tal qual “uma folha de papel”: em que o pensamento é o anverso e o som o verso da folha. Impossível cortar apenas um lado. De tal forma ocorre com a língua: impossível “isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som” (Saussure, 2012 [1916], p. 131). A língua em uso resulta na fala. Segundo Saussure a fala “é um ato individual de vontade e inteligência [...] e dela o indivíduo é sempre senhor, pois ele pode escolher uma ou outra maneira de falar uma coisa embora à língua seja a mesma” (Saussure, 2012 [1916], p. 21). A fala é apenas uma das formas de comunicação, uma das formas de linguagem. A linguagem não verbal pode se manifestar por gestos, desenhos, música, silêncio, entre outros, e é importante forma de manifestação dos processos alternativos de significação para pessoas com alteração de linguagem.

Para Coudry (1996a, p. 6), a afasia tem por características as “alterações do processo linguístico de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão cortical adquirida, podendo ou não se associar a alterações de outros processos cognitivos.” O indivíduo que é abruptamente silenciado pela afasia, vive um colapso em seu contexto histórico, e sua realidade é desterrada. Um universo caótico é o que tem ao recobrar sua consciência, assim como sua família e as pessoas com quem convive. Colapsam seus significantes, significados e sentidos. E o dinamismo de sua atividade constitutiva é interrompido.

A Neurolinguística Discursiva (ND), preconizada por Coudry (2008), ao dar conta da urgência de reinserir o sujeito ao meio, enfatiza a importância de priorizar a subjetividade do afásico, considerando os aspectos biopsicossociais de cada um, tornando o afásico protagonista desse processo, que envolve o outro.

Na abordagem ND, a linguagem está sempre inacabada, e, onde há linguagem, e via linguagem, revela-se o sujeito. Portanto, o acompanhamento do sujeito afásico deve ser longitudinal, com avaliação da linguagem, de longo prazo, baseada na discursividade, contemplando os processos alternativos de significação, que cada sujeito irá desenvolver de

¹⁷ As dicotomias Saussurianas são: língua/fala; significante/significado; sincronia/diacronia e as relações sintagmáticas e associativas.

forma única, de forma dinâmica “pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito” (Coudry *et al.*, 2010, p. 17), onde o pesquisador (outro) é também submetido ao Outro (tesouro de significantes).

Na afasia, as inúmeras alterações (linguagem, social, pessoal, emocional, profissional) causadas aos indivíduos, sujeito de linguagem atípica, torna a vida caótica. A passagem do caos à ordem faz-se por meio de um ato de linguagem, pela atividade constitutiva da linguagem, Franchi, Fiorin e Ilari (2011, p. 13) ao resgatarem a gênese do Universo, ao materializar a realidade pela linguagem.

Nessa relação constitutiva, entre sujeito e linguagem, a linguagem apresenta-se como instrumento de inserção do homem entre os outros, e de intervenção entre cada um de nós e o mundo (Franchi, 2002, p. 58). A significância da atividade linguística se dá na comunicação, em que o sentido existe nas operações entre dois polos. Assim, por meio da linguagem o indivíduo toma consciência de si, dando forma a si, e ao mundo.

É neste processo que o “tu” ao apropriar-se do efeito de sentido do “eu” devolve possibilidades do ato de fala para o sujeito em que a alteração da linguagem é impedimento. Como um moinho de vento, o “Tu”, ao ocupar o papel do outro, capta as subjetividades do sujeito, conduzindo-as para conversão de sentidos.” Trata-se de um processo dinâmico, em que a linguagem é posta em movimento gerando energia identitária do indivíduo.

5 INTERRUPTÃO DA LINGUAGEM: SILENCIAMENTO FISIOLÓGICO, CRÍTICA A AVALIAÇÃO E REABILITAÇÃO DESCONTEXTUALIZADAS

A linguagem está em movimento contínuo. O impedimento deste fluxo, causado por uma ação, é na maioria das vezes provocado por uma censura, alheia à vontade da pessoa. O que acontece nos acidentes vasculares, uma censura mecânica, arbitrária, e que desencadeia a necessidade de avaliar e “reabilitar”, questões tratadas nesta seção.

5.1 Acidente Vascular Encefálico (AVE)

Principal causa de óbito no Brasil e a segunda maior do mundo, o acidente vascular cerebral é uma das doenças incapacitantes de maior atenção de estudo na neurologia. Há duas categorias o AVE Isquêmico e o AVE Hemorrágico. O primeiro tem maior incidência sobre o outro, no entanto, o hemorrágico aparentemente causa maior dano (MIRANDA *et al.*, 2024).

5.1.1 AVE Isquêmico

Definido como um infarto provocado por isquemia prolongada em uma parte do encéfalo cuja nutrição é interrompida por oclusão aguda de uma de suas artérias (Engel, 2010, p. 61). Tal oclusão ocorre por embolia (trombo proveniente de ramo distante) ou aterotrombose (trombo formado sobre placa de ateroma na própria artéria obstruída).

A manifestação do AVE isquêmico apresenta sintomatologias vinculadas às áreas atingidas:

Território Carótideo (Circulação anterior): síndrome cerebral média e cerebral anterior – Hemiparesia/plegia, hemianestesia/parestesia/paralisia facial central e disartria, apraxia, astereognosia, *afasia (motora, sensorial, de condução)*, anosognosia, heminegligência.

Território Vertebrobasilar (circulação posterior): síndromes de cerebral posterior, cerebelo e tronco encefálico – hemiparesia/plegia ou tetraparesia/plegia, hemianestesia / parestesia, diplopia, paralisia facial periférica, disartria, disfagia, disfonia, entre outros.

5.1.2 AVE Hemorrágico

Também conhecido como Hemorragia Subaracnóide (HSA), como o próprio nome denota, há uma inundação de sangue provocada pela ruptura de aneurisma, ou de malformação vascular arteriovenosa (causa mais comuns em AVE entre os 10 e 30 anos de idade) (De Angeli; Bin; Rigatti, 2010, p. 61).

A afasia é a alteração da linguagem, que decorre de lesão cerebral provocada por AVC, como apresentado acima, ou, ainda, por doenças metabólicas (diabetes tipo 3), tumores, aneurismas cerebrais (dilatação anormal que pode provocar rompimento de artéria), doenças neurodegenerativas (Alzheimer, Parkinson), ou infecções cerebrais (meningites) e traumatismo crânio encefálico (traumatismo por impacto).

Quaisquer dos eventos descritos acima, quando afetam a linguagem, provocam de forma abrupta alterações no dizer do indivíduo, pela fluidez, pela expressão ou pela compreensão, o silêncio se instaurará provocando a interrupção total ou parcial da linguagem, denominada como afasia.

Orlandi (2009 [1999], p. 74) descreve o silêncio de duas formas distintas: o silêncio fundador e a política do silêncio. A política do silêncio imprime os impedimentos. O indivíduo é silenciado, quando sob a política do silêncio ele é impedido de dizer. As causas podem ser diversas: questões culturais, políticas, éticas, institucionais e até fisiológicas. Todos os silenciamentos ocorrem de forma processual. Mas, pode haver exceções, quando se trata de silenciamento de causa fisiológica, como por exemplo, a afasia, em decorrência de acidente vascular cerebral, ou por contexto social abrupto, como foi o caso do período pandêmico (2020), ou mesmo nas consequências sociais decorrentes de causas fisiológicas.

O conceito de afasia trata de condições que alteram a capacidade do indivíduo de se comunicar de forma adequada por afetar a faculdade de falar ou se expressar verbalmente, a compreensão da linguagem verbal, a compreensão da linguagem escrita (leitura), a capacidade de escrever (agrafia). Na literatura médica, verifica-se que a afasia ocorre após lesões cerebrais, que geralmente acometem o lado esquerdo do cérebro (hemisfério esquerdo) principalmente nas regiões frontais e temporais à esquerda, onde a maioria das pessoas possuem as redes neurais que possibilitam as funções cerebrais da linguagem, mas também pode se desenvolver aos poucos, durante o crescimento de um tumor ou desenvolvimento de uma doença (Girodo; Silveira; Girodo, 2008). Embora o Sistema de classificação de Boston identifique oito formas diferentes de manifestação de afasias, a dicotomia básica do estudo das afasias: afasia motora, ou expressiva (afasia de Broca) e afasia receptiva ou sensorial

(afasia de Werneck) é a mais considerada na realidade médica. Porém, a afasia não é apenas um grupo de sintomas que caracteriza uma série de classificação, observa-se criticamente uma visão localizacionista, sustentada na neurociência, que enquadra o sujeito à classificação (Novaes-Pinto; Santana, 2008). No entanto, há referências linguísticas que sustentam críticas a essa visão por entenderem que o sujeito é histórico e social.

No que se refere à participação da Linguística na investigação sobre as afasias, Jakobson, ao estudar as afasias caracterizadas pelo distúrbio da contiguidade, considera-o um tipo em que a função do contexto tende a reduzir o discurso a pueris enunciados de frase, e até mesmo a frases de uma só palavra (Jakobson, 1969, p. 51). Esse linguista afirma que o indivíduo ao manipular os eixos da similaridade e da contiguidade (metáfora e metonímia, nos aspectos posicional e semântico) revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências verbais (Jakobson, 1969, p. 55). Esta é uma visão sustentada pela interdisciplinaridade, em que a Linguística está inserida, e que é discutida pela Neurolinguística Discursiva. Visão que considera o sujeito instituído pela linguagem, e por ela revelado, como Luria preconiza ao fundamentar os estudos da Neuropsicologia:

Para explicar as formas mais complexas da vida consciente do homem é imprescindível sair dos limites do organismo, buscar as origens desta vida consciente e do comportamento “categorial”, não nas profundezas do cérebro ou da alma, mas sim nas condições externas da vida, em primeiro lugar, da vida social, nas formas histórico-sociais da existência do homem (Luria, 1981, p. 21).

Assim, a linguagem humana, a partir de uma visão Neurolinguística de abordagem enunciativo-discursiva, se estabelece por meio de atividades sociais, levando em consideração que o indivíduo é o resultado de um processo sócio-histórico-cultural.

5.2 Avaliação e “reabilitação” nas afasias

Considerando a pluralidade como característica da linguagem, percebe-se que certos procedimentos avaliativos analíticos da neurolinguística tradicional são inadequados por desconsiderarem esse fator e por realizarem testes padrões com tarefas descontextualizadas; por exemplo, a natureza das tarefas propostas correspondem a exercícios fundados na língua escrita, e por se baseiam em uma perspectiva teórica simplista do fenômeno da linguagem. Tais procedimentos, igualmente, regem e amparam a criação de aplicativos voltados para pessoas com afasias. Aplicativos que apresentam atividade que mais parece para crianças em

desenvolvimento escolar, do que para adultos com alteração de linguagem. Para o acompanhamento dos sujeitos, no formato híbrido, verificou-se que aplicativos, como Recover Brain, que oferecem tarefas simplórias, sem considerar a história do sujeito, sua cultura, conhecimento e sua capacidade cognitiva, seriam inadequados. Para além, olhar para o sujeito com atividades que o infantilizam pode acarretar resistência e consequente apagamento do sujeito, que já se encontra em ambiente interno caótico e desorganizado. O sujeito, aqui considerando um jovem, adulto ou longevo, precisa ser facilitado para os processos alternativos de significação, e não excluído deles. Abaixo, apresentamos algumas das atividades ofertadas no aplicativo. As primeiras atividades começam com o arrastar figuras para encaixe em formas correspondentes, ou para complementar uma cena. No nível mais avançado, é apresentada uma sequência de borboletas, com desenhos específicos nas asas, cuja sequência deve ser compreendida para execução da tarefa.

Figura 8 – Atividades interativas para afásicos



Fonte: Recover Brain, 2021.

Na abordagem da Neurolinguística Discursiva, Coudry (2008) considera indispensável o acompanhamento longitudinal do afásico, apoiada em uma lógica discursiva, para uma avaliação de longo prazo sobre a linguagem desse sujeito. Esse tipo de acompanhamento mostra-se eficaz, visto que, além de avaliar o quadro clínico do sujeito, também visualiza os processos alternativos de significação que o indivíduo desenvolve para lidar com as diversas situações a qual participa. Tal abordagem considera a linguagem como atividade constitutiva do sujeito. Por isso, faz-se imprescindível, ainda que de forma generalizada, conhecer o contexto sócio-histórico e cultural do sujeito ou do grupo ao que será direcionada a atividade.

6 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este é um estudo longitudinal, não experimental, que compreende uma pesquisa qualitativa quanto à observação e coleta de dados, por seu caráter subjetivo quanto à observação e análise de processos alternativos de significação para a pessoa com afasia. A coleta de dados teve início após a aprovação do comitê de ética e consentimento pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE1) pela pessoa com afasia, que, apesar da alteração da linguagem, permanece com a compreensão preservada. Além das pessoas com afasia, participaram da pesquisa para relato e compreensão da história do sujeito e interpretação dos possíveis processos de ressignificação deste indivíduo, seus parentes e/ou cuidadores, igualmente após consentimento autorizado por escrito (TCLE2). Foram elencados dois sujeitos de pesquisa, acometidos por afasia, maiores de idade, que expressaram interesse de se vincularem ao Espaço de Convivência de Afásicos e Não Afásicos (ECO) que funciona no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN/UESB). As pessoas com afasia que participam do ECO são usualmente encaminhadas para o espaço por neurologistas, geriatras, fonoaudiólogos, psicólogos e fisioterapeutas, mas também por demanda espontânea. Não se faz necessário, para esta pesquisa, grupo para controle de variável.

A geração de dados ocorreu a partir do acompanhamento da pessoa com afasia, em atividades interacionais espontâneas ou elaboradas com base nas atividades diárias do sujeito. Atividades em que a linguagem verbal ou não verbal, postas em movimento, desencadeassem situações discursivas, em que a intervenção/manejo se deu por meio da interação com o pesquisador, permitindo à pessoa com afasia a reorganização de sua linguagem. Na obtenção de dados foram utilizados recursos audiovisuais, e observação direta na significação dos processos não verbais, que se manifestaram em situações enunciativo-discursivas, ou seja, promovidas pelo pesquisador, presencial ou, quando e se possível, remotamente. Para a transcrição e análise de dados se aplicou a metodologia dado-achado, que possibilita a teorização de cada dado de forma dinâmica “pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito” (Coudry, 2008, p. 17).

A coleta de dados desta pesquisa ocorreu de forma híbrida, presencial no ECO/UESB, em domicílio ou remotamente, mediada por tecnologias ativas. Essa adequação se fez necessária, pois, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde anunciou o surto de pandemia de Covid-19. Como parte da estratégia de prevenção à transmissão do Covid-19, foram estabelecidos alguns protocolos e orientações de biossegurança como o distanciamento

social, e confinamento para grupos de risco. Mesmo, após decretado o fim do período pandêmico (março de 2022) o uso de máscara, o uso de álcool gel e a higienização constante das mãos foram essenciais até o início de 2023. Como alternativa à atividade presencial, foram promovidas atividades síncronas e assíncronas mediadas por tecnologias ativas, em ambiente virtual. No ambiente virtual, o acompanhamento dos sujeitos é mediado por aplicativos (*Whatsapp*) ou qualquer outra plataforma (*Google Meet, Teams*) que utilize a criptografia de ponta a ponta, garantindo o sigilo de dados. Para esta modalidade de acompanhamento, foi elaborado o “e-tele” para os sujeitos e para os familiares e cuidadores, com acesso por e-mail, conforme modelos aprovados em 14 de fevereiro de 2020, pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da UESB. Para esta pesquisa os sujeitos foram acompanhados presencialmente, portanto o termo de consentimento livre e esclarecido foi preenchido de forma presencial por cada participante da pesquisa. Em qualquer que seja o ambiente, a participação é sempre voluntária e de aceitação explícita, cuja desistência pode ocorrer a qualquer momento que o sujeito sinalize, sem nenhum risco ou dano financeiro para o participante e com retirada posterior dos dados prestados garantindo o sigilo das informações. O acompanhamento virtual tem como risco a dificuldade de aderência do sujeito ao método por conta das limitações individuais e singulares e até mesmo a dificuldade em decorrência da instabilidade de rede. Contudo, é a mediação do acompanhamento por meio de tecnologias ativas que tornou possível a coleta de dados e andamento da pesquisa em meio à pandemia, sendo este o maior benefício, entre outros, como por exemplo possibilitar a participação de sujeitos de outras localidades, fora do Município e/ou do Estado.

A metodologia utilizada tanto nos acompanhamentos individuais quanto nos grupais foi pautada na Neurolinguística Discursiva, pressuposto metodológico teórico e prático no qual consideram a língua, o discurso, o cérebro e a mente como constructos humanos que se relacionam e que permeiam a linguagem (Coudry, 2008).

A coleta de dados é baseada na metodologia de dado-achado, como já dito, na qual concebe uma dinâmica própria à pesquisa, estando nela presentes a interação dialógica entre os participantes, imersos em práticas significativas/discursivas que consideram as coordenadas antro-po-culturais que regem suas ações e não-ações. A metodologia permite a articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico de processos linguístico-cognitivos (Coudry, 1996b, p. 183). Ademais, os dados são aqui apresentados seguindo as normas do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN).

Em ambos os acompanhamentos, a observação participante é colocada em prática, nas situações discursivas, mediada pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito (Coudry, 2008, p. 17).

6.1 Sujeito de Linguagem

O sujeito que é constituído pela linguagem tem trabalho a exercer com/na/sobre a linguagem em relação aos(s) e ao(s) mundo organizado (Coudry, 1996b). Um mundo que é organizado a partir de significantes e significados que estruturam o inconsciente do sujeito. A linguagem constitui o inconsciente, e a verdade de cada um. O silêncio é linguagem e impregnado de sentido para o sujeito, comporta a verdade do sujeito, a expressão do seu inconsciente: “O poder ativo do silêncio torna transparentes os pequenos nada da conversação, e possui uma força que arrasta o paciente e o faz progredir, empurra-o para profundezas maiores do que havia visualizado” (Nasio, 2010, p. 22).

O silêncio faz parte do sujeito e do sentido (Orlandi, 2007 [1992], p. 87), por fazer parte essencial da formação discursiva. O sujeito é constituído pelo silêncio, pois este está em todas as regiões limítrofes das formações discursivas: “A palavra cria o silêncio; voltaremos sobre o estatuto dessa palavra criadora que, ao recuar diante de sua insignificância ou falta de sentido, toma forma de silêncio” (Nasio, 2010, p. 84).

A palavra possibilita a expressão da verdade do sujeito, quando ela é plena, e quando vazia, ela é resistência. O Silêncio está para além da palavra. Quando o significante paira no impedimento do silêncio do sujeito, a significação emerge na superfície do real. O silêncio permite esse processo, por possibilitar a manifestação do sentido.

Segundo Coudry (1996, p.67), na indeterminação da língua, a atividade (constitutiva) do sujeito emerge. O sujeito que não é soberano e nem criador da língua, menos ainda, mero repetidor, porém, é incompleto, imaturo e múltiplo. Sujeito que se constitui social, biológico, histórico, psicológico e linguístico, simultaneamente (Coudry, 1996, p.67), e se revela na e pela linguagem.

Este sujeito singular representa papéis e na atividade discursiva sua identidade é relevada. O sujeito que surge por uma ação da linguagem (enunciados), representado pelo social, pelo histórico, por tudo o que lhe é atribuído (Maximo Pelis, 2020, p. 64). Jakobson (1969) percebe este processo de comunicação contemplando inúmeros elementos como o código, mensagem, contexto e canal, remetente e destinatário, clivando assim o sujeito, aprisionando-o em uma relação binária e de equivalência entre os interlocutores. Sendo assim,

o sujeito estará sempre enredado pela urgência e determinação do outro, enlaçado pelo dinamismo da linguagem, valorada pelo contexto social histórico e cultural de cada indivíduo, bem como suas vivências.

Este estudo baseia-se no acompanhamento longitudinal de dois sujeitos com afasia. Dos sujeitos apresentados na dissertação, nenhum apresentava afasia, o que levou a seleção e convite de novos sujeitos; MJ e J, mulheres, respectivamente de 80 e 47 anos de idade, no período da coleta de dados, cujas informações, essenciais para compreensão do contexto social, histórico e cultural de cada sujeito, serão apresentadas a seguir:

6.1.1 Apresentando SUJEITO 1 - MJ

MJ, 80 anos, casada, seis filhos, moradora de Tremedal, apresenta, segundo diagnóstico médico, a afasia como seqüela de um Acidente Vascular Cerebral Isquêmico (AVCi), tetraparesia e hemiplegia à direita. Com o intuito de avaliar o funcionamento da linguagem e intervir nas dificuldades linguísticas apresentadas em situações reais de comunicação, a pesquisa apoiou-se na Neurolinguística Discursiva que serviu como bússola para o aprofundamento do tema.

A afasia aqui descrita é ocasionada em decorrência de AVCi, em área à esquerda, cujo comprometimento ocasionado por esta lesão é a perda total ou a limitação da linguagem articulada, denominada afasia de Broca (Freud (2014 [1891], p. 16), classificada por Luria como Afasia Motora Eferente, inferida a partir do desempenho em outras modalidades (Kagan; Saling, 1997, p.43). Neste caso, embora haja perda ou prejuízo da expressão oral da linguagem, a compreensão oral e outras funções da linguagem permanecem intactas.

Durante a coleta de dados, MJ foi acompanhada por pesquisadora do LAPEN, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da UESB, em domicílio, reproduzindo as atividades, o método e a periodicidade praticados no ECOA, em atividades individuais (presenciais) e em grupo (virtuais). O acompanhamento com MJ, teve início em 02 de dezembro de 2020 e término em 11 de dezembro de 2021, totalizando 33 encontros, gerando 142 vídeos (imagem e som), cerca de 18 horas de dados gravados a partir de atividades linguísticas planejadas e espontâneas.

Os encontros individuais caracterizam-se por sessões que buscam avaliar como o sujeito, em questão, lida com as dificuldades relacionadas com a condição atípica de linguagem. Por isso, as atividades elaboradas são pensadas para despertar o interesse de MJ e proporcionar o uso da linguagem por meio de atividades significativas para o sujeito.

Portanto, conversas informais, leituras e músicas são algumas alternativas de trabalho para este sujeito. As atividades em grupo, que acontecem de maneira interativa com outros sujeitos afásicos e pesquisadores e têm o objetivo de compartilhar e socializar experiências, foram parte essencial no planejamento das atividades de MJ. No entanto, devido a modificação causada pelo covid-19 e com as atividades presenciais suspensas na universidade, o acompanhamento aos afásicos passou a ser remoto, com uso de tecnologia ativa, através de vídeo chamada.

No recorte de acompanhamento, observa-se inicialmente que MJ possui severo comprometimento na linguagem oral, devido a isso, faz uso constante dos processos alternativos de significação nas interações. Apesar de existir este comprometimento, foi constatado que suas funções cognitivas não foram afetadas, estando estas em perfeitas condições. Outro ponto importante e que deve ser ressaltado são as tentativas de fuga e o silêncio nas situações enunciativo-discursivas. Em muitos momentos é possível perceber que MJ simula estar dormindo para não interagir (silêncio e sentido).

6.1.2 Apresentando SUJEITO 2 - J

J, 47 anos, mãe de S, 14 anos, esposa de P, dona de casa, teve uma ruptura de aneurisma seguido de AVE, submetendo-se em 6 de abril de 2021 à cirurgia. Teve perda de matéria encefálica no lobo fronto-temporal esquerdo. No início do acompanhamento não emitia qualquer expressão verbal. Segundo relatório médico, paciente com aneurisma roto, cursando com AVC hemorrágico [...] Isquemia em território de artéria cerebral média esquerda, cursa com afasia mista e hemiplegia direita. Acompanhada de forma multidisciplinar, e aguardava o acompanhamento pela Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação Associação das Pioneiras Sociais (Sarah)¹⁸. No relatório médico, consta “afasia mista”. Segundo a classificação luriana, a afasia de J apresenta “fala destituída de conteúdo real” e o sistema funcional da escrita afetado (Kagan; Saling, 1997, p.44), características da

¹⁸ Sobre a Rede Sarah: Fundação das Pioneiras Sociais, sociedade civil de utilidade pública, inaugurada em 1956, é a responsável pela implantação do primeiro centro de Reabilitação, inaugurado por JK, em 1960, com o intuito de dotar Brasília do mais moderno centro de reabilitação na época. Em 1968, Aloysio Campos da Paz Junior, diretor do Centro de Reabilitação, apresenta e desenvolve ideias trazidas de seu treinamento em Oxford: A Rede Sarah, que consiste em programas de tratamento, formação de recursos humanos, técnicas e equipamentos especializados, ampliada em rede nacional, em formato integral, foi inaugurada em 1980. Fonte: NOSSA História. **Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação Associação das Pioneiras Sociais**. Disponível em: <https://www.sarah.br/a-rede-SARAH/nossa-historia/>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2022.

afasia sensorial, no entanto, por conta do comprometimento de perda de massa encefálica no eixo fronto-temporal, J apresenta escassez de “output” espontâneo (impulso para a fala), característica da afasia dinâmica.

J foi, igualmente, acompanhada por pesquisadora do LAPEN, vinculado ao PPGLin da UESB, em domicílio, com atividades, metodologia e mesma frequência praticadas no ECOA, em atividades individuais (presenciais). Quanto as atividades em grupo (virtuais), J apresentou dificuldades em participar, pois acontecia no mesmo horário em que ela fazia fisioterapia. Ainda assim, conseguiu estar virtualmente presente por duas vezes. O acompanhamento com J, teve início em 10 de julho de 2021 e término em 11 de dezembro do mesmo ano, totalizando 21 encontros, gerando 117 vídeos (imagem e som), cerca de 10 horas de dados gravados a partir de atividades linguísticas planejadas e espontâneas.

6.2 Sobre a emergência de dados da amostra

A emergência e captação dos dados ocorreram em meio a situações enunciativo-discursivas, entrevistas com transcrição e observação direta. Na captação de dados, dessa forma, foi utilizada gravação de vídeo e de áudio. Assim, toda a captação de áudio e vídeo foi feita por celular Samsung Galaxy J5, tripé universal telescópico TRIPOD 3110, suporte celular selfie câmera pret., prioritariamente, na residência dos sujeitos respeitando as orientações de biossegurança para a ocorrência das situações enunciativo-discursivas. A análise de dados foi ancorada na metodologia dado-achado, que possibilita a teorização de cada dado de forma dinâmica “pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito” (Coudry *et al.*, 2010, p. 17). A transcrição dos dados foi realizada de forma manual para melhor apreensão da linguagem não verbal. Os dados são apresentados de duas formas, a saber: (i) transcritos e apresentados em quadros, com turnos discursivos, e (ii) em formato descritivo para retratar de forma íntegra as cenas sem interação verbal, entre sujeito e pesquisador.

6.3 Sobre as questões éticas

Com a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética sob o parecer nº 4.565671, e após o consentimento dos participantes, a partir da assinatura do TCLE é que se deu início ao acompanhamento gravado, portanto a captação de áudio e vídeo. Quanto ao TCLE, foi elaborado um TCLE1 para a pessoa afásica, outro TCLE2 para o familiar ou responsável, os modelos encontram-se nos anexos.

6.4 Sobre a condução das atividades sistematizadas nas situações enunciativo-discursivas

A pesquisadora utilizou como parâmetro a forma de atendimento do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), criado em 1989, pela professora Maria Irma Hadler Coudry, um centro interdisciplinar de atendimento e convivência a indivíduos afásicos e não afásicos; e a dinâmica de condução dos atendimentos realizados pelo ECOA, da UESB, implementado pela professora Nirvana Ferraz Santos Sampaio. Considerando que o silêncio pode ser fundamentado como ponto de intersecção entre afásicos e não afásicos, estão inseridos nessa convivência pesquisadores, terapeutas, familiares e amigos em uma interação mediada pela linguagem verbal e não verbal, bem como por sua relação com sistemas não verbais (Sampaio, 2006, p. 71). Lugares em que, na prática (clínica) com a linguagem, são preocupações fundantes o não isolamento social, o enfrentamento das dificuldades e a construção de possibilidades dos sujeitos de estar no mundo em meio ao exercício com e sobre a linguagem, nas diferentes situações discursivas / comunicativas e eventos discursivos / comunicativos (Sampaio, 2006, p. 77).

Novaes-Pinto (2017), ao estudar a linguagem no envelhecimento, se inspirou em reflexões da vertente sócio-histórico-cultural, principalmente, nas produções do Círculo de Bakhtin, pautadas no entrelace da linguagem, dialogia, alteridade e ética. Para a autora, Bakhtin (2012) considera que cada sujeito é responsável e deve responder por seus atos, a partir da ética, que é um conjunto de obrigações e deveres concretos, sendo que o ato de pensar é o mais fundamental compromisso humano. Em 2011, a autora já havia discutido sobre essa temática e considera que esse dizer de Bakhtin “nos move; nos desloca de posições possivelmente mais cômodas” e conclui que “acomodar-se em uma forma de pensar, repetindo o que se faz numa certa abordagem teórico-metodológica, ou porque é mais aceita numa comunidade científica, ou porque tem mais prestígio não pode ser considerado ético, nem tampouco responsável” (Novaes-Pinto, 2011, p. 756), esse pensamento também direcionou esta pesquisa.

Nesse sentido, primeiramente, houve a necessidade de a pesquisadora compreender as atividades praticadas no ECOA. Observou-se que as atividades de linguagem necessitavam de um ambiente em que os interlocutores pudessem construir e compartilhar dizeres, sentimentos e sentidos. O ambiente pode ser físico ou virtual, contanto que a linguagem esteja ali em contínua atividade.

Figura 9 – Atividade no Ecoa



Fonte: Banco de dados do ECOA.

6.5 A Neurolinguística e o Espaço de Convivência entre Afásicos e Não Afásicos (ECOA)

As pesquisas voltadas para as variações individuais e as produções entre os sujeitos e de um mesmo sujeito estão relacionadas aos fatores sociais, históricos e culturais, os quais constituem a linguagem e a cognição humana (Novaes-Pinto, 2017).

Visando compreender o funcionalismo da linguagem, do cérebro e da cognição humana, tem-se como campo de investigação a Neurolinguística Discursiva, cujo interesse para este trabalho se volta para os processos discursivos, com vistas na “análise da dimensão interativa das ações humanas, quanto a das condições históricas e discursivas que as mobilizam” (Morato, 2001, p. 146). Ou seja, leva-se em consideração as características interativas e dialógicas que conduzem as práticas humanas nos distintos contextos ideológicos, sociais e culturais, bem como a subjetividade presente na relação entre linguagem, cérebro e cognição.

Desde a década de 1980 que o Instituto de Ensino da Linguagem (IEL/UNICAMP) comporta e desenvolve inúmeras pesquisas no campo da linguagem e em suas patologias

Que envolvem, por um lado, sujeitos adultos cérebro-lesados (por AVC, TCE e processos expansivos) que têm a linguagem e outros processos cognitivos/psíquicos modificados funcionalmente, como ocorre na afasia, na Demência de Alzheimer, na Síndrome Frontal (Coudry, 2008, p. 18).

Tais pesquisas, concebidas a partir de uma concepção sócio-histórica da linguagem, conduziram à criação de um espaço de convivência entre afásicos e não afásicos, em 1989,

coordenado pela Profa. Maria Irma Coudry. Trata-se de um ambiente em que afásicos, terapeutas, familiares e amigos participam, e constroem juntos, de forma dinâmica, possibilidades de a linguagem acontecer e consolidar sentidos. Recursos metodológicos e o real de uma vida organizada em sociedade da qual se fala, se escreve e se lê, são responsáveis pelo dinamismo de cada sessão coletiva e manutenção da comunidade de fala (Sampaio, 2006) construída pela autonomia de cada participante e interação entre todos.

Nessa perspectiva, em 2011 foi criado o ECOA, pela professora Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, na UESB, com o intuito não apenas de acompanhar sujeitos de forma individual ou em grupo, mas também, de incluí-los no convívio social e melhorar a qualidade de vida desses sujeitos e daqueles que têm comprometimento de memória. Os encontros ocorrem uma vez por semana, com duração máxima de uma hora, por meio de atividades que envolvem a linguagem e a comunicação interpessoal dos sujeitos, seus familiares e amigos, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da ND ou Neurolinguística Enunciativo Discursiva, seguindo o modelo proposto por Coudry.

A ND é uma área que vem se desenvolvendo, no Brasil, desde os primeiros trabalhos de Coudry (1996), ancorada nas abordagens sócio-histórico-culturais em estudos com questões relacionadas ao funcionamento cerebral e da linguagem, inspiradas, principalmente, nos trabalhos de autores, como Vygotsky, Bakhtin e Luria, que concebe o cérebro como um Sistema Funcional Complexo, ou seja, o cérebro por ser um órgão que é moldado pelas experiências externas, as quais possibilitam a transformação das funções cognitivas. Esta é, pois, uma concepção que destaca a natureza subjetiva e social desse funcionamento.

Para a ND, os conceitos de sujeito, os processos dialógicos e de significação e interação, entre outros, se constituem como princípios relevantes para a concepção de linguagem, enquanto fundante para a orientação e formulação teórico-metodológica de sua prática, que considera questões individuais e subjetivas.

Em decorrência da pandemia do novo coronavírus, COVID-19, o referido espaço ao retomar suas atividades em abril de 2020, precisou se adequar à forma remota, obedecendo às recomendações de biossegurança definidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), sobretudo quanto ao distanciamento social, com atendimento feito pelas plataformas *Google Meet* e *Whatsapp*, por meio de sessões semanais supervisionadas e orientadas pela então coordenadora do ECOA, professora Dra. Nirvana Sampaio.

Assim, as interações sociais são consideradas como locus que produzem significados, uma vez que no universo subjetivo das interações é que a língua é idealizada, e pelos enunciados compreende-se o sujeito. Afinal, como assevera Coudry (2008, p. 9),

Os dados de linguagem produzidos em meio à visão discursiva dos sujeitos em acompanhamento dão visibilidade ao que se apresenta como processos alternativos de significação, uma formulação teórico-metodológica que tem se mostrado produtiva quando a linguagem se apresenta, em várias de suas faces, modificada pela afasia. Se o sistema da língua conta com um conjunto amplo de formas a serem selecionadas e combinadas para produzir sentido, então, há processos de significação a explorar na interlocução com afásicos: esse é o desafio que se toma como ponto de partida para enfrentar as condições em que se estabelece a linguagem na afasia. Se a afasia afeta certas estruturas e usos da língua, por sua vez, o sujeito afásico busca outros modos/arranjos para significar/associar, ou seja, produz processos alternativos de significação.

Concomitante às ideias formuladas por Coudry (1996), o ECOA/UESB utiliza como metodologia a ND, amparando-se no conceito de dado-achado, uma vez que o dado-achado “funciona como uma espécie de pista privilegiada para o investigador descobrir caminhos trilhados pelos sujeitos que fazem compreender suas dificuldades e as saídas encontradas” (Coudry, 2008, p. 20-21). De acordo com a autora, um dado se torna um achado por meio do olhar teórico que lhe é atribuído e, é nesse momento que se tem um achado para ser trabalhado.

Destarte, por meio do processo de interação estabelecido nas discussões entre sujeito e interlocutor tem-se como evidência a avaliação da linguagem em funcionamento em meio aos seus múltiplos usos e particularidades desenvolvidas pelo sujeito, haja vista que:

[...] a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos (afasia), diferentemente da abordagem tradicional assentada em tarefas essencialmente metalinguísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e culta de língua, insere-se no exercício de práticas que fazem sentido para o sujeito, relacionadas a situações de uso social da linguagem. Por isso, nessa perspectiva, se avalia como o sujeito expressa sentidos e interpreta o jogo verbal de que participa como sujeito falante de uma língua natural, levando em conta que o sentido não é dado previamente, mas se faz em meio a contingências enunciativas e antropológicas (Coudry; Freire, 2017, p. 362).

A linguagem é uma forma que o sujeito, em sua subjetividade, utiliza para dar significado a tudo que está à sua volta, afinal “[...] a linguagem não se limita às ‘formas’. Por isso, o que há de linguístico além das formas também deve ser avaliado” (Coudry; Possenti, 1983, p. 99).

6.6 Acompanhamento Híbrido durante a Pandemia

Para dar continuidade aos acompanhamentos de integrantes do ECOA os pesquisadores precisaram se adequar às novas normas de segurança. Os acompanhamentos presenciais só foram possíveis com a vacinação de pesquisador e de sujeito, mesmo assim a utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), seguindo rigorosamente a orientação aos atendimentos clínicos: touca, máscara, máscara facial acrílica, jaleco descartável, luvas, propé e higienização (com álcool 70%) sistemática de equipamentos, instrumentos e objetos utilizados nas sessões que ocorriam em domicílios e de forma individual.

O acompanhamento individual é importante no processo de avaliação e acompanhamento de afásicos, mas a proposta principal do espaço de convivência é a reintegração do sujeito afásico à comunidade de fala e à reapropriação das atividades constitutivas da linguagem que emergem quando esta é posta em ação.

Anunciada a pandemia, a orientação da OMS foi que as pessoas ficassem em suas casas, principalmente os que apresentavam alguma comorbidade, e os idosos. O impacto desse distanciamento, muitas vezes com característica de isolamento, dadas as circunstâncias, afetou profundamente a sociedade. Não foi diferente com o ECOA que tem suas atividades baseadas na convivência. Antes que o distanciamento impactasse na regressão de progressos alcançados pelos afásicos do grupo, fez-se necessário repensar meios para manter a convivência entre os participantes. Os aplicativos que oferecem chamadas de vídeo se tornaram “febre”, por diminuírem a distância entre as pessoas e por tornarem possível a convivência entre elas. O ECOA propôs aos integrantes um encontro virtual. A ideia era testar a condição de participação de cada integrante: compreensão, acessibilidade, alfabetização digital, desenvoltura, e atravessamento emocional. Após o evento teste, cada participante foi consultado, individualmente, a respeito da impressão sobre o encontro virtual. As impressões foram positivas, e foi constatado que integrantes idosos haviam mudado de município/cidade por conta da pandemia, para estes, o meio virtual tornava possível o reencontro com o grupo e se mostraram animados com a possibilidade.

Mas, em meio à pandemia, novos integrantes se apresentaram ao grupo, também por meio virtual. Para que o grupo realizasse seu papel era necessário reproduzir no espaço virtual o proposto no espaço físico: os recursos metodológicos e o real de uma vida organizada em sociedade, da qual se fala, se escreve e se lê. Eram necessários protocolos metodológicos, operacionais e planejamento.

Assim, a primeira decisão do grupo era quanto à plataforma a ser utilizada. Após testes com *WhatsApp* e *Google Meet*, o aplicativo definido como ambiente dos encontros foi o *Google Meet* por proporcionar a utilização de ferramentas *on-line*, como a exibição de vídeos e arquivos. A segunda decisão era definir a periodicidade dos encontros que mantiveram o intervalo quinzenal, deixando espaço para os atendimentos individuais que poderiam ocorrer presencial ou remotamente. A terceira decisão dizia respeito ao tempo de duração de cada encontro, uma vez que a intolerância virtual causada pelo excesso de utilização de rede proporcionada pelo distanciamento era um temor: foi definido encontros de sessenta minutos. A quarta decisão: que atividades propostas fizessem sentido para os integrantes do grupo e que tivessem como recheio a realidade social e histórica, respeitando a singularidade de cada um. Para essa tarefa, os pesquisadores somaram à vivência relatada de cada integrante, o tempo lógico e suas atribuições sociais, pré-planejando as sessões com atividades interativas com duração de vinte minutos, deixando quarenta minutos para a interação a partir dos acontecimentos reais da semana e da motivação de cada um.

Realizado o desenho dos encontros, houve momentos preliminares de orientação aos integrantes e novo evento teste. A assiduidade foi constante nos encontros seguintes. O planejamento das atividades provocou e proporcionou a participação dos integrantes mesmo sem expressão oral. Com isso, conclui-se que as atividades remotas não são empecilhos para a participação de afásicos de expressão.

Outro ponto importante diz respeito à localização dos integrantes: os encontros remotos permitem a participação democrática de todos. Independente do lugar em que se encontram. Há, porém, um ponto que pode se caracterizar como aspecto positivo ou negativo: a “câmera fechada”, positivo por permitir que aquele que se sente desconfortável à exposição possa participar, sem se expor. No entanto, a “câmera fechada” impossibilita a observação do pesquisador às linguagens não verbais, importantes rastros de manifestações de sentidos, configurando assim, um ponto negativo. É necessário que cada momento seja avaliado e o integrante instado a “se mostrar” sem que se sinta desconfortável.

6.7 Resignificando o Caminho

Em 2021, com a imunização da população, lentamente a vida se reaproxima da normalidade. Melhor dizendo, da normalidade possível, dadas as circunstâncias. A pandemia dizimou mais de seiscentas mil vidas no Brasil, impactando as famílias, as pessoas e o viver em sociedade. Infligindo o inconsciente social e perturbando o emocional de cada um, a

pandemia forçou a criação de novos caminhos para ressignificação do caos estabelecido. O ambiente virtual se tornou o espaço em que os sentidos foram realocados e redescobertos. A noção de perto e longe, de lugar e de tempo se converteu em circunjacente. Todavia, quando o velho tempo com seus hábitos e rígida materialidade volve na reorganização do caos, vai de encontro ao novo, com novos hábitos e fluída materialidade.

O mundo das coisas é delineado pela linguagem sócio-histórica e culturalmente (Bakhtin, 2012, p. 42), enquanto atividade constitutiva do sujeito e do mundo no entorno, acompanha os processos evolutivos sociais.

O ECOA tem como principal objetivo fomentar a comunidade de fala, proporcionando atividades discursivas que incorporem o participante ao mundo que o cerca. Sendo assim, após avançar nos “tempos modernos” juntamente com seus pesquisadores, integrantes e familiares, como poderia o ECOA recuar e inibir a esta comunidade de fala o viver o novo? Uma vez que as novas práticas foram conformadas pelo grupo, e as velhas práticas persistiram, o formato híbrido contempla ambos e representa o novo protocolo de acompanhamento de afásicos e não afásicos.

Sob a perspectiva da Neurolinguística Discursiva, na próxima seção, serão apresentadas situações enunciativo-discursivas, cuja análise busca identificar o sentido atribuído ao silêncio, presente nos enunciados desses sujeitos, considerando sua condição de produção.

“Não basta comprovar que nos enunciados dos sujeitos há pausas e hesitações, já que esses fenômenos são constitutivos do normal. Deve-se analisar a sua produção em função do ‘todo do enunciado’ [...]” (Coudry *et al.*, 2010, p. 107).

Para compreensão do silêncio como parte de um enunciado, é necessário conhecer o eu, o tu, o ele, o tempo e a condição de produção de cada silêncio emergente das sequências enunciativo-discursivas. Cada silêncio está impregnado de sentidos, e, somente com essas variáveis, uma análise é possível. A seguir, será apresentada a forma usada para identificação de cada participante que constitui sujeito desta pesquisa e, posteriormente, a seção de dados e análises.

6.8 Sobre a identificação dos sujeitos

Quadro 3 – Identificação dos Participantes

Ordem	Participantes	Identificação
01	Sujeito 1	MJ
02	Filha A	Carol
03	Filha B	Cida
04	Sujeito 2	J
05	Esposo	P
06	Filha	Samantha
07	Pesquisadora	PSMP

Fonte: Banco de Dados de Pesquisadora.

7 DADOS E ANÁLISES

Em onze (11) subseções, foram organizados dados que emergiram, foram apreendidos a partir de situações discursivas e, posteriormente, analisados, com o desígnio de verificar o silêncio na linguagem da pessoa afásica. Para cada dado, o contexto será previamente apresentado.

7.1 São João

No contexto, a pesquisadora promove um dia temático para MJ. Era São João. O festejo sempre fez parte da história de vida e da cultura de MJ. Na atividade laboral, enquanto educadora, na criação dos filhos, nas suas memórias, essa temática sempre esteve presente. Com acessórios (chapéu, bandeirola, e até um bolo de milho) foi possível dar realidade a este momento e resgatar importantes memórias de MJ. Neste episódio além da participação da filha A, a cuidadora também assiste à cantoria. MJ escolhe a música para cantar com sua filha: “e encheu meu coração”, a expressão oralizada por MJ é suficiente para a filha compreender de qual música a mãe está falando: “Naquele São João”.

Quadro 4 – Naquele São João

Interloc	TN	TC Inicial	TC Final	Enunciados	Observações condição de produção	Observação não verbal
Filha A	1	[00:00:04.00]	[00:00:07.00]	Ahhhhh.... Bora cantar? Bora cantar!	MJ sorrindo.	
Filha A	2	[00:00:08.00]	[00:00:12.00]	É a do rapaz que ficou triste que a moça não chegou no S. João... Não foi?		
MJ	3	[00:00:13.00]	[00:00:13.00]	Foi!		
Filha A	4	[00:00:13.00]	[00:00:14.00]	Foi! Bora Cantar.		
Ambas	5	[00:00:15.00]	[00:00:39.00]	<i>Eu fiquei tão triste....</i>	Cantando*	Filha olhando para MJ que pára de cantar.
Filha A	6	[00:00:40.00]	[00:00:42.00]	Vamos cantar outra...	Filha oferece outra canção.	MJ continua a mesma canção.
MJ	7	[00:00:40.00]	[00:00:44.00]	<i>Só porque não</i>	MJ continua	Filha em

Interloc	TN	TC Inicial	TC Final	Enunciados	Observações condição de produção	Observação não verbal
				<i>veio, só porque não veio...</i>	a mesma canção.	silêncio.
Filha A	8	[00:00:45.00]	[00:00:53.00]	<i>Nã, Nã, Nã... Ela não lembra. Vamos cantar outra, ela não lembra.</i>	PMSP ao fundo afirma não haver problema.	MJ em silêncio.
MJ	9	[00:00:54.00]	[00:01:01.00]	<i>Eu lembro dessa. Eu lembro é dessa. "Uusica" não eu lembro não.</i>		MJ interrompe. Filha em silêncio.
Filha A	10	[00:01:02.00]	[00:01:03.00]	<i>Então vamos cantar mais uma.</i>	Convoca a filha.	
Ambas	11	[00:01:04.00]	[00:02:25.00]	<i>Eu fiquei tão triste, eu fiquei tão triste...</i>	MJ canta. A deixa de cantar em determinados momentos para a mãe completar a canção.	
MJ	12	[00:02:25.00]	[00:02:26.00]		Todos batem palmas.	MJ sorri impondo para começar a falar, levanta o balão com mão.
Filha A	13	[00:02:26.00]	[00:02:37.00]	No final das contas, ela chega, e alegre o coração e realiza o casamento	A filha toma a palavra.	Entusiasmada, A bate na mão.

Fonte: Banco de Dados ECOA.

Nos turnos conversacionais 6 e 7, quando MJ não consegue cantar toda a música, e o silêncio se instaura, rapidamente a filha oferta outra canção “Vamos cantar outra, vamos cantar outra”, a cuidadora pergunta: “você se lembra daquela [...]?” e a filha complementa: “essa ela não lembra a letra não”, a pesquisadora intervém: “Não tem problema, não”, a filha pergunta: “lembra de uma outra música [...]” e é interrompida por MJ que diz “Eu me lembro dessa!” e repete: “Eu me lembro dessa! Outra eu não lembro” não (com sinal de negativa com

a cabeça) e, em seguida, a filha retoma a música, acompanhada por MJ até o fim, que sorri ao terminar a canção, recebendo palmas de todos. Enquanto o silêncio de MJ era entendido por todos como o esquecimento da música, pausa por impedimento, para ela o silêncio estava repleto de busca, buscar as palavras que preencheriam a canção tantas vezes cantada e ensinada aos filhos, aos alunos. Ela precisava do silêncio para ouvir os ecos que ali se encontravam. A filha e a cuidadora tentaram, imediatamente, evitar qualquer possível constrangimento pela falta, mas foram surpreendidas pela afirmação, pela certeza, pela história presente de MJ. Eu lembro! O silêncio intervém como parte da relação do sujeito com o dizível (Orlandi, 2007 [1992], p. 89).

7.2 Primeiros Rabiscos

A cuidadora abriu o portão e autorizou a pesquisadora a subir, enquanto ela iria estender roupa. PSMP subiu as escadas e, na varanda, enquanto ainda vestia os EPI's era observada pelo marido de MJ. Ao acenar, ele acenou de volta. Dirigindo-se ao quarto, PSMP deparou-se com MJ na cama, com o eixo superior elevado, sentada. Perguntou como ela estava, ela levantou as sobrancelhas. Enquanto fazia anotações, a pesquisadora perguntou para MJ se ela gostaria de escrever, ela respondeu positivamente com movimento de rosto. Deu-lhe a caneta e posicionou o caderno para ela. Ela tentou escrever. Na escrita de MJ escreveu P R E ... O (sem intervenção, sem qualquer ajuda do pesquisador) e depois SS. Não verbal: ela fez com os dedos: 3 e 1. A pesquisadora perguntou se era 3 e 1? Ela respondeu negativamente e corrigiu: 5 e 1. Depois colocou a mão direita sobre o lado esquerdo do peito. PSMP perguntou: Pressão? Ela respondeu positivamente. Perguntei sobre o "seis", e "pressão". Após algumas tentativas, ela fechou os olhos e fez sinal com a mão para parar. Perguntou cansada? Ela respondeu positivamente. Perguntou se gostaria de tentar novamente, respondeu positivamente.

Na tentativa de estabelecer o vínculo e a comunicação com o sujeito, a pesquisadora ofertou a possibilidade da escrita baseada na história de MJ, que viveu grande parte de sua vida ensinando e alfabetizando crianças em Tremedal. No início, era perceptível o desconforto de MJ com a presença de uma estranha no quarto, mesmo que tenha sido apresentada na semana anterior pela filha. A apresentação de material que provoca memória afetiva e sentido, fomentou um caminho para o vínculo.

Na linguagem não verbal, os gestos foram essenciais para os primeiros meses, em que MJ estava em impedimento para a linguagem verbal. Todavia, o silêncio foi o espaço em que

o processo de significação germinou. No silêncio, na linguagem não verbal, MJ resistiu ao que lhe era estranho. Mas, abriu-se a possibilidades ao responder que gostaria de tentar novamente. O vínculo estava nascendo. A intervenção, considerando o contexto e a história do sujeito, surtira efeito.

7.3 Emoção e Vínculo

Era sexta-feira santa, quando PSMP parou na escada da casa de MJ para vestir os EPÍIs, estavam na sala alguns parentes conversando. PSMP pediu licença e foi para o quarto. MJ estava com o superior da cama elevado, mas não totalmente. Perguntou como ela estava, ela baixou o olhar. Perguntou se estava triste, ela respondeu que não. Então, mostrou o material que havia levado (caderno de desenho, pilot verde e pilot azul, gizão), dando início à atividade discursiva do dia. Naquele momento, MJ não podia verbalizar suas emoções, e seu gestual estava limitado. A pesquisadora optou por provocar MJ, a partir de uma atividade básica, com desenho, em que ela pudesse expressar a emoção que transbordava de seu olhar cabisbaixo, naquela sexta santa, em que sua família estava reunida para vê-la. Então, PSMP desenhou três emojis (triste, zangado e indiferente) e explicou o significado de cada expressão. Após isso, questionou a MJ: “Como você sente hoje? Alguma dessas emoções?” Ela fez que sim com a cabeça. Nova pergunta: “Triste?” A pergunta foi acompanhada do movimento de PSMP de apontar para o emoji correspondente. MJ respondeu negativamente. Novas perguntas: “Zangada?” Ela respondeu positivamente. Indiferente, ela respondeu negativamente. A partir daí não foi possível continuar a atividade. MJ demonstrou cansaço.

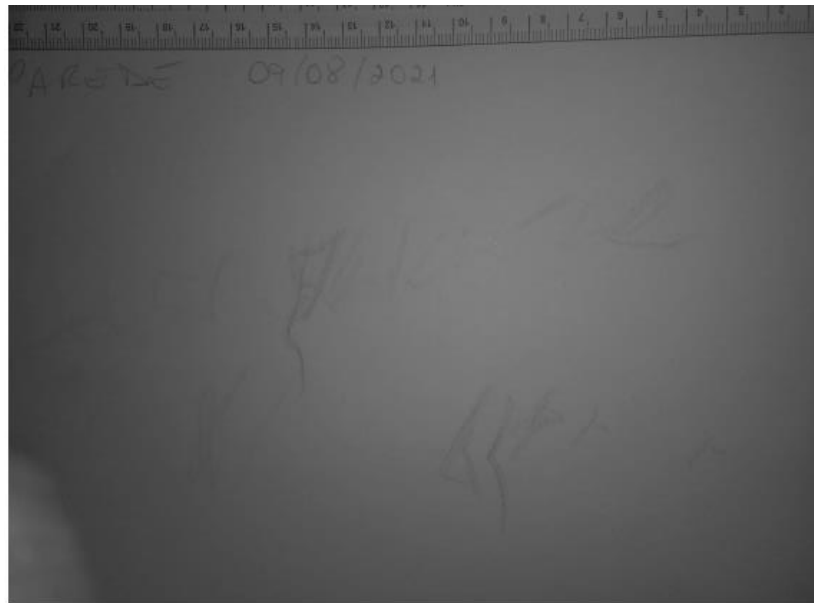
Ainda sem manifestação verbal, MJ foi provocada a falar sobre suas emoções. Embora ela conseguisse apontar para a emoção sentida (zangada); ainda não era possível dar continuidade ao diálogo, pois haviam inúmeros impedimentos. No entanto, esse momento representou a base da atividade constitutiva que estava por vir. Inevitavelmente, as primeiras atividades, e as primeiras narrativas desembocaram em uma margem escassa de signos, repleta de sentido, sem fluidez. Todavia, o vínculo PSMP-Sujeito foi estabelecido e consolidado a cada encontro, a cada ato de fala, suscitando, para MJ a condução para a conversão de sentidos, a captação das subjetividades do outro, por PSMP, tal qual um moinho de vento. Neste movimento, rápido e preciso, é gerada energia identitária do sujeito. No movimento da linguagem, o sujeito é revelado.

7.4 Parede

MJ estava deitada na cama hospitalar. O quarto reorganizado, a cama estava em diagonal, afastando-se da parede. MJ demonstrava incomodo quando PSMP perguntou o que estava acontecendo, ela apontou para o lençol. PSMP arriscou: “lençol, coberta, frio” Perguntou se gostaria de tentar escrever: MJ escreveu P A R E: PSMP arriscou: parede? Respondeu positivamente. Perguntou: a cama distante da parede te incomoda? Respondeu positivamente. A Pesquisadora afirmou: Isto posso resolver! Olha, você conseguiu me fazer te entender. Disse empurrando a cama para a parede. MJ sorriu. PSMP convocou V (cuidadora) e compartilhou o ocorrido. Nesse momento, MJ apresentou semblante altivo.

Sentir-se compreendida, sentir que conseguiu fundamentar e dizer o que precisava ser dito, mesmo sem oralidade fortaleceu MJ. A ponto de ela expressar sua satisfação em um sorriso. Seu silêncio caótico dava sinais de retorno ao equilíbrio.

Figura 10 – Pare (parede)



Fonte: Banco de Dados do ECOA.

7.5 Escrita do Nome¹⁹

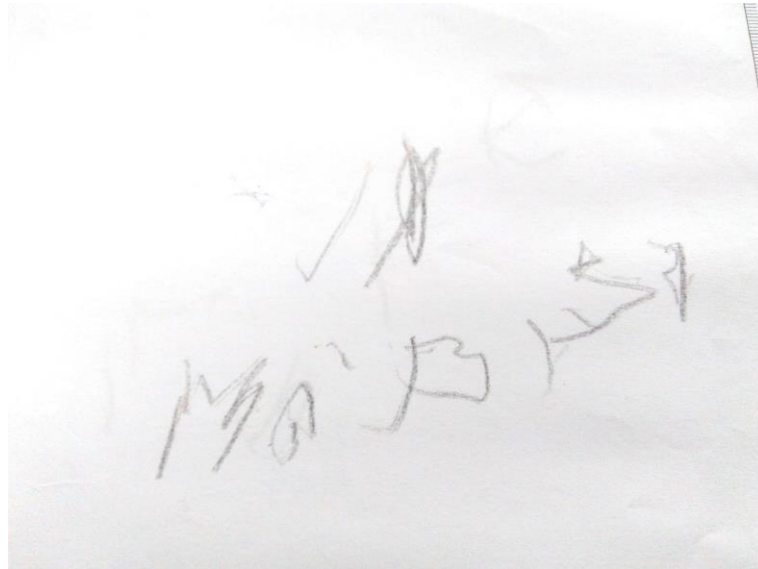
MJ, por conta do comprometimento neurológico, não se expressava pela oralidade, o que motivou a pesquisadora a oferecer-lhe sempre, instrumentos para a prática da escrita: caderno de desenho e gizão (tipo de giz mais encorpado, que facilita a pegada quando não há controle dos movimentos de pinça). Nos primeiros encontros, a pesquisadora traçou “códigos para mensagens” pelo piscar dos olhos e pelos dedos com MJ. A vontade que MJ tinha para se expressar era grandiosa, e, como educadora e professora, sabia bem a importância da escrita. Embora destra, significa-se na insistência da escrita com o membro superior afetado pela hemiplegia, demonstrando resistência à sua condição e fortalecendo a afetividade que move sua expressão escrita, e a faz sujeito de sua história, sujeito de linguagem.

No processo de escrita, MJ escolheu fazer o próprio nome. Embora fosse chamada por um apelido, foi seu nome de batismo que optou registrar, reinstituindo-se na e pela linguagem. Nas primeiras tentativas, surgiram traços ilegíveis, indícios de vontade. No entanto, sua escrita tomava forma, conforme sua expressão de vontade aumentava. Nas sessões de fonoaudiologia e de fisioterapia, o fortalecimento muscular global estava sendo promovido.

No momento em que foi produzido o dado apresentado a seguir, na figura 11, MJ conseguia se fazer compreendida por linguagem não verbal: expressões faciais e movimentos com as mãos. Por exemplo, certa vez, quando a pesquisadora chegou, ela conseguiu expressar que estava com fome: a pesquisadora perguntou como ela estava. Ela fez movimento negativo com a cabeça, baixando sua frente. Ação que provocou a pesquisadora a fazer novo questionamento: “O que houve?” Ela respondeu levando vagarosamente a mão esquerda até a boca, movimentando os dedos, fechando e abrindo a mão. A pesquisadora perguntou: “Quer comer?” Prontamente respondeu que sim. MJ conseguira dar maior complexidade aos diálogos, que saíram da linearidade do sim ou não.

¹⁹ Dado apresentado no artigo: MAXIMO PELIS, S.; SAMPAIO, N. F. S. Sujeito constituído e escrita constituinte. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 51, n. 1, 2022. DOI: 10.21165/el.v51i1.3321. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3321/2083>. Acesso em: 3 mar. 2023.

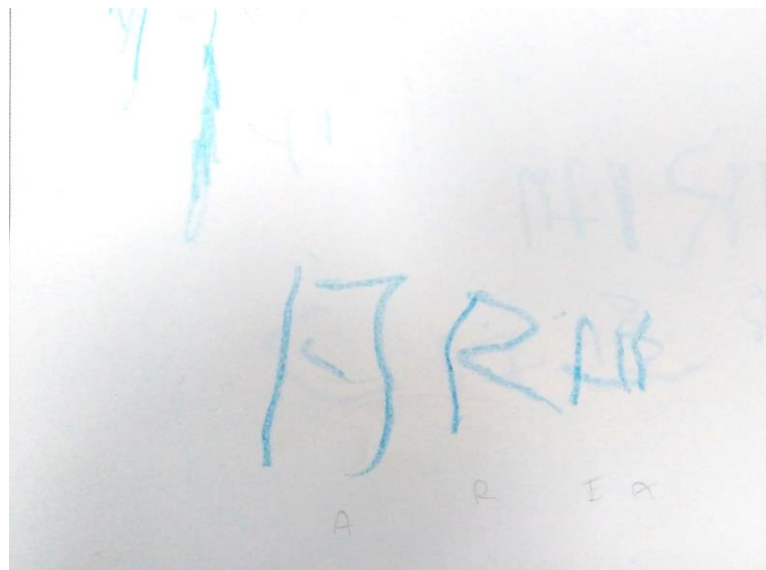
Figura 11 – Os Primeiros Registros



Fonte: Banco de Dados da Pesquisadora.

Nomear significa dar visibilidade, assumir singularidade, expressar personalidade. Assim foi com MJ. Aos poucos conseguia novamente expressar sua personalidade, tornando-se visível em sua singularidade. A escrita para MJ era o caminho de volta à vida. Sua afetividade por essa forma de comunicação foi alimentada em sua vida laborativa, como educadora ensinou mais de 600 crianças a escrever o próprio nome e instituir-se como sujeito. Sua memória afetiva alavancou sua vontade em insistir na escrita até o cansaço a dominar e ela pedir para parar.

Figura 12 – Tentativa de Escrita do Nome



Fonte: Banco de Dados da Pesquisadora.

Em outro momento, outro dia, a pesquisadora perguntou se MJ queria escrever e ela disse que sim, balançando a cabeça afirmativamente. Espontaneamente ela se apropria da escrita de seu nome. Após duas tentativas havendo a intervenção da pesquisadora para virar a página do caderno de desenho, MJ consegue escrever seu nome de forma linear (Figura 13) e sorri como que confirmando o reconhecimento de sua conquista, de seu progresso, de seu reencontro com sua linguagem escrita e toda sua complexidade. Esse reencontro se confirmou com a escrita também de: Amor, Ana, fé. Palavras que para ela são mais do que signos isolados, carregam sentidos que hoje ela consegue expressar: *amor*, sentimento que tem pelos filhos, pela profissão e pela vida, *Ana* a filha com quem tem maior proximidade e *fé* representando sua devoção à Nossa Senhora. O que lhe afeta, lhe impulsiona. As escolhas na escrita de MJ não são aleatórias. Há a urgência em se expressar e se mostrar sujeito inserido em um contexto histórico, que tem seus pensamentos e escolhas fundamentados nas relações construídas ao longo de sua vida; relações de, com e por afeto. O que faz com que cada dado seja singular, cuidadosamente elencado para fazer sentido naquele momento, e não em outro, para aquele sujeito e não para outro.

Figura 13 – A Escrita do Nome



Fonte: Banco de Dados de Pesquisadora.

A escrita que é linguagem, nesse momento, é constitutiva do sujeito. Para o sujeito instituído revelou-se a linguagem constituinte, fundamentada no afeto e no contexto histórico e social de MJ.

Escrever o próprio nome é uma expressão de identidade, propriedade e afetividade. Na afasia, a escrita pode se revelar como mecanismo de ressignificação, cujo acesso se dá pela afetividade e sentidos. O sentido que fundamenta o caráter constituinte da linguagem verbal e não verbal cunha o sujeito histórico e social, reposicionando-o enquanto sujeito de e pela linguagem. Para demonstrar esse mecanismo foram apresentados dados e análises do sujeito MJ, 83 anos, professora aposentada, que apresentou afasia em decorrência de AVC. Os dados produzidos por MJ, em meio a interação com o pesquisador, revelam processo de (re)significação e (re)constituição do sujeito fragmentado em decorrência de acidentes cerebrais, na e pela linguagem escrita. A (re)significação de sujeitos afásicos, silenciados, ocorre na consolidação de sentidos, em que a afetividade impulsiona o sujeito em direção à expressão escrita (meio possível de comunicação enquanto a comunicação oral não é viável), e o faz sujeito de sua história, sujeito de linguagem. A escrita, ato de linguagem que ordena o caos no universo fragmentado do sujeito afásico, pode possibilitar a reapropriação de sua história e de sua identidade, sua reconstituição.

Estar diante de uma pessoa estranha é uma situação de grande desconforto para os sujeitos. O primeiro trabalho que o pesquisador tem é a quebra da barreira da desconfiança. Uma vez desconstruída essa barreira, segue-se criando o vínculo com o sujeito, o que ocorre processualmente enquanto se estabelece a relação “eu”; “tu”, e a organização do tempo e do espaço, instituindo-se assim o movimento linguístico, estabelecendo-se o papel do outro como um moinho.

7.6 Início do uso da fala

MJ estava em Tremedal quando teve o AVC. Foi socorrida, internada no hospital, e quando recebeu alta, a família a levou para casa de parente em Vitória da Conquista. Um quarto adaptado, com cama hospitalar. Sob o cuidado de duas cuidadoras, uma fisioterapeuta, uma fonoaudióloga e a cuidadora da casa. Recebia familiares com frequência. Inicialmente sua comunicação era pelo olhar, depois pelo acenar com a cabeça, começou timidamente a escrita, e apresentou esforço mecânico de verbalização.

A filha de MJ anunciou que a mãe mudaria de casa, para o condomínio onde mora outros filhos e próximo da filha cuidadora. Por esse motivo houve a suspensão do atendimento domiciliar que acontecia semanalmente.

Quinze dias após, retomado o atendimento, eis que uma notícia é dada: MJ começou a falar.

Quadro 5 – Início da fala

Interloc	TN	TC Inicial	TC Final	Enunciados	Observações condição de produção	Observação o não verbal
PSMP	1	[00:00:04.00]	[00:00:07.00]	Bom dia	MJ sorrindo.	
MJ	2	[00:00:06.00]	[00:00:12.00]	Bom dia		A fala de MJ se sobrepõe a de PSMP
PSMP	3	[00:00:09.00]	[00:00:13.00]	MJ, você mudou de casa. Você gostou?		
MJ	4	[00:00:14.00]	[00:00:15.00]	Go...sim		
PSMP	6	[00:00:16.00]	[00:00:20.00]	<i>Aqui é mais claro, né?</i>		
MJ	7	[00:00:20.00]	[00:00:21.00]	É...	Acena com a cabeça positivamente	
PSMP	8	[00:00:22.00]	[00:00:27.00]	<i>Você consegue interagir mais com sua cuidadora?</i>		
MJ	9	[00:00:28.00]	[00:00:29.00]	É...		
PSMP	10	[00:00:30.00]	[00:00:34.00]	<i>Você só não gosta de cama longe da parede...</i>		MJ sorri
MJ	11	[00:00:36.00]	[00:00:38.00]	<i>Fi omedo de cair</i>		MJ Sorrindo
PSMP	12	[00:00:39.00]	[00:00:40.00]	<i>Fica com medo de cair</i>		PSMP sorri
PSMP	13	[00:00:41.00]	[00:00:42.00]	<i>Muito bem!</i>		
PSMP	14	[00:00:43.00]	[00:00:44.00]	<i>Você lembra meu nome?</i>		
MJ	15	[00:00:46.00]	[00:00:48.00]	<i>Nei li</i>		
PSMP	16	[00:00:49.00]	[00:00:52.00]	<i>Si? O meu nome</i>		
MJ	17	[00:00:53.00]	[00:00:54.00]	<i>Moni</i>		Ambas sorriem
PSMP	18	[00:00:54.00]	[00:00:56.00]	<i>Muito bem!</i>		

Fonte: Banco de Dados ECOA.

O reinício de sua expressão oral parece ser muito satisfatório para MJ, no entanto, muito cansativo. Nos primeiros encontros, MJ demonstrava cansaço, após alguns turnos de conversação. Nos turnos as palavras fluíam, mas exigia dela um esforço físico e sistêmico, como por exemplo no turno 14, do quadro acima, quando provocada a falar o nome da pesquisadora, o silêncio fundante emerge ante ao momento de seleção de palavras, de seu arquivo de retenção. Não era uma palavra usual antes de se tornar afásica, o que demandou

uma operação mais complexa. No entanto, quando PSMP deixou um rastro (prompt) para a seleção, prontamente ela completou o nome, e sua satisfação foi expressa em um sorriso.

7.7 Contando histórias, evocando memórias, revelando o eu

Para vencer o cansaço e motivar MJ, foram elaboradas atividades que a envolvesse pela afetividade: álbuns de fotos, história de família e notícias de Tremedal, lugar que MJ trabalhou, morou e fez história como educadora. Lugar cuja história se confunde com a dela, e ela tem orgulho em contar. Na atividade, a pesquisadora apresenta fotos da Igreja Nossa Senhora do Bonfim, da Barragem, da Ponte.

Quadro 6 – Meu lugar

Interloc	TN	TC Inicial	TC Final	Enunciados	Observações condições de produção	Observação não verbal
MJ	1	[00:03:03.00]	[00:03:07.00]	É o mais ooooo		
MJ	2	[00:03:08.00]	[00:03:12.00]	La é o lugar mais		A fala de MJ se sobrepõe a de PSMP
MJ	3	[00:03:12.00]	[00:03:20.00]	xcfhggjkhk	inaudível	A fala de MJ se sobrepõe a de PSMP
PSMP	4	[00:03:21.00]	[00:03:22.00]	É o lugar mais...		A fala de MJ se sobrepõe a de PSMP
MJ	5	[00:03:24.00]	[00:03:26.00]	Meor de água		
PSMP	6	[00:03:27.00]	[00:03:40.00]	É o melhor lugar de água? Tem muita água lá, então. Vi por aqui.... Olha que coisa bonita	Mostra a foto da barragem para MJ	MJ contempla as fotos em silêncio
MJ	7	[00:03:40.00]	[00:03:41.00]			
PSMP	8	[00:03:42.00]	[00:03:46.00]	<i>Muito bonito, aqui é no verão, eu acho. Fica lotado de gente.</i>		
MJ	9	[00:03:47.00]	[00:03:49.00]	<i>...o povo água</i>		
PSMP	10	[00:03:52.00]	[00:04: 05.00]	<i>Aqui está escrito exatamente isso: essa cascata foi construída com a barragem na</i>	PSMP Lendo	

Interloc	TN	TC Inicial	TC Final	Enunciados	Observações condições de produção	Observação não verbal
				<i>década de 60, para conter a saída de água de forma mais branda.</i>		
MJ	11	[00:04:06.00]	[00:04:08:00]			
MJ	12	[00:04:09:00]	[00:04:10:00]	<i>Perto da minha casa!</i>		
PSMP	13	[00:04:10:00]	[00:04:12:00]	<i>Perto da sua casa?</i>	MJ confirma com a cabeça	

Fonte: Banco de Dados ECOA.

Foi pela afetividade que as atividades discursivas se tornaram confortáveis para MJ, e por elas que MJ se reapropriou de sua história, de suas memórias. No quadro acima é apresentado apenas um recorte de uma atividade que durou quase uma hora, sem resistência de MJ, participativa. Acima é possível verificar o silêncio em dois turnos: no turno 7, o silêncio em meio a provável atividade cognitiva de atenção, de memória, de sensação e finalmente no turno 9, de linguagem, que demonstra provável atividade cognitiva de atenção, de memória, de sensação e finalmente no turno 9, diz: “... o povo ... água”. Novamente no turno 11, o silêncio que harmoniza, que possibilita, que fundamenta, que permite o pertencer e antecede o dizer: “Perto da minha casa!”

7.8 Desafio vencido: o dia do circo

A pandemia que atingiu o mundo em 2020 e 2021 foi um processo de silenciamento, tão abrupto como o que ocorre no AVC. Foi repentina a notícia que as pessoas teriam que se ater às suas residências, não houve tempo nem para se prepararem. Famílias divididas, pessoas solitárias, comunicação mediata por tecnologia ativa. Nesse momento as atividades acadêmicas, laborais, sociais, todas foram suspensas no formato presencial. E para os pesquisadores da Neurolinguística Discursiva do GPEN, um grande desafio surgia: proporcionar e manter as atividades discursivas para e com os componentes do ECOA. Entre eles, havia MJ, que não tinha intimidade alguma com os meios tecnológicos. Mas, tinha em sua história elementos que poderiam ser utilizados para afetá-la e atraí-la para uma tentativa.

Cada um foi orientado, e seus familiares convidados a participarem quinzenalmente do encontro virtual. As atividades foram planejadas e elaboradas, contemplando as possibilidades e dificuldades de cada um. O grande objetivo era a interação entre eles, a participação discursiva, a linguagem em movimento, o revelar o sujeito, e suas significações.

A proposta deste dia trouxe o circo como tema. Cores, música, personagens, desafios. No horário marcado a pesquisadora estava na casa de MJ, perguntou se ela participaria, e ela respondeu positivamente. A pesquisadora montou a estrutura com os celulares, tripé e na hora marcada ambas entraram no ambiente virtual e a interação começou.

Figura 14 – Dia do Circo



Fonte: Banco de Dados de Pesquisadora.

A escolha do tema foi motivada por ser um tema comum a todos. Todos se apresentaram, inclusive MJ. A atividade apresentada em *power point*, começava com um jogo de memória com diversas figuras repetidas de personagens ou coisas encontrados no circo, depois os participantes tinham que acusar qual aparecia mais vezes, por meio de múltipla escolha. Nessa atividade, MJ foi participativa, porém bem mais contemplativa. No momento que foi apresentada a música “Piruetas”, ele identificou que era de Chico Buarque.

Essa atividade foi um desafio vencido pelo ECOA, e participar com outras pessoas, de forma remota, foi um desafio vencido por MJ: o impedimento do dizer pela pandemia, pelo AVC, e pela própria condição física. A alteração de linguagem ficou em segundo plano, e o sujeito em primeiro. A atividade discursiva, seja com linguagem verbal ou não-verbal, dispôs o eu e o tu, em atividade constitutiva. Cada um foi um moinho de vento para o outro, captando subjetividades e convertendo-as em sentido.

7.9 Quebrando o gelo

O primeiro contato com J gerou muita expectativa ao pesquisador, pois diferente de MJ, a afasia global, ou transcortical mista, descrita no relatório médico que se dá a partir de lesões no lobo frontal e parietal do hemisfério esquerdo. Significa que há comprometimento de componentes da recepção e da compreensão da fala e da escrita. Apesar de, fundamentando-se na ND, levar em conta não a alteração da linguagem em si, mas sim nos processos de significação do sujeito, estabelecer o vínculo, quebrar a desconfiança, o caso apresentava-se mais desafiador para a pesquisadora.

J é uma mulher muito bonita, de cabelos longos, que, em suas fotos na sala, apresenta-os sempre bem cuidados. A pesquisadora chegou cedo à sua casa. O esposo foi preparar o desjejum, e deixou J sentada, com um pente próximo. A pesquisadora perguntou para J se ela gostaria de pentear o cabelo. J permaneceu inerte, com o olhar difuso. A pesquisadora de forma invasiva pegou o pente e pegou no cabelo de J, perguntando novamente se poderia penteá-la e como ela gostava do cabelo. Neste momento, J reagiu, olhou para a pesquisadora com olhar firme e puxou o cabelo de suas mãos, ajeitando-o. A pesquisadora perguntou novamente se ela queria que ela penteasse ou não o cabelo dela, com o intuito de provocar qualquer manifestação de sim ou não, ainda que gestual. J olhou para PSMP, passando a mão sobre seu próprio cabelo, com expressão de insatisfação e devolveu uma negativa com o movimento do rosto. Imediatamente, a pesquisadora parou de insistir e agradeceu por ela sinalizar, dizendo que não mexeria mais em seu cabelo, pois ela havia dito não. Em seguida, PSMP apresentou bolas que expressavam emoções, nomeando-as, e perguntando qual dessas emoções se aproximava ao que ela acabara de sentir: felicidade, medo, chateação ou zangada. Supostamente ela não compreendeu a atividade, e logo seu foco se voltou para o cachorro que se aproximou e quis brincar com uma das bolas. Nesse momento, timidamente, J sorriu.

Naquele momento, para se estabelecer o vínculo com o sujeito, era primordial o dinamismo da linguagem verbal e não-verbal, pois era ali que o sujeito se revelaria e se apropriaria de seus sentidos, reorganizando o caos instalado pela alteração da linguagem. O objetivo de PSMP era afetar de alguma forma o universo de J, provocando alguma manifestação. O silêncio verbal, e o não verbal manifesto, pelo olhar difuso e pela indiferença, refletia o distanciamento naquela relação discursiva, e o estranhamento ao pesquisador, mas também refletia a desorganização discursiva proveniente do trauma vivenciado. O silêncio com o qual J demonstrou resistência ao toque invasivo do pesquisador

em seu cabelo, incomodo, desconforto, e timidamente estabeleceu limites. O silêncio que repleto de sentido, resplandeceu no ir e vir da linguagem em ação.

Figura 15 – Quebrando o Gelo



Fonte: Banco de dados do ECOA.

Entre as atividades propostas, a pesquisadora apresentou uma atividade sem contexto com as atividades usuais de J, anterior ao Acidente Cerebral. Participou do momento, que foi bem descontraído, a cunhada de J. Foi ofertado um livro de atividades de alfabetização e letramento, que possui desenhos de objetos, animais, frutas e seus nomes tracejados para cobertura. O desinteresse e desestímulo de J foi perceptível até por sua cunhada. Em determinado momento o desenho era de uma abelha. A cunhada falou: Faz o mel. PSMP perguntou: Você gosta de Mel, J? Ela respondeu positivamente com o rosto (pendendo a cabeça para baixo e em seguida para cima. PSMP perguntou: Você gosta de mel com banana? Novamente ela respondeu positivo, enquanto cobri com facilidade as palavras. Neste momento, a cunhada fez uma intervenção: “Você gosta de banana, J?” com certa ironia. J olhou para ela e sorriu.

A falta de contexto da atividade foi um gatilho para o desinteresse de J. Ela cumpriu a tarefa, no entanto, o sujeito manteve-se distante, e submerso no distanciamento daquilo que não permite o pertencimento.

Essa é a crítica de Coudry (1996) e Novaes-Pinto (2011) em relação as atividades e avaliações tradicionais da afasia, em que o sujeito é excluído, desconsiderado, em que não há pertencimento, e não desperta o sentido do sujeito. Situação em que o “eu” não dialoga com o “tu”, pois o “tu” se torna invisível perante um diálogo atemporal, e acultural, e a fluidez da linguagem desagua em margem seca.

Figura 16 – Sem Contexto

Fonte: Banco de dados do ECOA.

Sob outro enfoque, em outro momento, foi apresentada atividade com letras coloridas em EVA, para montagem de nomes. Não eram quaisquer nomes, mas nomes que faziam sentido para J: o nome do esposo, da filha, o próprio nome. As letras foram embaralhadas e J precisava montar. Antes de iniciar sua tarefa ela olhou para as letras, e ficou imóvel, como em silêncio (uma vez que sua linguagem nesse momento se manifestava somente pelo não-verbal), fundamentando a próxima ação. J conseguiu montar o nome de P, porém com uma ou outra letra invertida. Apresenta dificuldade para montar o nome da filha, no entanto o fato de não conseguir gerou frustração e J retomou ao silêncio não verbal – havia um impedimento fisiológico.

Figura 17 – Montando Nomes

Fonte: Banco de Dados do ECOA.

7.10 Inerte na Gangorra

Fez-se necessário mudar a atividade, e verificar a extensão da compreensão de J, ao que estava sendo apresentado para ela. Então, foram apresentados cards coloridos, e PSMP lhe solicitava os cards pelas cores: branca, amarela, rosa, laranja, azul, verde e vermelho. Ao primeiro comando: J você pode pegar o vermelho, por favor? J pegou o card vermelho. No

entanto, ao segundo comando, antes que PSMP solicitasse, ela entregou o card verde. PSMP respondeu: Não! Você pode pegar pra mim o azul? J não conseguiu correlacionar a cor ao card; não conseguiu atender à ordem de identificação. A pesquisadora repetiu o nome de cada cor apontando para o card correspondente. Relacionou a cor com a cor do céu, mas não houve compreensão. J pôs-se a olhar para os cards e colocou dois dedos sobre a boca como se estivesse pensando a respeito. PSMP pediu que J pegasse o card rosa: olhando para os cards, da mesma forma, durante quase um minuto, o silêncio instaurado não fundamentava o que estava para ser dito, e novamente o impedimento a estacionou no alto da gangorra, inerte.

Figura 18 – Cards Coloridos

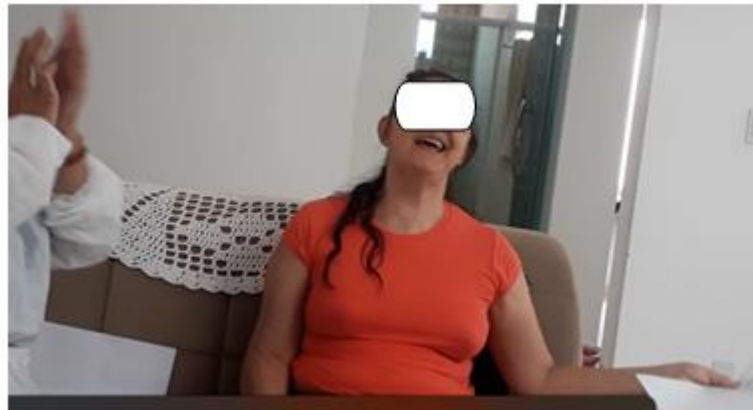


Fonte: Banco de Dados do ECOA.

7.11 O Torque – retorno ao movimento

A “reabilitação” de J foi evoluindo em decorrência de intenso trabalho que envolvia a equipe multidisciplinar, a família e a força de vontade de J. Em paralelo a relação pesquisador-sujeito foi amadurecendo, e a comunicação entre ambas mais estabelecida. Foi sugerida atividade com música para J. Foram apresentados alguns estilos de música, como gospel, pop, entre outros e ela escolheu o estilo sertanejo. PSMP levou a letra da música, e convidou J para acompanhar a música enquanto era reproduzida na caixa de som. J. cantarolou toda a melodia com a nuances que música exigia. Quando acabou sua satisfação foi tamanha, que ela continuou cantarolando e com gestos e sons e solicitou continuação da atividade na semana seguinte.

Figura 19 – A Música como Torque

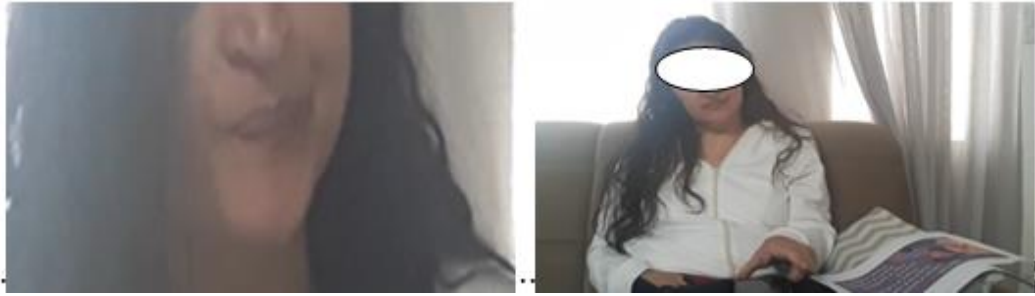


Fonte: Banco de Dados do ECOA.

O impedimento crônico do dizer tem como consequência o silêncio, manifestado nas ausências de som, na apatia de gestos pausas de enunciados. São tantas as formas de que o silêncio se manifesta, tanto quanto os sentidos que carrega. É possível identificar e compreender no silêncio sua silhueta esquadrihada pelo sentido. Por ter formas, sentidos e funções, o silêncio, que não é vazio, tem valor na linguagem.

O silêncio, como dito, pode ser harmonioso ou ruidoso. O Silêncio que na maioria das vezes era manifestado por J, a aprisionava no alto da gangorra, e sua angústia por estar lá em decorrência de seus impedimentos tornava seu silêncio nada harmonioso, ao contrário caótico. Contudo, o torque é a grandeza vetorial que quando aplicada sobre um eixo provoca movimento, é um momento de força. A música tem esse lugar: uma grandeza vetorial que quando aplicada sobre um eixo rígido provoca movimento, permitindo ressignificar o silêncio caótico, pautando o silêncio em harmonia.

Por isso, PSMP sugeriu atividades com músicas para J. Inicialmente apresentou música gospel por saber que ela gostava de cantar os hinos em casa e na igreja. Deu certo. Ela cantarolou e solicitou mais. PSMP prometeu levar outras músicas. Na semana seguinte foi apresentada a música de Melin – “Você é a razão da minha felicidade”. A pesquisadora levou a letra da música impressa, com a foto dos cantores. No entanto, ela esboçou em diversos momentos expressão de insatisfação, suprimindo seus lábios, como demonstrado a seguir:

Figura 20 – Insatisfação

Fonte: Banco de Dados do ECOA.

Na semana seguinte, foram apresentadas outras opções de estilos musicais. Entre, os cantores PSMP mostrou Ivete Sangalo, J recusou. Cantarolou “Aiiiiii, Aiiii” que lembrou uma canção de Gilberto Gil. A pesquisadora então apresentou de Gil, especificamente a música “Vamos Fugir”. Ela cantarolou e comemorou! O que facilitou a tarefa de J foi a memória afetiva, a força da música, e a necessidade de encontrar algo com que realmente se identificasse. Naquele dia, o silêncio de J foi tomado de sorriso e expressão corporal. Ela falava com todas as vozes que seu corpo lhe possibilitava. A gangorra retomou o movimento, a linguagem estava em ação, o sujeito estava se (re) constituindo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afasia, de forma geral, é uma alteração da linguagem. Há a pessoa com afasia que apresenta dificuldade na compreensão, e na produção da fala e da escrita; a essa manifestação denomina-se afasia de Wernicke desde o século XIX. Contudo há a pessoa com afasia que apresenta fluidez de fala alterada, mas a compreensão do que se é ouvido preservada, rotulada como afasia de Broca. Como visto, Luria a partir de uma compreensão dinâmica do funcionamento cerebral chama a atenção que há componentes de linguagem em várias áreas do cérebro, classificando afasias, relacionando-as a problemas primários e áreas de danos cerebrais em: dinâmica, motora aferente, motora eferente, sensorial, acusticomnética e semântica. Coudry chama a nossa atenção para o que se mantém na atual condição de um afásico ou para o que se produz, ou seja, para “rearranjos para falar por diferentes trajetos que, de maneira geral, se apresentam como uma relação não oficial, [...], mas, produto de um trabalho linguístico-cognitivo que circula por diferentes sistemas verbais e não verbais” (Coudry, 2008, p. 13). É nesse momento que, retomado o silêncio enquanto linguagem, e como processo estruturante de sentido supõe-se que o silêncio possibilita a pessoa com afasia significar, dizer mesmo sem falar. Compreender o papel do silêncio e esse guarda-chuva de significados que o compõe pode ser importante janela para promover à pessoa com afasia um novo caminho para a reorganização de sua linguagem.

Em recente artigo, Azevedo *et al.* (2019) apresentaram aspectos do silêncio e do silenciamento na afasia, que, de encontro ao que a sociedade idealiza de linguagem fluente (sem pausas, hesitações, deslizos e plena fluência), revela que, mesmo na linguagem atípica, o sentido está presente. Retomando Orlandi (2007 [1992], p. 46), que afirma que o silêncio é o lugar onde o sujeito insere o sentido, as autoras afirmam que o sujeito não fala, mas significa. O silêncio é onde o equívoco e o deslocamento de sentido têm lugar, e onde as relações entre linguagem resistem e são ressignificadas.

Na maioria das vezes, a pessoa com a chamada afasia de expressão tem sua compreensão e cognição preservadas. Impossibilitado de expressar palavras, manifesta no silêncio, suas singularidades, sentidos e dizeres não-ditos. O silêncio possibilita ao afásico ressignificar, portanto compreende um importante recurso no processo alternativo de significação. Reconhecer o sentido que o afásico atribui ao silêncio manifesto é uma forma de intervenção bem mais eficaz que a “atribuição” de palavras que ele não pode dizer, é possibilitar ao afásico, dizer, significar, revelar-se. A ND tem contribuído para um olhar

diferenciado para os quadros de afasia ao reconhecer o processo de significação do sujeito e aqui identificamos o silêncio como parte dessa possibilidade de construção de sentidos.

O modelo de acompanhamento preconizado por Coudry, em que as práticas discursivas propiciam a relação dialógica entre sujeito e pesquisador, e vice-versa, e atenta para a necessidade de um ambiente em que os interlocutores possam construir e compartilhar seus dizeres e não-ditos e manifestar formas alternativas de significação, tem sido aplicado com sucesso no Espaço de Convivência dos Afásicos e Não-Afásicos. No entanto, por demanda histórico-social, respeitando a urgência de cuidados em biossegurança, este modo operante presencial não é possível ser praticado neste momento. Um grande desafio se apresenta aos pesquisadores que tentam criar e estabelecer atividades significativas para o atendimento à distância, por meio de tecnologia ativa, em ambientes virtuais reproduzindo a dinâmica do espaço, respeitando a metodologia do dado-achado. É um novo capítulo que está sendo escrito. Por ora, é sabido que o desafio de permitir ao afásico ser proprietário de seus enunciados é possível, mesmo no meio virtual, contanto que neste espaço a prática da linguagem tenha como preocupação fundante o não isolamento social, o enfrentamento das dificuldades e a construção de possibilidades de o sujeito estar no mundo em meio ao exercício com e sobre a linguagem (Sampaio, 2006, p. 77).

O arcabouço teórico da Neurolinguística Discursiva propicia abordar a afasia sob uma perspectiva enunciativa-discursiva, em que o sujeito e o pesquisador têm uma relação dialógica, ativa e essencial neste processo. A linguagem, compreendida para além de código, é considerada em sua totalidade e todos os recursos linguísticos e não verbais do sujeito são elencados para a possível tradução da afasia. Um desses recursos é o silêncio. O silêncio quando simbólico fundamenta a produção de sentido. Segundo Orlandi (2009 [1999], p. 74), o silêncio tanto fundamenta como pode se estabelecer de forma constitutiva ou local. No entanto, como se manifesta o silêncio estruturante de sentido na linguagem do afásico; se é o silêncio mecanismo de ressignificação na Afasia; ou se é possível descrever o silêncio na afasia, e diferenciá-lo quando manifesto, são questões que esta tese buscou responder, confirmando a hipótese que o silêncio identificado na linguagem da pessoa com afasia é estruturante de sentido, faz parte dos processos de significação podendo ser caracterizado como processo alternativo de significação.

A partir da tipificação do silenciamento, entende-se que, para cada categoria de silenciamento, há o silêncio correspondente pelo efeito e não pela causa, por exemplo: o silêncio apreendido nos dados apresentados, é derivado de silenciamentos (impedimentos) fisiológicos e sociais aos quais os sujeitos foram submetidos. Sendo assim, para o caráter

político do silêncio, como consequência, está o impedimento, o que caracteriza o silêncio não harmonioso, caótico, desesperador, o desequilíbrio. Para o silêncio que fundamenta, o fluxo para o equilíbrio, para a harmonia, para o constituído, o dito, o real. O silêncio é caracterizado pelo efeito que ele causa.

Os dados apresentados confirmam o papel do silêncio como estruturante de sentido, como fundante e constitutivo, e como parte de um sistema de significação da linguagem não-verbal, além de ele em si mesmo ser linguagem não-verbal, e ser alicerce e intermeio da linguagem verbal. A diferença está na carga de subjetividade que ele conduz e transborda. De todas as formas o silêncio apresenta-se impregnado de sentidos, portanto não é vazio. O silêncio que é visto como o não-dizer, diz! Portanto é linguagem. O silêncio permite a linguagem significar, portanto, ele é parte de um sistema alternativo de significação. O silêncio na afasia, ocupa todas as suas funções. Rastrear, perceber, traduzir o silêncio na linguagem da pessoa com afasia significa percebê-la para além da falta, significa alcançá-la em sua soma, e viabilizar sua totalidade. Permite que o afásico retome o lugar de pessoa, e reassuma o protagonismo de sua personalidade.

A afasia é uma alteração de linguagem, não a ausência dela. O resultado apresentado nesta tese reivindica a percepção do silêncio, que constitui, revela e ressignifica aquele que tem sua linguagem alterada, e se encontra imerso em um universo caótico. Posto isto, esta tese é relevante para profissionais, técnicos, cuidadores e familiares que cuidam, tratam e dão suporte a pessoas com afasias. É relevante para pesquisadores, acadêmicos e estudiosos da afasia, e da linguagem. Para todo aquele que desejar se tornar moinho de vento, que apreende, converte, transforma sentidos e facilita o protagonismo do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ATLAS de Neuroanatomia para Patologistas: cérebro adulto normal – cortes sagitais, linha média. Disponível em: <https://anatpat.unicamp.br/bineucerebrosagital1.html>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- AZEVEDO, N. P. S. G.; SILVA, C. S.; MOURA, E. M. A. C.; CAVALCANTI, M. C. G. P. A linguagem atípica e o silenciamento em afasia e gagueira: uma análise discursiva (Atypical language and silence in aphasia and stuttering: a discursive analysis). **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 1, p. 37-54, mar. 2019. ISSN 1982-0534. DOI: 10.22481/el.v17i1.5312. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5312>. Acesso em: 7 set. 2019.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed. Tradução de M. Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012 [1929].
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Taxa de Morte por AVC e doenças do coração caem entre as mulheres. **Saúde.df.gov.br**, Distrito Federal, 15 mar. 2019. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/w/taxas-de-morte-por-avc-e-doencas-do-coracao-caem-entre-as-mulheres>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- CAGE, J. **Silence: lectures and writings**. Connecticut: Wesleyan University Press, Middletown, 1961, [1939]. Disponível em: <https://archive.org/details/silencelecturesw1961cage/page/n1>. Acesso em: 14 maio 2019.
- COSTA, E. M. A. **Análise do Discurso de Sujeitos Afásicos e Seus Familiares sobre Afasia**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/1147/5/erika_maria_asevedo_costa.pdf. Acesso em: 2 nov. 2023.
- COTA, I. R. **O que ECOA o sujeito afásico RG em um estudo neurolinguístico**. Orientador: Nirvana Ferraz Santos Sampaio. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2012. DOI: 10.54221/rtdppglinuesb.2013.v1i1.20. Disponível em: <https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/20/1>. Acesso em: 5 maio 2022.
- COTA, I. R. **Um Olhar para Questões de Linguagem de Sujeitos com Alteração de Memória Após Eventos Neurológicos**. Orientador: Nirvana Ferraz Santos Sampaio. 2022. 140 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: Discurso e Afasia**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

COUDRY, M. I. H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução (Discursive Neurolinguistics: aphasia as translation). **Estudos da Língua (gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 7-36, dez. 2008. ISSN 1982-0534. DOI: 10.22481/el. v 6i2.1065. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1065/913>. Acesso em: 27 fev. 2018.

COUDRY, M. I. H. O Que é Dado em Neurolinguística? *In*: CASTRO, M. F. P. (org.). **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996b. p. 179-194.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. Avaliação discursiva das afasias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v. 5, n. 8, p. 360-377, ago. 2017.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F.; SILVA, M. A. (org.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com Linguagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S. Avaliação discursos patológicos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, (SP), n. 5, p. 99-109, 1983.

DAMIANI, D.; NASCIMENTO, A. M.; PEREIRA, L. K. Funções Corticais Cerebrais: o legado de Brodmann no século XXI. **Arquivos Brasileiros de Neurologia**, Rio de Janeiro, p. 1-11, nov. 2016.

DE ANGELI, N. P.; BIN, P. R.; RIGATTI, P. C. O Cérebro Pronto para a Linguagem. **Revista da ABRALIN**, v. XIX, n. 2, p. 1-6, 2020. DOI: 10.22481/el. v17i1.5312. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1532/1541>. Acesso em: 23 mar. 2021.

DUQUE, A. C. M.; GHIRELLO-PIRES, C. S. A. Afasias de Luria: Correlação Entre o Tipo de Lesão e os Aspectos Linguísticos. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, v. 13, n. 44, p. 40-52, 2019. ISSN: 1981-1179. DOI: 10.14295/id online. v13i44.1551. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1551/2333>. Acesso em: 26 out. 2023.

ENGEL, L. C. **MEDGRUPO: AVE e Síndromes Neurológicas**. São Paulo: Editora MedWriters, 2010.

FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. **Revista do GEL**, n. especial, p. 37-74, 2002. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/280/185>. Acesso em: 26 out. 2023.

FRANCHI, C.; FIORIN, J. L.; ILARI, R. **Linguagem Atividade Constitutiva: Teoria e Poesia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FREUD, S. As Afasias de 1891. *In*: FREUD, S.; GARCIA-ROZA, L. A. **Sobre a concepção das afasias, um estudo crítico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1891. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014. ISBN 978-85-378-1306-5. (Coleção Freud e seus interlocutores).

FRIEDMAN, S. **A construção do Personagem Bom Falante**. São Paulo: Sammus, 1994.

GIRODO, C. M.; SILVEIRA, V. N. S.; GIRODO, G. A. M. Afasias. *In*: FUENTES, D. **Neuropsicologia: Teoria e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 119-135.

GLASSER, M. F.; COALSON, T. S.; ROBINSON, E. C.; HACKER, C. D.; HARWELL, J.; YACOUB, E.; UGURBIL, K.; ANDERSSON, J.; BECKMANN, C. F.; JENKINSON, M. SMITH, S. M.; ESSEN, D. C. V. A multi-modal parcellation of human cerebral cortex. **Nature**, v. 536, p. 171–178, July 2016. DOI: 10.1038/nature18933.

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. **Henri Wallon**. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. ISBN: 978-85-7019-541-8. (Coleção Educadores).

HAGGORT, P. MUC (Memory, Unification, Control) and Beyond. **Front. Psychol**, v. 4, July 2013. DOI: 10.3389/fpsyg.2013.00416.

HEIDEGGER, M. **A Caminho da Linguagem**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011 [1959].

HELLER, A. A. **John Cage e a Poética do Silêncio**. Orientador: Marcos José Müller-Granzotto. 2008. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91918/257998.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 jul. 2019.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 1969.

KAGAN, A.; SAILING, M. **Uma introdução à Afasiologia de Luria: Teoria e Aplicação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KREMPEL, D. L. B. **Câmaras Anecóicas: princípios de projeto**. Orientador: José Luís Bento Coelho. São Paulo, 2015. Disponível em: https://poli-integra.poli.usp.br/wp-content/uploads/2022/11/2015_Daniel-Luiz-de-Barros-Krempel.pdf. Acesso em: 29 jul. 2019.

LEBRUN, Y. **Tratado de Afasia**. São Paulo- SP: Panamed Editorial, 1983.

LIMA, J. S. Comentários sobre as coisas de Heidegger. **Revista Saberes**, Natal-RN, v. 1, n. 4, jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/568/517>. Acesso em: 1 maio 2019.

LURIA, A. R. **Fundamentos da Neuropsicologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1986.

MACHADO, A.; HAERTEL, L. M. **Neuroanatomia funcional**. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2014. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/resumo-sobre-anatomia-do-cerebro>. Acesso em: 19 maio 2021.

MAGALHÃES, L. Cérebro. **Toda Matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cerebro/>. Acesso em: 7 jun. 2022.

MARTINS, S. O que é o AVC? Acidente Vascular Cerebral: saiba mais sobre o Acidente Vascular Cerebral (AVC), conhecido popularmente como derrame. **Ação AVC**, 10 dez. 2020. Disponível em: <https://www.acaoavc.org.br/pacientes-e-familiares/o-avc/o-que-e-o-avc/o-que-e-o-avc-acidente-vascular-cerebral>. Acesso em: 5 jun. 2021.

MASSAUD, R. M. Guia de doenças e sintomas: Afasias. **Einstein.br**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.einstein.br/doencas-sintomas/afasias>. Acesso em: 5 jun. 2021.

MAXIMO PELIS, S. **Silêncio: a Linguagem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos**. Orientador: Nirvana Ferraz Santos Sampaio. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020. DOI: 10.54221/rtdppglinuesb.2020.v8i1.207. Disponível em: <https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglntesesdissertaco/article/view/207/188>. Acesso em: 3 mar. 2023.

MAXIMO PELIS, S.; SAMPAIO, N. F. S. A linguagem do idoso institucionalizado: a consolidação de sentido no silêncio manifesto. *In*: CONGRESSO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA DA UNIFACS, 1., 2020, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UNIFACS, 2020. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/congressogeriatría>. Acesso em: 3 mar. 2023.

MAXIMO PELIS, S.; SAMPAIO, N. F. S. Sujeito constituído e escrita constituinte. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 51, n. 1, 2022. DOI: 10.21165/el.v51i1.3321. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3321/2083>. Acesso em: 3 mar. 2023.

MIRANDA, M.; BRAINER, J.; JANUZI, L.; REBELLO, L. Números do AVC. **Sociedade Brasileira de AVC (SBAVC)**, 15 fev. 2024. Disponível em: <https://avc.org.br/numeros-do-avc/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MORATO, E. M. Neurolinguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística 2: Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Editora Cortez, 2001. p. 143-170.

MOTA, M. B. Sistemas de memória e processamento da linguagem: um breve panorama. **Revista Linguística**, v. 11, n. 1, p. 205-215, jun. 2015. ISSN: 2238-975X 1. DOI: 10.17074/2238-975X.2015v11n1p205. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4630>. Acesso em: 14 maio 2022.

NASIO, J.-D. **O Silêncio na Psicanálise**. Tradução: Martha Prada e Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

NOSSA História. **Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação Associação das Pioneiras Sociais**. Disponível em: <https://www.sarah.br/a-rede-SARAH/nossa-historia/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

NOVAES-PINTO, R. C. Desafios metodológicos da pesquisa em Neurolinguística no início do século XXI. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 40, p. 966-980, 2011.

NOVAES-PINTO, R. C. Variações Individuais nos Processos Linguístico-Cognitivo de Envelhecimento Normal ou Patológico: cada caso é um caso. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 745-756, 2017. DOI: 10.21165/el.v46i2.1782.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das Afasias: uma discussão crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2008.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 1999. Edição consultada: 2009.

ORLANDI, E. **As Formas de Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 1992. Edição consultada: 2007.

PEREIRA, C. A. A. O Silêncio na Obra de John Cage: uma poética musical em processo. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 3., 2014. Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nusom/sites/default/files/4682-24074-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019.

PINTO, R. C. N. Cérebro, Linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir dos estudos das afasias. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, jan./mar. 2012.

PORTAL DE TRANSPARÊNCIA DO CENTRO DE REGISTRO CIVIL. **AVC em números**: 2023. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral>. Acesso em: 19 jan. 2024.

PUBEL, M. Dois na gangorra. **Portal Comporte-se Psicologia & AC**. Publicado em 10 ago. 2016, às 17h57 pm. Disponível em: <https://comportese.com/2016/08/10/doisnagangorra/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

SAMPAIO, N. F. S. Alguns Aspectos Relacionados ao Funcionamento da Linguagem no Envelhecimento. **Web Revista Discursividade**, v. 7, dez. 2010. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/>. Acesso: 23 abr. 2018.

SAMPAIO, N. F. S. Linguagem, memória e escrita. **Pesquisas E Práticas Psicossociais**, v. 10, n. 2, p. 405-411, jul./dez. 2015. Acesso em: http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/Sampaio. Acesso em: 12 out. 2023.

SAMPAIO, N. F. S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia**: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala. Orientadores: Tania maria Alkmin e Maria Irma Hadler Coudry. 2006. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SAMPAIO, N. F. S.; MAXIMO PELIS, S.; OLIVEIRA, J. C. M. Aspectos relevantes do silêncio para a construção do sentido em dados de uma idosa moradora de uma instituição de longa permanência. **Revista Letras Raras**, v. 9, n. 1, 2020. DOI: 10.35572/rlr.v1i9.1569.

Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1074/942>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 1916. Edição consultada: 2012.

SENHORINI, G.; SANTANA, A. P. O.; SANTOS, K. P.; MASSI, G. A. O processo terapêutico nas afasias: implicações da neurolinguística-enunciativo-discursiva. **Rev. CEFAC**, Maringá-PR, v. 1, n. 18, p. 309-322, 2016. DOI: 10.1590/1982-0216201618117214.

TFOUNI, F. E. V. Interdito e Silêncio: análise de alguns enunciados. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XVI, n. 1, p. 39-56, jan./jun. 2013.

TFOUNI, F. E. V. O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 8, n. 2, p. 353-371, maio/ago. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26610066_Interdito_e_o_silencio_duas_abordagens_do_impossivel_na_linguagem. Acesso em: 28 abr. 2019.

TORQUE. *In*: GLOSSÁRIO do Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física (AMLEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/amlef/glossario/torque/>. Acesso em: 07 jan. 2023.

ULLMAN, M. T. The Declarative/Procedural Model of Lexicon and Grammar. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 30, n. 1, p. 37-69, 2001. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1005204207369>. Acesso em: 28 abr. 2023.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(a) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine a última, na linha “Assinatura do participante”.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Simone Máximo Pelis

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: Profª Nirvana Ferraz Santos Sampaio

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA

Silêncio na Afasia

2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

Compreender o papel do silêncio é uma importante janela para promover à pessoa com afasia um novo caminho para reorganização de sua linguagem. Este projeto visa experienciar o silêncio na afasia de Broca (global, normal ou anômica), ou seja, indivíduos em que a capacidade de compreensão é preservada.

2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

Identificar o papel do silêncio na linguagem da pessoa com afasia, descrever a manifestação do silêncio na linguagem do indivíduo com afasia e tipificar o silêncio enquanto parte de sistema alternativo de significação para pessoas com afasia.

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:

A geração de dados se dará a partir do acompanhamento da pessoa com afasia em atividades interacionais espontâneas ou elaboradas a partir das atividades diárias do sujeito. Atividades em que a linguagem verbal e não verbal colocada em movimento desencadeie situações discursivas, em que a intervenção/manejo se dará por meio da interação pesquisador-afásico, permitindo à pessoa com afasia a reorganização de sua linguagem. A obtenção de dados será feita com recurso audiovisual, com gravação de áudio e vídeo autorizado por termo de autorização para imagem e depoimentos e termo de

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 1

consentimento livre e esclarecido.
3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO: <i>No ECOA – Espaço de Convivência entre Afásicos e Não Afásicos, em domicílio ou Em Ambiente Virtual, em consonância com a orientação de distanciamento social, como protocolo de biossegurança, promulgado pela OMS em março de 2020, em decorrência da Pandemia de COVID-19.</i>
3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO: <i>Sessões de 50 min individuais ou sessões de até 120min em grupo.</i>

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO MODERADO ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

Desconforto ou inadaptação à mediação por tecnologia ativa, ou possível estresse emocional

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Interrupção imediata à qualquer sinalização do participante ou percepção do pesquisador

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Acompanhar e promover para a pessoa com afasia um novo caminho para a reorganização da de sua linguagem.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Pela linguagem a pessoa com afasia se constitui enquanto sujeito. Ao se reapropriar do próprio discurso, o afásico tende a dar continuidade ao próprio processo social e histórico, o que vai refletir de forma positiva em sua saúde global, individual e familiar.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: O pesquisador responsável precisará ressarcir estes custos.

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 2

R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum.

6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.

6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídas.

6.9. Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.

6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: Simone Maximo Pelis

Endereço: Estrada do Bem Querer, Km 04, Vitória da Conquista, Caixa postal-95, Cep 45083-900

Fone: 77.3424-86593 / E-mail: simone.maximo@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP), Jequiezinho, Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

em participar do presente estudo;

com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista, Clique aqui para inserir uma data

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 3

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



Impressão Digital
(Se for o caso)

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Vitória da Conquista, [Clique aqui para inserir uma data](#)

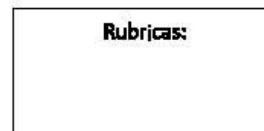
Assinatura do(a) pesquisador

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 4

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
 (73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:



ANEXO

ANEXO A – Normas de Transcrição Utilizadas nesta Tese

A fim da padronização dos registros de dados, adaptamos, para esta dissertação, o modelo utilizado no sistema de notação e a codificação do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN):

1) Quadro

É composto por 6 colunas: Numeração dos enunciados (turnos), Sigla do Locutor, *Time Code* (código de tempo), Transcrições, Observações sobre condições de produção do enunciado verbal, Observações de condições do enunciado não-verbal.

* Coluna Sigla do Locutor

Os sujeitos são identificados por Inf (informante) seguido de uma sigla ou duas (A primeira em maiúsculo e a segunda, quando houver, em minúsculo). Exemplo: Inf (informante) + Silvia = InfS, Inf (informante) + Silvia Maria = InfSm (nomes fictícios usados apenas para exemplificar essa coluna).

Já o pesquisador é identificado por uma sigla de 4 letras, na qual a primeira será a letra “P” (**Pesquisador**) em maiúsculo e as demais as primeiras letras do nome e sobrenome em maiúsculo. Exemplo: PSM = Pesquisadora Silvia Maria (nomes fictícios usados apenas para exemplificar essa coluna).

*Coluna Transcrição

Espaço destinado para o registro baseado **no que foi dito** pelos sujeitos e pesquisadores. Esses registros podem ser feitos de dois tipos: transcrição simples ou ortográfica.

* Colunas de Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais e Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais

Espaço destinado para explicitar a natureza dos dados, não mais o que foi dito, mas **como foi dito**. Engloba observações acerca do **ritmo** (pausado, acelerado, hesitação, pausa breve, longa etc.) e do **tom** (afirmativo, dúvida, surpresa, decepção, suspense, ironia, incerteza, enumeração etc.).

Além de observações sobre os gestos (não-verbais).

2) Outras marcações:

Mensurando o silêncio	Cada ponto equivale a um segundo
(.) (...)	Até três segundos é considerado pausa
(....)	Acima de quatro segundos consideramos silêncio
[00:00:42.11]	Inicial da evocação do enunciado
[00:00:52.16]	Tempo de evocação: 1 a 3 segundos + tempo de pausa *

De um a três segundos é o tempo médio de evocação dos enunciados. Para enunciados curtos, é descontado um segundo, para enunciados médios, descontados dois segundos e para enunciados longos, o tempo descontado é de três segundos.

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM DA NATURE

TERMS AND CONDITIONS

Mar 20, 2024

This Agreement between Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -- Simone Maximo ("You") and Springer Nature ("Springer Nature") consists of your license details and the terms and conditions provided by Springer Nature and Copyright Clearance Center.

License Number	5522490160293
License date	Apr 05, 2023
Licensed Content Publisher	Springer Nature
Licensed Content Publication	Nature
Licensed Content Title	A multi-modal parcellation of human cerebral cortex
Licensed Content Author	Matthew F. Glasser et al
Licensed Content Date	Jul 20, 2016